

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

CÉLIA MARIA MARCONDES FERRAZ SILVA

**EDUCAÇÃO CORPORATIVA E SUBJETIVIDADE:
UM ESTUDO DE CASO**

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Social, sob a orientação da Prof^ª Dr^ª Maria do Carmo Guedes.

**SÃO PAULO
2007**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

BANCA EXAMINADORA

*Dedico este trabalho aos meus três filhos,
Rodrigo, Arthur e Mariana, esperando que,
como eu, acreditem que sempre é tempo de
realizar os nossos sonhos.*

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender de que forma o esforço de educação desenvolvido pela universidade corporativa de uma dada empresa atuou sobre o psiquismo de uma pessoa que obteve, nestes cursos, uma parte significativa da sua formação. A justificativa para esta pesquisa reside no fato de que estas entidades poderão ser, no futuro, parte integrante do esforço de educação no país, daí entendermos a necessidade de se compreender as decorrências para o indivíduo da educação oferecida pelas empresas.

Nosso pressuposto inicial era que uma forma de educação, impregnada de uma ideologia capitalista (e totalmente voltada para satisfazer as demandas de natureza puramente econômicas), influencia a consciência que o profissional tem de si mesmo, bem como sua relação com os outros, além da constituição de sua identidade.

Começamos pela revisão teórica das categorias fundamentais do psiquismo. Os seres humanos são dotados de consciência, atividade e identidade, que não podem ser estudadas diretamente, mas apenas por meio das mediações representadas pela linguagem, pelo pensamento e pelas emoções. O indivíduo em contato com o meio social internaliza o mundo em que vive, construindo a sua subjetividade. Por meio de suas ações, esta subjetividade aflora e as impressões do convívio humano são novamente interiorizadas, numa relação dialética entre subjetividade e objetividade.

A educação representa uma influência de grande importância neste processo que se desenrola ao longo da vida. A educação para o trabalho, quando deixa de ser uma forma de desenvolver habilidades profissionais, contribui para a formação de um sujeito moldado aos interesses do capitalismo e desprovido de capacidade argumentativa.

Palavras-Chave: Educação, Trabalho, Subjetividade, Identidade.

ABSTRACT

The present research work represents an attempt to promote a better understanding of how the college programs developed by some corporations actually exert influences on the people psychics, especially when the employee does not have a solid background, and what is gotten from such programs performs an important part of their education. This thesis aims to a contribution of the significant role of corporate colleges for people's education, as long as they could represent in the future an important share of Brazilian educational effort in general standards.

Our basic assumption resides on the fact that when the program is effectively oriented to attend only economic needs, as long as reflects the capitalism ideology, it exerts a significant influence on people's mind, self consciousness, as well as self identity.

The discussion starts on the analysis of the psychics upper categories. The human being has consciousness, activity and identity. However, in order to reach those categories, we need to research the language, the thoughts and emotions represented by the link between subjectivity and society. Throughout social relationships people internalize the word and build a sense of subjectivity. Using words, during the social life this subjectivity becomes objective through human behavior. There is a dialectic relationship between subjectivity and objectivity.

Education represents an important influence especially to build people's subjectivity. When the work education consists not only of a training focused on professional skills, it enables a person to be shaped so as to fulfill the capitalism needs, however without important communication and relationship skills to live in society.

Key words: Education, Labor, Subjectivity and Identity.

AGRADECIMENTOS

Quando alguém decide, como eu, buscar um título acadêmico muitos anos após uma bem sucedida carreira em empresas, e com quase vinte anos de magistério numa conceituada instituição de ensino, numa área que não é a sua, além de muita determinação, de uma boa dose de humildade, são fundamentais o apoio dos Professores e ser recebida com naturalidade nos bancos escolares. Assim sendo, o meu primeiro agradecimento vai aos queridos Professores do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) que foram muitos, os quais, com a sua sabedoria e generosidade, me ensinaram lições valiosas.

Mas se por um lado o caminho foi árduo, por outro a minha busca foi facilitada, porque eu tive alguém que me cobrava implacavelmente o título, e, por esta razão, reconheço a sua importância nesta conquista. Quero registrar um agradecimento especial ao Prof. Dr. Richard Lucht, diretor acadêmico da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) - instituição de ensino superior onde leciono -, que teve o grande mérito de me exigir o mestrado e muito me estimulou nesta jornada. Tenho certeza que ele está tão feliz quanto eu.

Tive, por força das circunstâncias, a felicidade de frequentar dois núcleos de pesquisa: o Núcleo de Pesquisa das Categorias Fundamentais do Psiquismo e o Núcleo de Pesquisa em História da Psicologia.

Aos colegas de ontem e de hoje, quero deixar registrado o meu muito obrigada e a minha eterna saudade. Gostaria de fazer uma menção especial a minha colega e grande amiga Yara Soares de Araújo, que foi quem me apresentou à PUC- SP, e esteve comigo desde os primeiros passos até hoje. Mais que minha colega você foi minha Professora, aceite o meu carinho e a minha admiração.

Ao meu filho, o psicólogo Arthur Marcondes Ferraz Silva, que me acompanhou desde as primeiras leituras para o exame de seleção e seguirá comigo até a

defesa me ajudando a desvendar a complexidade da Psicologia e me permitindo viver uma maravilhosa experiência de trocar de lugar e poder estudar e aprender com o filho meu muito obrigada e todo o meu amor.

Aos professores integrantes da Comissão Examinadora que foram de enorme valia por ocasião da qualificação, deixo aqui registrados os meus agradecimentos.

Ao Prof. Dr. Antonio da Costa Ciampa, agradeço não só pelo direcionamento no exame de qualificação, mas por suas aulas apaixonantes durante o curso. Ao Prof. Dr. Roberto Heloani, o qual conheci apenas na qualificação, mas cuja obra representou, para mim, uma significativa descoberta, o meu muito obrigada e, esteja certo, vou continuar aprendendo com o senhor por meio dos seus trabalhos.

Por ter freqüentado dois Núcleos, tive o privilégio de ter duas orientadoras: a Prof^a Dr^a Sílvia Tatiana Maurer Lane e a Prof^a Dr^a Maria do Carmo Guedes que guiaram o meu “desordenado” pensamento. A morte levou prematuramente a professora Sílvia, quando a minha pesquisa estava apenas começando. Mas ela nunca me abandonou, pois tão vasta é sua obra, que a todo o momento estabeleço uma conexão com os seus pensamentos, e ainda guardo na memória a lembrança do som da sua voz em sala de aula. Esta página não estaria completa sem agradecer à Professora Sílvia e reconhecer que ela vai prosseguir me inspirando por toda a vida.

A professora Maria do Carmo Guedes me acolheu em circunstâncias difíceis, pois perder um orientador é perder o farol na escuridão, é como perder mãe ou pai. Entretanto, senti-me acolhida e segura desde o primeiro momento. Com você, Maria do Carmo, eu fui capaz de superar a saudade, aprendi a importância do rigor da pesquisa, a necessidade de formular idéias com precisão, a importância da qualidade na argumentação e a contribuição efetiva que o olhar histórico confere ao projeto acadêmico. Como foi bom ter uma orientadora que, como você, tem amizade e carinho pelos seus alunos! Muito obrigada pelos ensinamentos, pela amizade e pelo convívio agradável neste tempo.

Agradeço, finalmente, à Janaina, o sujeito desta pesquisa, cujo nome não pode ser revelado e que ao contar para mim a sua história de vida, de uma forma tão especial, viabilizou este projeto.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1: A SUBJETIVIDADE E AS CATEGORIAS FUNDAMENTAIS DO PSIQUISMO	25
1.1 <i>A constituição do sujeito</i>	25
1.2 <i>Das reações elementares à linguagem e ao pensamento</i>	29
1.3 <i>Sobre a consciência</i>	30
1.4 <i>A atividade como categoria fundamental do psiquismo</i>	40
1.5 <i>A identidade como categoria fundamental do psiquismo</i>	44
CAPÍTULO 2: A EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DO SUJEITO	65
2.1 <i>A Educação segundo Vigotski</i>	65
2.2. <i>A educação oferecida pelas empresas aos funcionários</i>	68
2.3. <i>A formação de profissionais da empresa onde Janaína trabalha</i>	74
CAPÍTULO 3: A PESQUISA	77
3.1 <i>Objetivo Geral</i>	77
3.2 <i>Objetivo Específico</i>	77
3.3 <i>Perguntas da pesquisa</i>	78
3.4 <i>O método</i>	78
3.5 <i>A entrevistada</i>	83
CAPÍTULO 4: A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DE JANAÍNA	84
4.1 <i>O primeiro personagem: a menina prodígio</i>	84
4.2 <i>O segundo personagem: a menina sonhadora</i>	92

4.3 <i>O terceiro personagem: uma volta da menina prodígio e o nascimento da lutadora consciente</i>	97
4.4 <i>O quarto personagem: mater</i>	104
4.5 <i>O quinto personagem: a lutadora profissional</i>	112
4.6 <i>A profissional de comunicação: um novo personagem</i>	127
CONCLUSÃO	139
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	146
ANEXOS	149

INTRODUÇÃO

Ao longo da história do capitalismo, as empresas têm oferecido treinamento aos seus funcionários, para o desenvolvimento de habilidades necessárias à realização de uma atividade profissional e como um elemento de apoio, ao processo de formação de um indivíduo adequado ao sistema.

Segundo Heloani (2003, p.53), a Ford na década de 1920 adotava um modelo de formação constituído de três escolas. A primeira, denominada *escola Ford*, era destinada aos filhos dos empregados e aos órfãos. A *escola do serviço* preparava estudantes estrangeiros para trabalhar nas sucursais da empresa e a *escola de aprendizagem* era voltada à formação de ferramenteiros, em um curso com duração de três anos, com aulas durante oito horas diárias. Estas escolas ofereciam uma bolsa de estudos em dinheiro e formavam profissionais para as fábricas da Ford. O aluno estudava nos manuais da empresa e os instrutores das unidades industriais assumiam o papel de professores. O tempo de aprendizado era dividido entre as salas de aula e os estágios nas fábricas.

Prosseguindo com Heloani (2003), nos preceitos da administração preconizados por Taylor, Fayol e Ford, as atividades na empresa eram divididas em: *funções de produção* (produção, fabricação e transformação), *comerciais* (compras, vendas, permutas), as de *controle financeiro* (referentes à administração do dinheiro), as *administrativas* e as de *contabilidade* (registro do haver e dos deveres). Para operar de forma mais eficaz, essas funções deveriam ser executadas de forma totalmente separada, por trabalhadores diferentes, sendo que aquele que produzisse não deveria planejar registrar, ou controlar e vice-versa.

A atividade dos trabalhadores da produção era manejar as máquinas e a dos supervisores de linha, controlar a produção e pressionar os trabalhadores para adequar-se ao ritmo desejado. O conhecimento sobre as diferentes atividades empresariais era, portanto, fragmentado, e as tarefas simplificadas, de forma a permitir que a qualificação

demandada dos trabalhadores fosse muito pouca. Da mesma forma, a simplicidade do processo permitia a fácil substituição do empregado quando necessário.

No Brasil, as indústrias oferecem treinamento para os seus funcionários desempenharem melhor sua função do dia-a-dia desde a década de 1940. A criação do SENAI, em 1942, por exemplo, foi uma resposta à necessidade crescente de formação de mão-de-obra, para suportar o desenvolvimento industrial, em especial na capital do estado de São Paulo.

Com a Segunda Guerra Mundial em pleno andamento, o contexto político-econômico mundial passava por grandes alterações. Dentre as conseqüências mais imediatas para o Brasil, podemos destacar a interrupção da oferta de mão-de-obra qualificada, representada, naquela época, pelo trabalho do imigrante europeu e as quedas nas importações, o que exigia um maior esforço da indústria local. Segundo informações do próprio SENAI, foram os industriais que liderados por Euvaldo Lodi, presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), e por Roberto Simonsen, o então presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), idealizaram e defenderam, junto ao empresariado e ao poder público, a iniciativa de viabilizar a criação de uma entidade voltada para a educação profissional, mantida, administrada e dirigida pelo próprio setor produtivo. O trabalho de estruturação da entidade contou com a experiência e a intensa participação de educadores como Roberto Mange, João Luderitz, Joaquim Faria Góes Filho, Roberto Hermeto Corrêa da Costa e Ítalo Bologna.

No dia 22 de janeiro de 1942, o presidente Getúlio Vargas assinou, no Rio de Janeiro, o Decreto-Lei Nº 4.048 criando o SENAI, na época, designado como Serviço Nacional de Aprendizagem dos Industriários, órgão subordinado à Confederação Nacional da Indústria (CNI). O SENAI iniciou suas atividades com a instalação do Departamento Regional (DR) do Rio de Janeiro. Posteriormente, nesse mesmo ano, foram instalados os diretórios regionais de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

Com a expansão da industrialização no Brasil, a partir dos anos 1940, foram muitas as empresas que criaram departamentos de treinamento, com o objetivo de desenvolver as habilidades dos trabalhadores para a produção.

Heloani (2003) nos relata que, no final dos anos 1950, com a introdução das máquinas de controle numérico, houve a sofisticação da produção e a necessidade de profissionais com maior qualificação, ampliando a presença dos departamentos de treinamento nas empresas. Essas máquinas, programadas diretamente pelo pessoal da área de planejamento e controle da produção, determinavam o ritmo do trabalho dos operários, de forma automática. Ora, este fato termina por levar as empresas a questionarem a função do supervisor de linha, dando início a uma nova concepção das atividades de produção: as equipes auto reguladas.

Os anos 1960 são marcados por uma série de eventos importantes para o mundo empresarial. A competição entre as empresas se intensifica, em virtude da entrada no mercado mundial da Europa e do Japão recuperados, fazendo crescer a oferta de mercadorias e como conseqüência, reduzindo os preços, e gerando ao final da década, uma crise de sublucratividade para as empresas. A resposta do capital a estes eventos é racionalizar a produção mais e mais, implementando práticas disciplinares nas fábricas, além de buscar novas formas de redução dos custos e dos salários. A resposta dos empregados ao aumento da pressão dos empresários sobre eles é uma sucessão de greves, que combinadas com o desemprego gerado pela racionalização dos processos produtivos, caracterizam o cenário das relações entre capital e trabalho no final dos anos sessenta, não só nos Estados Unidos, mas também na Europa. Esta tensão é agravada pela entrada no mercado de trabalhadores habituados a um nível de consumo elevado e com um bom nível de educação, que não aceitavam a pressão excessiva das empresas, optando por deixar os empregos, buscando novas opções de trabalho. Além disto, nos Estados Unidos, o déficit comercial cresce com a guerra do Vietnã, e com menos recursos, o Estado Previdência se vê enfraquecido (HELOANI, 2003).

Com a crise do petróleo no final da década de 1970 e, posteriormente, com a globalização na década de 1980, a política econômica que prevalece é a do Consenso de Washington (1989), representada por um conjunto de idéias conhecidas como neoliberalismo, as quais preconizavam para os países uma política de estabilização dos gastos públicos e de reformas estruturais. Estas idéias, sancionadas pelo Fundo Monetário Internacional e pelo Banco Mundial, recomendavam ajustes importantes, em troca de financiamento de obras de infra-estrutura e de projetos sociais. O impacto de tais influências foi maior nos países em desenvolvimento. As privatizações das

empresas estatais foram também consequência das idéias neoliberais e ocorreram no mundo inteiro, respondendo à necessidade de redução dos déficits públicos, com a finalidade de desonerar o Estado dos gastos sociais, pois era imperativo reduzir os impostos, deixando às empresas recursos para novos investimentos em produtividade e, conseqüentemente, garantindo a elas maior competitividade (HELOANI, 2003).

Por toda a década de 1990, prossegue nas empresas a busca por produtividade, como fator de competitividade. Uma série de novas teorias é apresentada na literatura de administração de empresas, sempre com vistas a uma maximização da produtividade. Dentre elas destacamos, o “redesenho” ou reengenharia dos processos produtivos¹, e a redução dos níveis hierárquicos. Essas idéias vinham associadas à recomendação da prática de aumentar os lucros, absorvendo todo o ganho de produtividade gerada pelos empregados, não mais repassando ganhos de produtividade para os salários. Tais medidas que caracterizam as práticas do capital na década de 1990, contrariavam as idéias de *Henry Ford*, que defendia que a melhor maneira de gerar produtividade era dividindo ganhos com os trabalhadores. Da mesma forma, a introdução intensa da microtecnologia na produção passou a exigir profissionais com maiores conhecimentos e habilidades. A competitividade intensa estimulou a intensificação da racionalização dos processos produtivos, e a busca de flexibilização do trabalho, levando as empresas a exigir trabalhadores polivalentes (HELOANI, 2003).

Justamente nesta época surge no vocabulário das empresas um novo conceito para definir aquilo que se deseja dos profissionais: competência. O significado deste termo aparece em profusão nos autores da administração. De acordo com Dutra (2001), o perfil dos profissionais buscados no limiar dos anos noventa e com vistas ao novo milênio mudou significativamente em relação ao passado. Antes, era necessário qualificar os profissionais para executar uma função operacional, ficando a importância do trabalhador restrita à capacidade que ele possuía de produzir, de respeitar instruções, normas e diretrizes. A gestão de pessoas estava a cargo dos supervisores que eram os organizadores das tarefas produtivas e os responsáveis pelo controle dos trabalhadores.

¹ A reengenharia de processos foi utilizada por milhares de empresas no mundo todo com base nas idéias de Champy, J e Hammer, M, ambos professores do MIT Massachusetts Institute of Technology.

No fim dos anos 1990, a procura se torna maior por pessoas empreendedoras, autônomas, capazes de improvisar soluções para problemas imprevistos: eles são os assim chamados profissionais competentes, e são buscados para todas as funções de trabalho, do chão da fábrica até o escritório.

Nessa etapa do capitalismo, o foco da gestão de pessoas se volta do desenvolvimento dos mecanismos de controle fundamentais no passado, para os processos de desenvolvimento dos profissionais, pois a crença é de que se os trabalhadores se desenvolverem, a organização poderá também se desenvolver. Se eles forem mais competentes, a organização também o será. Nos anos 2000, prevalece o conceito de competência como a síntese de toda a qualificação desejada dos profissionais se consolida. Dutra (2001) considera que a organização detém a propriedade não só de um conjunto de bens de produção e patentes, mas também de um conjunto de conhecimentos sobre processos produtivos, fórmulas, métodos de gestão dos recursos internos, maneiras de abordar o mercado e de se relacionar com os clientes, que caracterizam as “competências organizacionais” (*idem*, p. 27). Uma boa parte destes conhecimentos e destas informações é do domínio dos trabalhadores. Desta forma, pode-se dizer que a competência organizacional nasce da competência dos profissionais, representando a parcela intelectual do capital das empresas. Daí a justificativa para um grande investimento na formação das pessoas (HELOANI, 2003).

Mas, os profissionais competentes, ou seja, aqueles trabalhadores diferenciados poderiam fazer maiores exigências salariais, o que as empresas não desejavam. Ao contrário, elas continuam buscando o máximo de produtividade nesta época, o que não combinava com um custo maior da folha salarial. Para evitar esta distorção ao esforço de buscar maior produtividade, quando as empresas definem o que é a competência dos profissionais, elas tomam o cuidado de incluir, neste conceito, de profissional competente, não só conhecimentos para realizar um trabalho, ou habilidades para desempenhar atividades, mas também, para ser competente é necessário ter as atitudes compatíveis com as necessidades de cada organização, em particular (DUTRA, 2001).

Dito de outra forma, o profissional competente é aquele que se identifica com as necessidades do capital e não contesta a busca por produtividade que implica compressão de seu próprio salário. Protestar, reivindicar, lutar por parte da

produtividade, para a qual ele contribuiu efetivamente, é o mesmo que não ser competente.

No ponto de vista de Heloani e Piolli (2005), os novos rumos tomados pelo capitalismo após o final dos anos setenta, cujos efeitos se intensificaram nos anos 1980 e 1990, trazem importantes conseqüências para os trabalhadores, além da exigência de possuir maior qualificação para ingressar no mundo do trabalho.

A potenciação da capacidade produtiva da força de trabalho, pela intensificação e precarização do trabalho, a desregulamentação das economias nacionais, a reestruturação do mercado de trabalho, as novas formas de organização do trabalho, a sua flexibilização, o crescimento dos empregos precários, o desemprego cíclico e estrutural e a exclusão de contingentes de trabalhadores do mercado formal são componentes de um novo arranjo societal que busca restabelecer a hegemonia do capital e seu sistema reprodutivo, calcado na busca incessante do lucro e na superexploração do trabalho vivo. As estratégias do capital não ficam restritas apenas à esfera econômica, mas avançam também sobre as dimensões políticas, sociais e culturais, envolvendo mudanças significativas no papel do Estado. A flexibilidade – e seus derivados – torna-se a nova palavra de ordem. (HELOANI e PIOLLI, 2005 p. 201-210)

A superexploração do trabalho vivo diz respeito à necessidade que as empresas têm agora de não utilizar apenas a habilidade do trabalhador, mas toda a sua competência, o que inclui, além de habilidade, inteligência, sua capacidade criativa e seu desejo de empreender, utilizados em benefício da maior produtividade e competitividade das empresas. E é nesta direção que ocorrem os esforços de **desenvolvimento** dos profissionais nas empresas.

Chiavenato (2005) aponta uma diferença de significado entre o que é treinamento dos profissionais e desenvolvimento profissional. O treinamento se restringe a habilitar o funcionário para desempenhar suas atividades. As escolas da Ford habilitavam operários e ferramenteiros a trabalhar nas fábricas da Ford assim como as do SENAI habilitavam operários para a emergente industrialização brasileira desde a década de 1940. O desenvolvimento é algo diferente e que tem como objetivo a

ampliação não só das habilidades, mas das assim chamadas competências necessárias para o futuro, isto é, aquelas tornam as organizações mais competentes e, ao mesmo tempo, permitem ao profissional crescer dentro delas. Apesar de conduzidos com estratégias semelhantes, do ponto de vista do ensino, o treinamento e o desenvolvimento têm objetivos diferentes.

Boa parte dos programas de desenvolvimento procura mudar as atitudes reativas e conservadoras das pessoas, para atitudes pro-ativas e inovadoras para melhorar o espírito de equipe e a criatividade. (CHIAVENATO, 2005 p. 340)

Como vemos, quando o autor se refere aos programas de formação considera as atitudes reativas e conservadoras como características dos profissionais. Portanto, os programas de formação visam não apenas a fornecer um conjunto de conhecimentos e habilidades para realizar as ações necessárias para a atividade profissional, mas também procuram desenvolver nas pessoas comportamentos adequados e específicos, voltados para um agir pro ativo e inovador em relação ao trabalho, além de espírito de equipe e criatividade. Nesta fase o capital não se interessa apenas pela força de trabalho, mas se dá a apropriação da inteligência do trabalhador, procurando moldá-lo aos interesses das empresas.

Por outro lado, o máximo de produtividade só se alcança com profissionais polivalentes, ou seja, ao invés de dois trabalhadores, o ideal é apenas um para a mesma quantidade de trabalho produzida. Há, então, a busca pela atitude inovadora, pois a chefia foi eliminada e nos novos modelos de administração quem regula o trabalho e controla a qualidade da produção é a própria equipe. As atividades não ocorrem mais sempre de forma regular e repetitiva, daí a necessidade de uma predisposição para a criatividade. Novos momentos exigem, portanto, empregados diferentes, trabalhando de forma diferente do passado. Eis a nova forma de ser do empregado, almejada pelo capitalismo dos anos noventa e que adentram os anos dois mil, denominada de competência. Um trabalhador competente não é aquele que faz greve, que resiste à mudança, que não aceita doar o seu talento em troca de um salário que não incorpora mais os ganhos de produtividade, resultantes do seu esforço dobrado. Afinal, não ter um comportamento exemplar, não ser polivalente e sensível às necessidades das empresas, pode ser interpretado como falta de competência. Idéias como estas fazem parte da

ideologia do capitalismo moderno e foram reforçadas nos programas de desenvolvimento de competências para o negócio.

Segundo Taparapanoff (2001), a revolução tecnológica (em especial, a introdução da tecnologia da informação) motivou às empresas a realizarem investimentos significativos no desenvolvimento dos empregados. Entretanto, Heloani (2003) menciona que desde a adoção dos modelos da qualidade total, criados pelos americanos Deming e Juran, implementados primeiramente no Japão e popularizados em todo mundo a partir da partir da década de 1980, já se falava na necessidade de preparar os profissionais da linha de produção para poder entregar a eles a responsabilidade pela qualidade do processo produtivo.

Os departamentos que no início eram voltados ao treinamento de habilidades específicas para produzir foram sendo ampliados, ao longo de todo este período (1940-2000), assumindo nos anos 2000, a responsabilidade de promover o desenvolvimento dos trabalhadores, num sentido novo, e para tanto, as empresas investiram até o ponto de criarem as Universidades Corporativas.² Em 1995 Hamel e Prahalad, autores da mais alta respeitabilidade na área de administração de empresas, já alertavam que vivíamos um novo tempo no âmbito de trabalhar e produzir nas empresas; era hora também de “competir pelo futuro”.

Pegue um livro sobre estratégia ou um manual de marketing e o foco do livro certamente será a competição dentro de mercados existentes. As ferramentas de análise de segmentação, análise da estrutura do setor e análise da cadeia de valor são eminentemente úteis no contexto de um mercado claramente definido, mas como podem ser úteis num mercado que ainda não existe? Dentro de um mercado existente a maioria das regras de competição já foi estabelecida: as negociações de preço-desempenho que os clientes estão dispostos a fazer, os canais que se mostraram mais eficientes, as formas através das quais produtos e serviços podem ser diferenciados e o nível ideal de integração vertical. Contudo, em arenas de oportunidade emergentes, como as drogas fabricadas pela engenharia genética, as publicações multimídia e a televisão interativa, as regras ainda precisam ser escritas. (HAMEL e PRAHALAD, 1995, p. 35)

² Universidade Corporativa é a denominação de um processo de educação dentro das empresas. Não tem qualquer semelhança com o ensino oficial. Não exige pré-requisitos e não titula. O termo é emprestado como uma alusão ao compromisso de ensinar.

Prosseguindo na defesa da necessidade de um profissional diferente, para Kaplan e Norton (1997), dois autores que ficaram conhecidos pela introdução na administração de um instrumento denominado “*balanced score card*”³ (por meio do qual era possível colocar em prática e mensurar os resultados das estratégias empresariais para o crescimento dos negócios), as empresas da era industrial possuíam dois contingentes de trabalhadores bastante diferentes.

O primeiro, representado por gerentes e engenheiros, constituía, segundo os autores, a elite intelectual que utilizava suas habilidades analíticas, para planejar, desenvolver produtos e serviços e controlar a produção que era executada pelo grupo de operários, aqueles que efetivamente fabricavam os produtos e prestavam os serviços. Esta segunda força de trabalho só utilizava sua capacidade física e muito pouco do intelecto. Em especial no final do século XX, com o avanço tecnológico, houve um aumento da produtividade, resultando na redução significativa do número de trabalhadores na atividade de fabricação de bens e serviços. Paralelamente, houve um aumento substancial dos empregados executando funções de planejamento, engenharia, marketing e administração. De acordo com estes dois autores, os trabalhadores que executam as funções de planejamento e controle devem agregar valor pelo que sabem e pelas informações fornecidas. Estas pessoas poderão trazer as respostas corretas da atuação empresarial para os tempos de grande incerteza, conforme Hamel e Prahalad (1995), numa era em que a tecnologia da informação está presente em toda a economia e em especial nos processos industriais.

Taparapanoff (2001) esclarece o surgimento das universidades corporativas no seio das empresas com algo mais antigo, que se deu por volta de 1980.

No início elas (as universidades corporativas) eram pouco mais do que centros destinados a melhorar as habilidades dos seus técnicos. Este *status quo* permaneceu até quando corporações de alta tecnologia, com investimentos significativos em pesquisa e desenvolvimento deram início a um novo ciclo de desenvolvimento para as universidades corporativas. Como

³ *Balanced Score Card* refere-se ao um conjunto de indicadores de desempenho que as empresas acompanham mensalmente. O aprendizado organizacional que representa uma medida da evolução do capital intelectual faz parte dos indicadores.

exemplo, mencionamos a Universidade Motorola fundada em 1981 (TAPARAPANOFF, 2001 p. 12)

Contudo, a maior proliferação das universidades corporativas se deu no final dos anos 1990 e, mais especialmente, nos anos 2000. Segundo Eboli (2004), trata-se de um núcleo de ensino que, mediante a oferta de cursos regulares, propõe-se a promover o aprendizado contínuo, a partir de um programa de ensino permanente, com o intuito de desenvolver nas pessoas que trabalham em todos os níveis, competências para “criar trabalho e conhecimento organizacional, contribuindo assim, efetivamente, para o sucesso dos negócios” (*idem*, p.46). Empréstado o nome universidade do ensino formal, estas unidades se autodenominam universidades corporativas, e proliferam passando a representar um componente importante da educação dos trabalhadores.

De acordo com Junqueira e Vianna (1999) existiam no Brasil em 1999 quatro empresas com universidades corporativas constituídas, estando outras sessenta em processo de estruturação. Nos Estados Unidos, a primeira foi criada em 1955 pela *General Electric*, denominada de *Crotonville*, e em 1997 eram mais de duas mil, em empresas dos mais variados setores produtivos, tais como: tecnologia de ponta, empresas varejistas, setor automobilístico, e setores de serviços, como hotéis, hospitais, etc. Para Éboli (2004), a prosseguir a atual taxa de crescimento, em 2010 nos Estados Unidos, o número de universidades corporativas será maior que o de universidades tradicionais, entendidas como as do ensino formal público ou privadas. Como os cursos oferecidos pelas universidades corporativas das empresas são em geral totalmente gratuitos, não exige formação escolar anterior e a participação dos empregados é compulsória, entendemos que poderá ser significativo o número de alunos a frequentar os cursos oferecidos por tais entidades e conseqüentemente receberem as suas influências.

Em especial no Brasil, esta possibilidade é reforçada pelas dificuldades que enfrentamos para garantir acesso ao ensino superior e de qualidade para todos os cidadãos. Quando na secretaria da cultura do Estado de São Paulo, Cláudia Costin, a ex-ministra da administração e reforma do Estado, com base em pesquisas realizadas no estado de São Paulo, informou que cinquenta por cento das crianças de quarta série não entendem o que lêem, e apenas vinte e seis por cento dos adultos conseguem ler e

entender um livro, revelando a gravidade do problema da educação no Brasil (ÉBOLI, 2004). Sendo assim, as empresas, ao proporcionar cursos profissionalizantes e outros, estão habilitando o profissional para o trabalho e, ao mesmo tempo, imiscuindo-se no processo de ensino e no esforço de educação do país.

Segundo levantamento realizado pela jornalista Beth Accurso em julho de 2005, havia no Brasil 449 empresas com Universidades Corporativas formalmente constituídas.

Os estudos realizados sobre as universidades corporativas, mencionadas acima, por Eboli, Taparapanoff, Junqueira e Costa Curta, descreveram as entidades, sua estrutura física e funcional, os seus objetivos, os seus propósitos e os resultados para as empresas. Mas não analisaram o impacto destas entidades no psiquismo dos trabalhadores que freqüentaram os referidos cursos. Mas, Heloani (2003) alerta para o efeito de transformação do conhecimento do trabalhador em mercadoria e os impactos que um saber fortemente impregnado de ideologia podem acarretar na subjetividade dos trabalhadores.

Será que as universidades em moldes tradicionais não estão preparando profissionais competentes? Talvez sim, mas, com certeza, a principal virtude dessas escolas é sua imensa capacidade de padronização e fragmentação epistemológica, visando manter alinhados, “em sintonia” os objetivos e a cultura organizacional predominante de seus funcionários. Ou seja, a possibilidade de ainda mais instrumentalizar, ou, ainda, de melhor transformar conhecimento em mercadoria... Creio estar claro, caro leitor, que esse fato não se dá por amor à cultura ou por um compromisso com a educação. A objetivação das capacidades intelectuais e cognitivas do trabalhador - algo indispensável para otimização da produção- será facilitada, e muito, se a subsunção do trabalho ao capital, se der cedo, in loco, dentro da própria organização. É o que Max Pagès, referindo-se à empresa hipermoderna, denomina “lugar de uma produção ideológica própria”, tornando-se ela própria “um dos altos lugares da produção ideológica conformista”. (HELOANI, 2003, p. 127-128)

Lane (1993), em *Linguagem, pensamento e representações sociais*, nos lembra que o homem tem uma relação dialética e uma subjetividade que se objetivam no trabalho. Em suas palavras:

A realidade objetiva vivida pelo indivíduo se torna subjetiva, a qual por sua vez se objetivará por meio de suas ações. O ser humano internaliza o mundo em que vive regido pelo contexto social. (LANE, 1993, p. 32)

Todas as vivências se incorporam à subjetividade do indivíduo, passando a constituir a consciência que ele tem de si mesmo e dos outros. Posteriormente estas representações subjetivadas passam a se objetivar na sua forma de agir, na linguagem utilizada, e em sua relação com as outras pessoas (intersubjetividade). Os conhecimentos que o indivíduo adquire e aprende para executar seu trabalho representam uma parte do mundo internalizado e que se objetiva nas ações do trabalhador. O desejo do capital é que os conhecimentos internalizados pertençam à empresa e não ao indivíduo. Mas o que se passa no psiquismo do profissional educado pelas empresas?

Para que o aprendizado ocorra, é necessário que o indivíduo esteja receptivo aos novos conhecimentos. Éboli (2004), em seus estudos sobre as universidades corporativas, mencionou que o modelo para ser eficaz para a competitividade das empresas exige uma predisposição favorável para o aprendizado, e que os empregados sejam capazes de valorizar a importância da educação recebida. Exige que eles tenham emoções positivas em relação ao saber transmitido nas universidades corporativas, para que a tão buscada maior produtividade possa acontecer. Segundo Éboli (2004), estas emoções positivas em relação ao aprendizado são algo “inerente à natureza humana” (*idem*, p. 55), e que, portanto, deve apenas ser despertado.

Entendemos que a compreensão das emoções que cercam as motivações dos profissionais para o aprendizado oferecido pelas empresas é algo a ser estudado de forma mais detalhada e que não devemos aceitar, *a priori*, que o desejo de aprender continuamente é inerente à natureza humana, e que, uma vez despertado, leva os profissionais a quererem aprender sempre mais, tendo como principal motivação o fato de as empresas onde trabalham serem cada vez mais produtivas. Não podemos concordar com a autora.

Aprendemos com Lane (1997) que as emoções são mediações que, ao lado da linguagem, são fundamentais para a constituição do psiquismo humano.

Destacamos assim as duas mediações fundamentais na constituição do indivíduo: a linguagem e as emoções, ambas permitindo a comunicação com o outro, seja ela expressiva, seja ela verbal; elas estão na base da construção do saber, manifestado através das representações sociais, da imaginação e mesmo da fantasia, mas também das ações, de projetos e de suas revisões. (p.19) [A linguagem e a constituição do sujeito, O sujeito entre a Língua e a Linguagem E.M. Parlato e LFB da Silveira. Série Linguagem no 2, São Paulo ABRAPSO.].

Segundo Vigotski (2004), a educação é uma forma específica de influência social. Durante o processo educacional os signos são assimilados pelo sujeito, transformam-se de externos em internos (se interiorizam), assegurando com isto a regulação e a auto-regulação do comportamento. Desenvolvemos a nossa consciência a partir das atividades que realizamos, nós somos a consciência que reflete o mundo em que vivemos, e com esta bagagem nos identificamos e somos identificados por aqueles que nos cercam. De que forma a educação oferecida pelas empresas desenvolve a consciência dos profissionais?

Dirigi, por oito anos, uma universidade corporativa que foi uma das primeiras do Brasil. Os cursos oferecidos estavam agrupados em três grandes blocos. No primeiro bloco estavam os cursos voltados ao aprimoramento das funções operacionais. No segundo os programas dirigidos a facilitar a introdução e o uso na empresa da tecnologia da informação. E, finalmente, no terceiro bloco, se concentravam os programas destinados ao desenvolvimento das competências⁴ requeridas para os gerentes. Nos três núcleos havia programas de capacitação técnica e conteúdos cuja proposta era promover o desenvolvimento de atitudes pessoais para o negócio, mas, acreditávamos que estes poderiam servir aos indivíduos, pois, se eles estivessem mais bem preparados e competentes, seriam mais úteis para as empresas em geral, ampliando suas possibilidades de trabalho no futuro.

Na função de direção, eu trabalhava com alguns educadores com os quais compartilhava o ideal de não sermos apenas uma unidade a serviço do capital, mas um centro de desenvolvimento de competências para os homens e mulheres que trabalhavam na empresa. Por exemplo, se um profissional da base da pirâmide

profissional se comunicava melhor após os cursos da universidade corporativa poderia levar este aprendizado para a sua vida familiar, ou para uma vivência comunitária. Tínhamos a esperança, até mesmo, de que com os nossos programas os profissionais pudessem se tornar mais felizes, por meio do conhecimento e do aprendizado.

Sabíamos claramente que o desejo da empresa era ter profissionais mais qualificados para o trabalho, com vistas a uma maior produtividade. Aliás, era esta necessidade, a grande justificativa para a empresa manter uma universidade corporativa. Mas havia por parte dos educadores um esforço real para proporcionar aos profissionais uma oportunidade de ampliar seus conhecimentos e com isto aumentar suas chances de se realizar na sociedade. Contudo, jamais investigamos como este aprendizado contribuía para a formação dos sujeitos, qual impacto em sua consciência e identidade. Por desejar entender estes fatos, proponho-me a realizar este projeto.

No primeiro capítulo, apresentaremos o referencial teórico por nós utilizado para analisar a subjetividade de homens e mulheres vivendo em sociedade, utilizando para isto os conceitos de categorias fundamentais do psiquismo da *Psicologia Social*, consciência, atividade e identidade.

Prosseguindo, no segundo capítulo, vamos apresentar uma análise da educação como influência social e da educação oferecida pelas empresas em geral, e pela empresa onde o sujeito escolhido por nós trabalhava, para o desenvolvimento dos seus funcionários.

A seguir, no terceiro capítulo, apresentaremos o estudo proposto para esta dissertação, baseado na narrativa da história de vida de Janaina, uma mulher branca, de 56 anos de idade, que ocupa hoje uma posição importante numa empresa que tem uma universidade corporativa, e que pelo fato de ter concluído apenas até o antigo ginásio (o ensino fundamental) e nunca ter frequentado uma faculdade, teve nos cursos oferecidos por esta organização uma parte muito significativa da sua educação formal. Janaina começou como secretária quando a empresa era ainda muito pequena, e hoje gerencia um importante departamento, tendo uma bem sucedida carreira que acompanha a uma expressiva trajetória na própria empresa.

⁴ As competências eram definidas como conhecimentos habilidades e atitudes.

Por meio deste caso, pretendemos mostrar como as categorias fundamentais do psiquismo se fazem presentes na narrativa analisada, assim como avaliar a contribuição da educação recebida por Janaina na universidade corporativa da empresa onde trabalha há 28 anos, na formação da consciência que ela tem de si mesma e na construção da sua identidade.

Anexo, o leitor também encontrará a transcrição integral da entrevista.

CAPÍTULO 1

A SUBJETIVIDADE E AS CATEGORIAS FUNDAMENTAIS DO PSIQUISMO

1.1 *A constituição do sujeito*

Sendo nosso desejo entender como a educação oferecida pela empresa onde Janaina trabalhou, atuou sobre a sua consciência, atividade e sobre a sua identidade, é preciso retroceder e começar a analisar o processo de constituição do sujeito.

Para Lane (2002), o sujeito pode ser definido como uma síntese do particular e o universal e é dotado de subjetividade.

O homem é a síntese do particular e do universal. A subjetividade se forma na relação das pessoas com o meio físico, social, geográfico, histórico e social. Interagindo com o meio e agindo sobre ele a partir de suas ações, ocorre a formação do psiquismo humano, definido por quatro categorias fundamentais, a saber: consciência, atividade, afetividade e identidade. É impossível analisar tais categorias de uma forma direta. Para tanto existem as mediações que são: as emoções, o pensamento e a linguagem. Com elas o homem toma contato com a realidade e se revela enquanto indivíduo (LANE, 2002, p. 42)

Neste mesmo estudo, Lane (2002) lembra que o homem se desenvolveu ontogeneticamente como um ser sócio-histórico. O surgimento do trabalho não somente foi importante como uma forma de garantir a sobrevivência do grupo, mas proporcionou as condições para o desenvolvimento de ferramentas, e de uma linguagem para explicar aos integrantes do grupo como utilizá-las. O grupo social que se organiza para a sobrevivência da espécie humana, favorece a difusão da linguagem, o desenvolvimento dos afetos e dos sentimentos. É neste processo de interação com o grupo que se desenvolve, em cada indivíduo, uma identidade própria, fazendo de cada homem e de cada mulher um ser singular e, ao mesmo tempo, biologicamente semelhante a todos os demais. Na relação dialética do indivíduo com o grupo, transmitindo suas emoções e

sentimentos, difundindo a sua linguagem e, ao mesmo tempo, sendo fortemente influenciado pela linguagem, pelas emoções e pelos sentimentos do grupo, é que o indivíduo desenvolve a sua subjetividade.

Indivíduo e sociedade são inseparáveis, segundo a dialética, pois o particular contém em si o universal; deste modo se desejarmos conhecer cientificamente o ser humano, é necessário considerá-lo dentro do contexto histórico, inserido em um processo constante de subjetivação/objetivação (Lane 2002 p.12)

Utilizando a mesma linha de raciocínio adotada por Lane (2002), vemos que a criança nasce com capacidades próprias da espécie humana. Seu cérebro está preparado para falar, sentir, se relacionar, pensar. Desde a mais tenra idade a criança identifica a pessoa que cuida dela, oferece alimento, e aprende que ao chorar recebe alimento ou carinho, tomando consciência daquilo de que gosta, bem como do que não gosta. Quando cresce um pouco mais, descobre que os sons emitidos pelas pessoas têm um significado; vêm ora acompanhados de carinhos e afagos ou de censuras. As palavras e as emoções atuam como mediações neste processo por meio do qual a criança vai se constituindo como indivíduo. O desenvolvimento fisiológico e o psicológico ocorrem de forma simultânea a partir do crescimento físico e da diferenciação dos neurônios, permitindo novas possibilidades de comportamento e de utilização do corpo: sentar-se ereto, andar, falar, e com isto as crianças passam a conhecer os fatos, os acontecimentos que se passam à sua volta, as pessoas com quem interagem, e as situações que tem nomes específicos, como por exemplo, o dia do seu aniversário, o Natal etc.

Com o tempo a criança aprende a falar o que sente, o que gosta e o que não gosta, o que quer; aprende o significado dado pelos adultos do que é certo e do que é errado, do que é bom e do que não é, do que é bonito e do que é feio. Nesta sucessão de descobertas, a criança se depara com o outro, ou melhor, com os “outros”, integrantes do seu grupo social. Quando descobre os outros, aprende que tem uma família e estuda em uma escola, que tem a vizinhança. Conhece o que é a forma desejada pelos pais para se comportar quando está em casa, e pela escola quando está na escola. Descobre também que há meninos e meninas. Com esta diferenciação, se dá conta da sua sexualidade. Conhece os valores e as crenças, os quais, em um primeiro momento, julgava serem apenas de sua família, e depois descobre que são também os da escola.

Por fim, se da conta de que vive numa sociedade que possui com regras, normas, leis e ideologia sobre o que deve ser preservado, defendido e o que deve ser combatido. Posteriormente toma consciência de si mesma, do espaço que ocupa na sociedade. Ao crescer e estudar, ela pode escolher uma profissão, atividade que traz novos aprendizados. Descobre, então, que as pessoas mudam segundo a atividade exercida e que pessoas que têm a mesma atividade agem de forma parecida, além do fato de que tais formas são diferentes daquelas utilizadas por pessoas que exercem outras atividades. Na escola e, posteriormente, no trabalho, ela se apropria de um conhecimento que não é seu, mas de toda a sociedade. Cultiva afetos, gosta de uns bem mais que de outros e finalmente se descobre com uma singularidade que briga para se fazer valer num contexto onde o pensamento do grupo, parece prevalecer sobre o seu próprio pensamento.

O indivíduo escolhe a sua profissão, decide com quem vai se juntar para viver um amor, ter filhos. É bem verdade que esta singularidade está impregnada das influências do meio, mas é verdade também que o indivíduo pode fazer escolhas, as quais mudam ao longo de sua vida, num processo que, segundo Ciampa (2001), lembra uma *“lagarta em metamorfose para se transformar numa borboleta”*.

É na interação do indivíduo com o seu grupo social que se forma a sua subjetividade, que por sua vez se objetiva na relação com o grupo. “A subjetividade é, portanto, construída na relação dialética do indivíduo com a sociedade e suas instituições” (LANE 2002, p.17).

Ao longo desta singela descrição do processo de formação do psiquismo humano, que emprestamos de Lane (2002), discorreremos sobre as categorias fundamentais do psiquismo: atividade, consciência, afetividade e identidade, que não podem ser estudadas diretamente, mas somente a partir das mediações da linguagem, do pensamento e das emoções.

Para entender o indivíduo é necessário, portanto, entender as categorias fundamentais do psiquismo a partir das mediações. Escolhemos a linguagem como ponto de partida para entender os elementos mais importantes do processo de constituição da subjetividade. A linguagem é produto da interação humana e reproduz a

visão de mundo que se constituiu no processo de desenvolvimento do trabalho produtivo para a sobrevivência da espécie. A necessidade de trabalhar a terra gerou a criação das ferramentas e, por elas terem surgido, foi preciso explicar sua utilização ao grupo.

A linguagem se desenvolve como o produto histórico de uma coletividade. Quando a criança aprende a língua materna não passa a dominar apenas uma forma de comunicação, mas aprende um conjunto de signos e de significados que contêm toda a cultura. É com a linguagem que a criança representa o mundo e é a linguagem que influenciará de forma significativa seus pensamentos e suas ações (LANE, 2002).

Para Vigotski (2001), o ser humano reproduz uma totalidade histórico-social e por meio da linguagem desenvolve a consciência de si e do outro, a qual se processa por meio não somente da linguagem, mas do pensamento e das ações. O significado das palavras emerge da coletividade ao longo do processo histórico e no desenvolvimento da consciência social. Estes significados, contudo, se processam e se transformam no indivíduo, tornando-se de âmbito pessoal. “*A palavra se relaciona com a realidade, com a própria vida e os motivos de cada indivíduo*” (LANE, 2002 p.34). Ao aprender a falar, a criança aprende a ideologia vigente no seu grupo social e neste sentido as palavras podem ser consideradas uma forma de poder, definindo o certo e o errado, em função da forma como certo e errado são vistos pelo próprio grupo. “*Ao falar, a criança constrói suas representações sociais a partir de sua situação social entre significados e situações necessárias para sua sobrevivência*” (LANE, 2002 p. 35). O discurso do indivíduo reproduz a forma como ele vê o mundo social que o cerca, contendo a ideologia, as contradições deste mundo social. É, portanto, através da análise do discurso que podemos desvendar a forma como o indivíduo vê a si mesmo no grupo social e na relação com o outro.

Segundo Flahault (*apud* LANE, 2002), as falas caracterizam as posições ocupadas pelos interlocutores. Toda palavra parte do seu valor referencial e uma relação de hierarquia: quem sou eu e quem eu acho que você é.

1.2 *Das reações elementares à linguagem e ao pensamento*

Na teoria de Vigotski (2001), a criança não é uma “página em branco” quando nasce, mas traz com ela os vestígios da experiência de seus antepassados. É difícil dizer qual foi o mecanismo exato do surgimento das “*reações readquiridas*” (em alusão ao conhecimento a partir da experiência dos antepassados). Segundo Vigotski (2001) foram as idéias e as experiências de Pavlov que permitiram avançar as descobertas neste campo. Os reflexos condicionados são conquistas do indivíduo que se formam no ciclo da sua experiência pessoal e não são transmitidos por hereditariedade. Afora os vínculos hereditários existentes entre o meio e o organismo, o homem elabora e estabelece durante toda a vida novos vínculos, entre elementos particulares do meio e suas respostas, cabendo observar que a diversidade de novos vínculos é praticamente inesgotável. Tal capacidade é responsável por uma quase infinita capacidade de adaptação do homem ao seu meio. Em outras palavras, toda experiência adquirida surge na base da experiência hereditária. O processo de elaboração dos reflexos condicionados não é outra coisa senão a adaptação da experiência hereditária da espécie às condições individuais. Todo processo de crescimento, que separa o comportamento do adulto e o comportamento de uma criança, consiste em estabelecer vínculos entre o mundo e as respostas do organismo. “Ficamos com a noção de uma excepcional plasticidade e da mutabilidade do comportamento em termos de sua adaptação infinita e sutil ao meio.” (VIGOTSKI, 2001, p. 22)

Segundo Vigotski (2001), o pensamento não ocorre sem estar acompanhado de reações motoras que acionam o discurso. Por esta razão, o psiquismo deve ser entendido como formas complexas da estrutura do comportamento. Para Vigotski (2001), o comportamento do homem emprega as experiências de gerações passadas. Não somente aquelas condicionadas e transmitidas pela herança física, mas o homem utiliza a experiência social de outros homens, ele tem a história.

O psiquismo humano é então definido por Vigotski (2001) como o resultado de reações hereditárias, de reações hereditárias combinadas com a experiência pessoal do indivíduo, da experiência histórica de toda a humanidade com a qual o indivíduo toma contato por meio da linguagem e da experiência social do seu grupo. Estas experiências diversas estão imbricadas, resultando numa experiência individual “desdobrada”,

chamada por Vigotski (2001) de consciência. O fator decisivo do comportamento humano não é só biológico, mas é também de natureza social, uma função complexa decorrente de toda a experiência social da humanidade.

1.3 *Sobre a Consciência*

Mencionamos, na introdução desta dissertação de mestrado, que nosso desejo é entender como uma forma de educação, impregnada de uma ideologia capitalista, em sua busca pelo máximo de eficiência dos profissionais (além de totalmente voltada a satisfazer as demandas de natureza puramente econômicas), atua na consciência que o profissional tem de si mesmo, na forma como se reconhece na relação com os outros, contribuindo para a constituição da sua identidade. Para compreender a extensão do que representa agir sobre a consciência, devemos esclarecer esta categoria fundamental do psiquismo humano.

Segundo Leontiev (2004) o surgimento da consciência corresponde a uma etapa superior do desenvolvimento psíquico, e está vinculado às leis do desenvolvimento sócio-histórico da humanidade. Somente a espécie humana, e apenas ela, é capaz de separar a realidade concreta do reflexo que o indivíduo tem interiorizado desta mesma realidade. Usando o exemplo de Leontiev (2004), quando tenho consciência de um livro, o livro não se confunde na minha consciência com o sentimento que tenho a respeito dele. Para Leontiev (2004): “a consciência humana distingue a realidade objetiva do seu reflexo” (*idem*, p. 76), ou seja, o homem é capaz de distinguir o mundo exterior, das impressões interiores que tem a respeito deste mundo. E é esta capacidade exclusiva dos seres humanos que torna possível ao homem a observação de si mesmo. Segundo Engels (apud LEONTIEV, 2004):

O trabalho criou o próprio homem. Primeiro o trabalho e simultaneamente a linguagem foram os dois estímulos fundamentais para que o cérebro do macaco se transformasse no cérebro humano. Graças ao seu próprio trabalho, as mãos, o instrumento mais primitivo e rudimentar do homem para o trabalho, atinge a perfeição (ENGELS *apud* LEONTIEV, 2004, p. 71).

Os órgãos do sentido se aprimoraram com o exercício do trabalho, estimulando o desenvolvimento cerebral, que por sua vez, permitiu o aperfeiçoamento maior dos órgãos do sentido”(Leontiev, 2004 p. 57). O trabalho por sua vez surgiu somente após a existência da vida em grupo, a partir do momento em que foi possível a existência do que Leontiev (2004) denominou de “reflexo psíquico da realidade” (*idem*, p.58).

A organização da sociedade humana se deu, portanto, em torno do trabalho, como resultado da necessidade de intervenção do homem sobre a natureza, o trabalho permite a evolução da espécie ao patamar de humanos. Conforme mencionado anteriormente, o trabalho só se torna possível depois que o homem adquire a capacidade de fabricar instrumentos e após a existência de uma atividade coletiva, social, permitindo ao homem não somente entrar em contato com a natureza, mas também com outros homens. “*O trabalho é, portanto, mediatizado pelos instrumentos e pela sociedade*” (Leontiev, 2004 p. 80).

Desde a sua forma mais incipiente, o trabalho favorece a troca e a cooperação entre os homens, e se configura como uma atividade coletiva e social. Desde os primórdios da humanidade o trabalho resulta na partilha do que foi produzido e na divisão das tarefas, situação em que alguns se ocupavam em fazer o fogo e da sua conservação, outros saíam à procura do alimento etc. A primeira manifestação da consciência foi imaginar o resultado do uso das ferramentas no trabalho cotidiano.⁵

As ferramentas representam, então, a primeira abstração de que se tem notícia. Primeiramente, apenas adaptando a forma como os materiais, as pedras no caso, se encontravam na natureza. Posteriormente, a partir do momento em que o indivíduo é capaz de conceber o que ainda não aconteceu, ele aprimora as ferramentas que ganham, desse modo, uma maior complexidade, (LEONTIEV, 2004).

No exercício das atividades diárias o homem tem um objetivo individual a satisfazer e além desta necessidade que é sua, responde a uma demanda do grupo. A atividade humana se revela dessa maneira, na sua origem, como uma atividade de natureza social: algo que eu faço para o grupo e para mim. A ação é individual e o motivo social

⁵ “O trabalho criou o próprio homem”.(ENGELS, 1975, p. 71) apud LEONTIEV, 2004)

Ao observarmos a ação dos indivíduos trabalhando em conjunto no grupo social, desde os tempos primitivos, podemos concluir que a ação só se tornou possível porque o indivíduo pôde refletir sobre a relação entre o motivo e o resultado da sua ação. Usando o exemplo de Leontiev (2004), o batedor executa sua parte na caçada assustando a presa que posteriormente é cercada por outros homens, realizando uma ação aparentemente contraditória em relação ao seu desejo, que era o de pegar o animal e transformá-lo em alimento, porque pôde visualizar, antecipadamente, o resultado da sua ação ao espantar a presa. Trata-se de um sentido racional que orienta a atividade, e a consciência é o resultado da sua ação que se orienta para a atividade da caça. “*A consciência do significado de uma ação realiza-se sob a forma do reflexo do seu objeto enquanto fim consciente*” (LEONTIEV, 2004, p. 86). Desta forma, há uma interrelação entre o objeto da ação (seu fim) e aquilo que gerou a atividade (seu motivo).

A consciência humana, a partir de uma sucessão de momentos proporcionados pelo trabalho coletivo, permite aos homens diferenciar a atividade dos objetos do mundo circundante e estes, por sua vez, tornam-se uma idéia, uma abstração. A consciência da finalidade de um determinado trabalho pode ser explicada pela capacidade de refletir os objetos para os quais esta ação se orienta, independente da relação entre estes objetos e o sujeito.

Leontiev (2004), afirma que este reflexo existente apenas na espécie humana e tem origem no próprio trabalho. A fabricação de instrumentos só foi possível pela capacidade humana de visualizar os instrumentos em ação, antevendo o resultado final da utilização destes mesmos objetos. No momento em que esta visualização se dá, podemos dizer que estamos diante do nascimento da consciência ou da primeira abstração consciente e racional. Conforme Leontiev (2004), o pensamento é o processo de refletir conscientemente a realidade, por meio de mediações. “*Colocamos as coisas à prova com base em outras coisas, e tomamos consciência das relações e das interações entre elas*” (*idem*, p. 120).

O surgimento da linguagem, da consciência e do pensamento, tem, pois, origem na atividade produtiva. A palavra surge para distinguir objetos de forma deliberada, tornando a atividade produtiva mais fácil, por meio da comunicação entre os homens e não o contrário. A linguagem distingue os objetos para depois generalizá-los,

numa relação objetiva e social, isto é, como objeto social. Neste sentido, podemos dizer que a palavra não representa apenas um meio de comunicação entre os homens, mas é uma forma de consciência e de pensamento dos humanos, atuando como uma generalização consciente da realidade. *“Posteriormente quando se separa da atividade prática imediata, as significações verbais são abstraídas do objeto real e só podem existir como fato da consciência, do pensamento”* (LEONTIEV ,2004, p. 94).

Voltando a Lane (2002), este processo se repete quando uma criança começa a falar. Para a criança, a bola, por exemplo, é um conjunto de impressões coloridas às quais ela associa o fonema *bo*. Na medida em que ela cresce, a bola se generaliza, não sendo mais necessário estar diante do objeto para saber seu significado e dizer o nome generalizado deste objeto.

Para Leontiev (2004), a consciência se transforma de forma qualitativa ao longo do processo de desenvolvimento histórico e social, estando intrinsecamente ligada aos modos de vida. Muitas foram as interpretações atribuídas à consciência desde os primórdios da psicologia. Mas, para Leontiev (2004), é necessário estudar a consciência relacionada ao trabalho e ao modo de vida humano. Devemos estudar como se formam as relações entre os homens nos diferentes momentos do contexto sócio histórico, analisando, a partir das relações sociais, como a consciência do homem se transformou com a evolução da estrutura da sua atividade. Se a consciência se transforma durante o processo de desenvolvimento sócio-histórico, devemos estudar certos caracteres próprios da estrutura da consciência.

Já mencionados que a realidade se reflete na consciência. Todo reflexo psíquico resulta de uma relação entre a ação de um sujeito material vivo com um determinado propósito e a realidade material que o cerca. O reflexo psíquico somente aparece a partir das atividades desempenhadas pelo sujeito. Representa a relação entre o sujeito em ação e a sua relação com os objetos que manipula. No exemplo do batedor da caçada, quando este homem fazia barulho para espantar a presa, sabia que esta ação tinha um objetivo imediato, mas ele sabia também que sua ação era parte de uma atividade maior cabendo-lhe, naquele momento, uma determinada tarefa. A consciência do seu objetivo se refletia nas suas ações objetivas, na sua significação. *“A significação é aquilo que se descobre objetivamente, num sistema de ligações, de interações e de*

relações objetivas. A significação é fixada na linguagem o que lhe confere estabilidade” (LEONTIEV, 2004, p.137).

Ao longo da vida, com a evolução das relações sociais, estas representações não se perdem e a consciência humana analisada num dado momento do desenvolvimento histórico da humanidade, reflete a experiência de toda a humanidade. A consciência humana, como diz Vigotski (2001), “é estendida, ampliada, generalizada e refletida. O ser humano reproduz a totalidade histórica social por meio da linguagem, e desenvolve a consciência de si e do outro, à qual se processa através da linguagem, do pensamento e das ações” (*idem*, p. 111).

O homem não percorre o caminho do homem primitivo das cavernas no mundo moderno todas as vezes que tem que garantir a sua sobrevivência. Ele tem a experiência histórica representada na consciência social. O náufrago tem o conhecimento do que deve fazer para obter o fogo e sobre como deve proceder para conservá-lo, embora deva enfrentar inúmeras dificuldades, pois, pode faltar-lhe a habilidade manual para manipular os instrumentos primitivos. A consciência individual tem um conteúdo objetivo e só existe nos cérebros humanos.

Para os autores de base marxista como Lane (2001), Leontiev (2004) e Vigotski (2001), o estudo genético da consciência parte dos fenômenos da vida resultantes da interação entre os homens e da atividade do sujeito. A atividade do sujeito, por sua vez, tem para ele um sentido e se desencadeia por um determinado motivo. O sentido, que é pessoal e a significação que é social, aparecem fundidos na consciência, mas são distintos. Alguém pode ter consciência de um acontecimento histórico, compreender a significação de certa data, mas, a data em questão pode ter vários sentidos absolutamente individuais para homens e mulheres. Foi, por exemplo, no dia sete de setembro, data da proclamação da independência do Brasil que conheci meu marido. O sete de setembro assume, para mim, uma significação afetiva e não cívica.

Para Leontiev (2004), o sentido e a significação são os principais componentes da consciência humana. Quando alguém perde a visão por decorrência de uma grave enfermidade nos olhos, a sua consciência do mundo não se altera. Se por outro lado, em

virtude de um acidente, os processos cerebrais superiores forem danificados, embora exista a possibilidade de percepção sensível imediata do mundo através da visão, a forma como esta pessoa percebe o mundo, sua consciência em relação ao mundo e a si mesma, se transforma, (LEONTIEV, 2004).

Leontiev (2004) diferencia a consciência primitiva da consciência humana propriamente dita. A consciência primitiva corresponderia à consciência dos primeiros estágios da sociedade, quando os homens travavam uma luta com a natureza pela sua sobrevivência e se apoiavam para isto em ferramentas rudimentares. Nesta etapa do desenvolvimento sócio histórico realizavam o trabalho em grupo e tinham a pose comum dos instrumentos de trabalho. Podemos dizer que não havia, ainda, uma divisão social do trabalho, bem como ainda não havia surgido o conceito de propriedade privada. Desta forma, não havia a exploração de alguns em relação a todos os outros. O homem mantinha, nesta fase, uma relação instintiva com a natureza e com os outros homens. Mesmo as relações sexuais adquiriam um caráter puramente instintivo e não podemos nos referir às significações para as relações afetivas.

O vocabulário, por meio do qual se comunicavam, estava relacionada com a própria natureza do contato humano e do exercício primitivo de atividades de produção. O consciente, nesta fase, não havia atingido a plenitude do seu amadurecimento, era, ao contrário, bastante incipiente. O campo interior da percepção era, desta forma, limitado. Para Marx (1998), *“o homem é tão animal quanto o é a própria vida social neste estágio; é uma simples consciência gregária, o homem se distingue aqui do carneiro pelo único fato da sua consciência tomar nele o lugar do instinto ou do seu instinto se tornar um instinto consciente”* (idem, p. 60).

Posteriormente, com o progresso das relações humanas a consciência apresenta significações coletivas que não refletem apenas as relações dos homens com a natureza, mas as relações dos homens com os seus semelhantes. Nesta fase, as significações lingüísticas se tornam um pouco mais desenvolvidas. Com o desenvolvimento das formas de trabalho, dos instrumentos e das relações entre os homens, há um alargamento do consciente. O sistema de produção exige relações mais definidas entre os homens e um sistema de fins conscientes. Na fabricação de instrumentos especializados existe a tomada de consciência não somente do fim a que se destina o

instrumento, mas das operações intermediárias para sua fabricação. Trata-se de uma ação, que tem uma relação com a ação subsequente e com uma próxima e esta tomada de consciência será fundamental para o desenvolvimento da atividade humana.

Com a divisão do trabalho, há um deslocamento dos motivos da ação imediata para o fim a que se destina. A ação se transforma em atividade que se objetiva em um motivo próprio, e este está presente na esfera consciente. A primeira condição de toda atividade é uma necessidade. Mas a necessidade não é determinante da orientação concreta da atividade, pois é no objeto que a atividade encontra a sua determinação. No exemplo do caçador, não é a fome que desencadeia a ação do batedor, mas a presa. A atividade se objetiva no objeto que se torna o motivo da atividade, aquilo que o estimula. No plano psicológico, isto significa que os objetos, que são o meio de satisfazer às necessidades, aparecem na qualidade de motivos para a consciência, como imagem interior, como necessidade, como estimulação e como fim (LEONTIEV, 2004).

Com o surgimento da propriedade privada, a estrutura inicial da consciência cede lugar a uma nova estrutura, respondendo às novas condições da vida humana. A propriedade privada traz com ela um novo conjunto dos princípios componentes da consciência, que são os novos sentidos, as novas significações e as novas representações.

O desenvolvimento da comunicação verbal faz surgir ações da palavra que tem por finalidade a transmissão verbal e a comunicação de um conteúdo dado. Já mencionamos que segundo Leontiev (2004), o desenvolvimento da palavra não se inicia com a conversação sobre um tema qualquer. Ela tem uma função para a vida relacionada com o trabalho coletivo dos homens. Somente muitos anos depois é que a palavra adquire autonomia, podendo ser utilizada para a comunicação dos conteúdos chamados teóricos. As palavras nos estágios mais avançados do desenvolvimento sócio histórico da humanidade se manifestam sob a forma de pensamento em voz alta, ou pensamento escrito. Mas a atividade teórica é um meio do homem realizar a sua vida prática. Coincide com o propósito material da sua vida.

Na sociedade de classes, a divisão social do trabalho provoca o isolamento da atividade intelectual teórica da atividade física e material. Além disto, ocorre uma

mudança na estrutura interna da consciência. A grande massa de produtores separou-se dos meios de produção e as relações entre os homens se transformaram na relação entre as coisas que eles produzem e trocam, se separam e se alienam dos homens. A atividade deixa de ser para o homem o que ela é verdadeiramente, e a produção, o produto do trabalho humano, não é um fim em si mesmo, passa a ser propriedade de alguém e objeto de troca. Na origem da sociedade primitiva o homem estava em perfeita unidade com as condições materiais necessárias para a sua sobrevivência. A ligação inicial do trabalhador com a terra e com os objetos de produção se destrói. Para viver e satisfazer às suas necessidades ele tem que vender a sua força de trabalho e receber um salário. Sendo o trabalho o conteúdo mais essencial à vida, com a alienação do homem do produto do seu trabalho, se aliena o conteúdo da própria vida. Para o trabalhador o capitalista se opõe a ele, e para o capitalista o capital tem uma existência própria: o capital não é do capitalista, ele assume uma existência própria se reificando.

Há para o trabalhador a separação entre o resultado da atividade humana e o seu motivo. Para Leontiev (2004), isto confere traços particulares à consciência. No capitalismo moderno o homem tece a seda, mas esta não é para si; o que o homem produz para si não é a seda que tece, mas o salário que recebe por trabalhar tecendo a seda, durante o número de horas combinadas. A sua atividade de trabalho se transforma em algo diferente daquilo que ela é. O sentido do trabalho não coincide mais com a sua significação objetiva. A consciência se caracteriza pela relação que existe entre as significações e o sentido pessoal que o trabalhador dá às suas ações. Se ele agora não tece para corresponder às necessidades da sociedade por fio ou tecido, que significado teria para ele o seu trabalho? Ele tece por um salário. Apenas o salário justifica estar por tantas horas trabalhando. Isto gera um sentimento de insegurança em relação ao futuro, que num momento do capitalismo como este que vivemos hoje, excludente da mão de obra, este sentimento de insegurança se potencializa de maneira exponencial.

Para o capital, o sentido da fiação e da tecelagem reside no lucro que se pode obter destas atividades. E para o homem? Trabalhar para o lucro maior do seu patrão não é motivo que pode condicionar a sua atividade. A alienação da relação entre os homens decorre do fato que as suas relações se resumem agora a uma relação entre coisas. Com a sociedade da propriedade privada dos meios de produção, tudo toma um

aspecto duplo, seja na atividade humana ou nos objetos que são os produtos desta atividade. A duplicidade reside no fato da atividade possuir um conteúdo, mas os motivos se referem apenas ao salário, no caso do trabalhador e ao lucro quando analisamos o capitalista. O homem ao trabalhar exerce uma atividade que possui um conteúdo de atividade enquanto tal, de produção de objetos reais, mas que não se refletem na sua consciência. Tudo o que existe é a transformação do trabalho em dinheiro. Um médico cuja atividade tem como motivo amenizar o sofrimento humano acaba por desejar que haja mais doentes para que seu ganho não se interrompa, e o seu ganho se coloca em oposição ao motivo da sua atividade. Este dualismo desnaturaliza os sentimentos mais elementares. O resultado de tal realidade sobre a consciência é a desintegração da sua estrutura geral, a alienação entre os sentidos e as significações, nos quais a vida e o mundo se refratam no homem. (LEONTIEV, 2004).

O trabalho alienado entra na vida da humanidade trazendo conseqüências de natureza negativa e positiva. Negativamente, trabalhar apenas por salário, de uma forma alienada em relação ao significado do trabalho é desprovido de significado. São horas e horas dedicadas a uma atividade vazia de conteúdo, fazendo com que não exista vida no trabalho, sendo que esta, a vida, somente começa quando termina a jornada de trabalho. E é este sentimento que o capitalismo atual cheio de imprevisibilidades e cujas soluções precisam ser escritas⁶, deseja eliminar.

A conseqüência positiva é que, por meio do trabalho, o homem adquire conhecimentos, aprende habilidades com as quais executa a sua atividade. É no trabalho que toma contato com outros homens e mulheres, seus colegas de trabalho e com quem descobre que é explorado, pois há exploradores do seu trabalho. Esta descoberta acaba por fazê-lo descobrir a luta de classes que o homem empreendeu em todas as fases da sua vida: escravo, servo, operário. Uma luta que no pólo da dominação se desenvolve fazendo surgir o aspecto inumano do homem que não conhece limites para sua maldade. Do lado oposto, a luta desvela o que há de humano no homem.

Alguns operários aceitam a sua condição de explorado, outros lutam contra ela, resistem, criando-se uma ligação entre os homens a partir do movimento de indignação.

⁶ Segundo Hamel e Prahalad o capitalismo atual exige um trabalhador consciente capaz de compreender o conjunto das ações que são realizadas na empresa e não apenas a sua tarefa operacional.

O resultado é um sentido de comunidade e uma consciência deste grupo específico. Se a alienação do trabalho operário aliena uma parte da sua vida, isto tem reflexos na sua consciência, pois a consciência individual só existe no contexto da consciência social. LEONTIEV (2004).

Apropriando-se da realidade o homem reflete esta realidade como que através de um prisma de significações, dos conhecimentos e das representações elaboradas socialmente (*idem*, p. 138).

No que diz respeito à linguagem, na apropriação dos conteúdos lingüísticos o homem não controla apenas o domínio das significações, mas se apropria de um conteúdo ideológico mais geral. A ideologia da classe dominante reforça as relações sociais existentes, fazendo de sua vida algo que ele não controla. Mas sua consciência interna não pode ser eliminada e o homem luta para não ver desintegrada a sua consciência.

1.4 *A atividade como categoria fundamental do psiquismo*

A complexidade da produção e dos conhecimentos sobre a natureza resulta na diferenciação das significações. Estas refletem cada vez mais as relações entre os objetos, relações às quais são submetidos os meios e os processos técnicos socialmente elaborados da atividade humana. No tocante à linguagem, as palavras deixam de ter um conteúdo refletido e se transformam. *“A ideologia expressa na língua se substitui por uma ideologia expressa pela língua. Senhores, capitalistas, escravos, operários tem maneiras diferentes de representar o mundo, mas isto não exige que falem línguas diferentes”* (LEONTIEV , 2004, p.138).

O desenvolvimento da produção capitalista faz crescer a massa de trabalhadores e nesta coletividade cresce a consciência das classes dominantes. A ideologia das classes dominantes também esta presente na consciência dos trabalhadores, causando o que Leontiev (2004) denomina de “inautenticidade da consciência” (p. 141). Esta ausência de autenticidade da consciência provoca a

inadequação da própria vida, razão que dá origem à aspiração da superação desta inadequação, o que na Rússia aconteceu por meio da ideologia socialista. A busca da supressão da propriedade privada e da libertação do trabalho alienante, segundo Leontiev (2004), revela a busca da reintegração do próprio homem. Neste momento, há a passagem para a formação de uma nova consciência. O operário da sociedade comunista fia e tece, tal como o empregado do mundo capitalista. Mas, para ele, o motivo e o objetivo do seu trabalho não são estranhos um ao outro. Trata-se de uma consciência do sentido do trabalho e das operações e atividades técnicas necessárias para realizá-lo. O trabalho tem um sentido que não é oposto à sua significação:

Psicologicamente a consciência humana desenvolve-se, portanto, nas suas mudanças qualitativas por definhamento das suas peculiaridades anteriores que cedem lugar às outras. Na aurora da sociedade humana a consciência passa pelas diferentes etapas da sua formação inicial; só o desenvolvimento ulterior da divisão social do trabalho, da troca e das formas de propriedade pode acarretar um desenvolvimento da sua estrutura interna, tornando-a, porém limitada e contraditória: Depois chega um tempo novo, o tempo das novas relações, que cria a nova consciência do homem. (LEONTIEV, 2004 p. 148).

O homem entra em contato com os fenômenos do mundo circundante a partir da sua comunicação com os outros homens. A criança aprende a atividade adequada a partir da educação e, a cada nova etapa do desenvolvimento sócio histórico da humanidade, há uma nova etapa do desenvolvimento da educação. A concentração da riqueza nas mãos da classe dominante tem como efeito perverso concentrar as riquezas intelectuais nas mãos desta mesma classe; ao mesmo tempo, a ideologia da classe dominante tende a perpetuar a ordem social existente. Assim é que, para Leontiev (2004), há uma tendência generalizada nos países capitalistas de atribuir à educação das massas um papel relacionado com as operações de natureza cognitiva, impedindo que se amplie um conhecimento capaz de levar ao progresso histórico.

O desenvolvimento do psiquismo se dá por estágios. Nos seus estudos com crianças Leontiev (2004) observou que na idade pré-escolar a criança amplia seu horizonte de contatos e de conhecimento. Descobre os objetos humanos com os quais reproduz as ações humanas. Elas são extremamente dependentes das pessoas que estão à

sua volta para poder sobreviver. Sua vida acontece tendo o contato com os pais e irmãos, que formam o seu núcleo mais próximo, de uma forma quase exclusiva. Há um outro contato de natureza mais ampla que inclui todas as outras pessoas. Porém, as relações das crianças são mediatizadas pelas relações estabelecidas no primeiro círculo. Após a sua entrada na escola, todo o sistema das reações vitais da criança se reorganiza, permitindo a elas conhecerem o conjunto de obrigações que se referem à sociedade. Pela primeira vez elas tomam consciência de que realizam algo importante. A figura do professor, do educador, passa a exercer uma influência concreta, e as crianças percebem que o aprendizado representa algo de novo e importante que elas realizam. O seu círculo de comunicação se amplia e as relações mais amplas passam a ter sobre ela uma importância essencial.

Na adolescência se dá a inserção em novas formas de vida e se altera também o papel que elas exercem na vida dos adultos. Nesta fase se desenvolve um sentido crítico aguçado do ponto de vista da consciência. Surge a necessidade de adquirir maiores conhecimentos sobre a realidade que cerca a vida destes adolescentes.

Para Leontiev (2004), o desenvolvimento do psiquismo não é influenciado pelo conjunto das atividades, mas pela atividade dominante. Para ser chamada de dominante, a atividade tem que englobar as seguintes características: Em primeiro lugar, é aquela atividade no interior da qual se formam novos tipos de atividade. Por exemplo, o ensino acontece na primeira fase da vida escolar sob a forma de um jogo e no jogo a criança aprende regras de conduta que se aplicam à vida em geral. Nesta fase da vida os jogos representam a atividade dominante das crianças. Em segundo lugar, é a atividade na qual se formam ou se reorganizam processos psíquicos particulares. A criança aprende jogando a utilizar a imaginação ativa e o raciocínio abstrato. Em terceiro lugar, para ser designada como dominante, a atividade deve ser aquela que mais influencia as mudanças psicológicas fundamentais da personalidade da criança, manifestadas no processo de desenvolvimento. Em nosso exemplo, é no jogo que a criança toma conhecimento de novas atividades e do papel dos outros indivíduos na sociedade e dos fatos importantes para a formação da sua própria personalidade (LEONTIEV, 2004).

A atividade dominante é a que condiciona as principais mudanças nos processos psíquicos da criança. O desenvolvimento do psiquismo na criança não

depende apenas de sua atividade dominante e de outras atividades, mas é indubitavelmente influenciado por uma sucessão de eventos determinados no tempo, e tem uma relação com a idade da criança. Além disto, segundo Leontiev (2004), o indivíduo a cada época encontra determinadas condições históricas e sociais que influenciam o desenvolvimento do seu psiquismo e estas condições não foram sempre iguais ao longo da história da humanidade.

Assim, não é a idade que determina o conteúdo do estágio de desenvolvimento, mas a passagem de um estágio ao outro depende das condições sócio-históricas, que determinam a atividade dominante na criança em cada estágio do seu desenvolvimento. Para Leontiev (2004), surge uma contradição entre o modo de vida e as possibilidades que superaram as condições de vida. Esta contradição é responsável pela passagem para o estágio subsequente do seu desenvolvimento. A atividade esta, por sua vez, associada a um outro conjunto de impressões psíquicas que são as emoções e os sentimentos.

Leontiev (2004) considera que a atividade não é o mesmo que ação. Uma ação é um processo cujo motivo não coincide com o objeto, com aquilo que se visa obter com a ação. No exemplo do estudante que lê um livro para passar na prova e não para tomar conhecimento do conteúdo do livro, há uma relação particular entre ação e atividade. A ação pode, contudo, se transformar em atividade. E é desta forma que nascem as novas atividades, e se sucedem os estágios do desenvolvimento.

Como nascem os motivos? Por que uma criança que embora sabendo que precisa fazer as lições e estudar para passar de ano, assim mesmo não estuda? Por que razão quando a mãe lhe diz que enquanto não terminar os deveres não sai para brincar, a criança obedece e estuda? Ela sabe, de forma consciente, que deve estudar. Entretanto, este conhecimento não é psicologicamente suficiente para fazê-la estudar. Mas, a vontade de brincar, o é. Leontiev (2004) chama os primeiros motivos de “*apenas compreendidos*” e os segundos de “*motivos que agem realmente*”. Os motivos apenas compreendidos se transformam em motivos que agem realmente, e este movimento provoca a mudança de atividade. O agente transformador são os motivos que agem realmente. Os motivos compreendidos correspondem a um lugar que a criança poderá ocupar no estágio seguinte do seu desenvolvimento.

A mudança na atividade dominante serve de base para as mudanças no processo de desenvolvimento futuro da criança. Analisando as características psicológicas das ações, devemos dizer que, segundo Leontiev (2004), para que uma ação ocorra é preciso que seu objetivo (fim) seja conscientizado na relação com o motivo da atividade, no qual esta ação se insere. O fim de uma ação pode, portanto, ser conscientizado de diferentes maneiras, segundo o motivo ao qual ela se liga e dependendo da atividade na qual se insere. Resolver o problema de matemática pode ter como finalidade agradar a mãe, ou se preparar para os exames, ou apenas poder sair para brincar.

1.5 *A identidade como categoria fundamental do psiquismo*

O conceito de identidade será discutido com base no referencial teórico de Habermas (1981), Ciampa (2001) e Berger e Luckmann (2004). Podemos dizer que a identidade do ser, o *self*, sempre esteve presente no pensamento filosófico. Ora como algo inerente ao homem e a sua essência humana, ora como produto das relações de trabalho e das forças sociais. No pensamento filosófico, o conceito de identidade é tratado de forma mais específica por Habermas, filósofo alemão pertencente à Escola de Frankfurt, crítico do positivismo, cujo nome é associado aos pensadores de Frankfurt, como Marcuse e Adorno (do qual fora assistente), e é considerado o último representante da *Teoria Crítica da Sociedade*. Para ele, a história e a cultura são fontes de uma imensa variedade de formas simbólicas da especificidade e das identidades individuais e coletivas, as quais, juntamente com a visão de mundo e o interesse das pessoas, bem como, os seus valores, são moldados pelas tradições e nas formas de vida.

De acordo com Habermas (2004), as pessoas são indivíduos que se individualizam na sociedade por meio da socialização. Para o autor, a subjetividade

corresponde às relações da pessoa consigo mesma, mas que nascem na relação com os outros. O desafio de viver em sociedade determina que exista o entendimento entre os homens e este entendimento somente é possível a partir do momento em que com nosso ponto de vista, somos capazes de perceber e nos dispomos a adotar o ponto de vista do outro.

Habermas (2001) aponta três grandes pólos de influência do pensamento e da subjetividade (individualidade dos homens): o poder do capital, a burocracia representada pelo Estado, e a sociedade solidária. Há um permanente jogo de forças entre os três pólos, e os movimentos sociais representam a ação da solidariedade, quando a comunicação se torna fundamental, pois as ações comunicativas permitem a busca do entendimento entre as pessoas. O que prevalece, o que pesa na decisão dos participantes de um discurso prático, são as razões que podem convencer a todos igualmente e não somente aquilo que reflete as minhas preferências, ou as de quaisquer outras pessoas e que, na prática, não pode atender aos interesses de todos. O discurso prático baseia-se na auto-consciência das próprias crenças, valores, desejos e princípios individuais; falamos exprimindo o que sentimos ditado pelas influências culturais de cada pessoa. A prática argumentativa é um exercício necessário ao longo da vida e exige que haja cooperação de uns com os outros, na busca de razões que sejam aceitáveis para os outros, a fim de que se possa chegar ao entendimento.

Porém, a prática argumentativa pressupõe algumas exigências. A primeira é o pressuposto de que cada participante individual é livre para dizer sim ou não. É o que Habermas (1981) denomina de *autoridade epistêmica da primeira pessoa*. A segunda exigência é que a liberdade seja exercida para buscar um acordo racional e que as soluções escolhidas considerem as soluções racionalmente aceitáveis para todos os afetados. A terceira exigência é que a liberdade argumentativa e a aceitação dos argumentos pelo outro são indissociáveis. Habermas (1981) denominava de teoria da ação comunicativa o estudo das formas de argumentação. Para ele, a práxis argumentativa cria um vínculo social que preserva a busca do melhor argumento para todos os presentes na discussão. Além disto, a teoria da ação comunicativa defende a idéia de que alguém que se socializou numa determinada cultura, somente poderá

dedicar-se à prática argumentativa adotando pressupostos que sejam próprios desta mesma cultura e possam ser entendidos por todos.

Para Habermas (1981), as relações do mercado se institucionalizam na forma como o dinheiro circula entre os homens numa dada sociedade, e estas relações são regidas pelos princípios do direito privado: contrato e propriedade. O poder do Estado, por sua vez, se institucionaliza nas organizações e tem as suas relações com a sociedade baseadas nos princípios de justiça que estão expressos na constituição democrática. Por fim, a solidariedade é produto das normas sociais regidas pela comunicação entre os indivíduos e que acontece por meio da linguagem.

Existe um mundo independente das nossas descrições (visto por todos nós), um mundo externo (construído por nós), o mesmo para todos, que contém a totalidade dos objetos. O conhecimento deste *mundo comum* resulta da disposição humana para resolver problemas do ambiente complexo, da validade dos argumentos opostos apresentados pelos homens que se relacionam entre si, e da possibilidade do homem aprender, cumulativamente, com seus próprios erros. A comunicação entre os homens é difícil, mas possível, sendo o fato de que a linguagem e a realidade se interpenetram, a maior dificuldade na ação comunicativa entre os homens, portanto, para nomear algo como verdade é necessário aceitar racionalmente o fato nomeado e não somente a expressão deste fato como sendo verdade, no discurso. Desta forma, a prática da argumentação exige que se filtre do discurso o que é racionalmente aceitável para todos, e que se separe as crenças questionáveis do mundo do conhecimento não problemático (HABERMAS, 1981).

A ação comunicativa só se concretiza a partir e por meio da linguagem que, no pensamento de Habermas (1981), é algo tão essencial, que o autor considera que é pela linguagem que o homem se torna humano, estando a linguagem contida na própria subjetividade. É por meio da ação comunicativa que se poderia chegar à utopia sem utopismo, o que aconteceria quando a ação comunicativa da sociedade fosse capaz de regular o capital e o Estado, para que ambos trabalhassem a serviço das pessoas. O ceticismo, representado pelo pensamento histórico, pode se associar ao pensamento

utópico não derrotista, mediante a ação comunicativa, construindo e reconstruindo o presente.

Um conceito chave para a compreensão da identidade é o de internalização. A internalização permite que se perceba o outro por meio dos sentidos, e ao interiorizar o mundo do outro interiorizo o sentido que o mundo tem para o outro. Para Habermas (1981), o conceito de identidade do Eu não tem um sentido apenas descritivo, representa a exemplaridade universal que orienta a ação. Uma organização autônoma do Eu não se instaura de modo regular como um processo natural de amadurecimento, mas acaba por ser um projeto nunca alcançado. A identidade do Eu pode ser entendida como um momento da vida onde o sujeito é dotado de linguagem e tem uma capacidade de ação que se revela quando a criança começa a dizer **não**, e é capaz de efetuar suas próprias escolhas, e de enfrentar determinadas exigências de forma consistente, aos olhos dos outros. A identidade é forjada ao longo da vida acompanhando o processo de socialização, e na medida em que o sujeito se apropria dos símbolos da sociedade onde vive, elabora o universo que é interiorizado pela individuação, e que termina por se constituir no seu próprio universo. O conceito de identidade do Eu não é meramente descritivo, pelo contrário, a identidade corresponde a uma organização simbólica do Eu, que aparece nas diversas culturas (HABERMAS, 1981).

E seguindo com Habermas (1981), a identidade do indivíduo se estabelece a partir da sua relação com o outro, se incorporando na vida social como o reconhecimento do outro. Quando alguém diz, “**ali eu era conhecida**”, provavelmente gostaria de dizer: “**ali eu era reconhecida**”. Há, portanto, para formação da identidade um processo de reciprocidade em que eu reconheço o outro e “existo” enquanto indivíduo, a partir do momento em que o outro me reconhece como tal. Na identidade do Eu o autor trata de uma pessoa igual a todas as outras pessoas, mas única e diversa de todas as demais enquanto indivíduo. Este indivíduo único, ao mesmo tempo igual a todos os outros, tem a capacidade de construir em situações conflitantes outras identidades, e ao longo da sua história de vida, organizar o conjunto de identidades segundo modos de procedimento universais.

A identidade do indivíduo não é mais apenas quem ele é, mas o que ele faz, e os papéis que desempenha padronizam sua atividade na relação com o outro, e determinam a consciência que o indivíduo tem de si mesmo, frente aos outros. Numa tentativa de explicar a identidade, Habermas (1981) toma três caminhos que no seu entender oferecem uma referência importante para enunciar seu próprio pensamento: a psicologia analítica do Eu: (Sullivan e Erikson), *a psicologia cognoscitiva do desenvolvimento* (Piaget, Kolberg) e *a teoria da ação definida pelo interacionismo simbólico* (Mead, Blumer, Goffman, etc). As definições que seguem são o resultado desta combinação de visões realizada por Habermas (1981). Para o autor:

1. a capacidade lingüística e de ação do indivíduo adulto é resultado de amadurecimento e aprendizagem cuja articulação não é totalmente transparente. Podemos distinguir o conhecimento cognoscitivo, do conhecimento lingüístico e do psicosexual ou motivacional. O motivacional parece estar ligado à aquisição de uma competência interativa, a capacidade de participar de interações (ações, discursos etc.);
2. o processo de formação dos sujeitos capazes da linguagem e da ação percorre uma série irreversível de estágios de desenvolvimentos discretos e cada vez mais complexos. Nenhum estágio pode ser saltado e cada estágio superior implica no precedente, no sentido de um processo de desenvolvimento construído racionalmente. O grande teórico desta corrente foi Piaget;
3. o processo de formação se realiza de modo descontínuo e é, via-de-regra, marcado por crises. A solução de problemas específicos de uma fase de desenvolvimento passa por uma fase de desestruturação e em parte de regressão. Ter passado por uma crise é condição fundamental para passar para um novo estágio;
4. a direção do processo de formação é marcada por uma crescente autonomia. Refiro-me a independência do Eu resolvendo com sucesso problemas crescentes e desenvolvendo capacidades para resolvê-los, adquire as seguintes relações:
 - a) Com a realidade da natureza externa e de uma sociedade controlável segundo pontos de vista estratégico;
 - b) Com a estrutura simbólica de uma cultura e de uma sociedade parcialmente interiorizadas.
 - c) Com a natureza interna dos carecimentos culturalmente interpretados, dos impulsos não disponíveis para a comunicação do corpo.

5. A identidade do Eu indica competência de um sujeito capaz de linguagem e ação pára enfrentar determinadas exigências de consistência. No entender de Erikson: “O sentido da identidade do Eu é a confiança acumulada que a unilateralidade e continuidade que ela possui aos olhos do outro encontra correspondência numa unidade e numa continuidade internas. A identidade é gerada pela socialização e vai se processando na medida em que o sujeito apropriando-se de universos simbólicos se integra num certo sistema social, e mais tarde é garantida pela individualização, ou seja, uma crescente independência com relação aos sistemas sociais.
6. Um importante mecanismo de aprendizagem é a transformação das estruturas externas em internas. Piaget fala da interiorização quando os esquemas do agir, ou seja, as regras do domínio simbólico dos objetos, são transportadas para o interior e transformados em esquemas de comportamento e de pensamento. Este mecanismo da interiorização liga-se ao ulterior princípio

que permite conquistar independência com relação a objetos externos, a pessoas de referencia ou aos próprios impulsos, repetindo ativamente ao que se havia experimentado antes ou sofrido passivamente.(HABERMAS, 1981, p.54).

Há uma ênfase acentuada de que o conceito de identidade não se define apenas pelo ângulo cognoscitivo, mas deve ser avaliado também segundo o aspecto motivacional e de uma perspectiva de onde se possam observar as diversas implicações da construção da identidade.

... de uma perspectiva de onde se possa observar como o Eu infantil adentra gradualmente as estruturas do agir comunicativo, e adquire - através de tais estruturas - a sua competência interativa, a solidez e a autonomia do agir, deixando de lado as considerações sobre as pulsões às quais o desenvolvimento do Eu está articulado. (*idem*, p.70).

As duas grandes crises de amadurecimento do indivíduo são representadas pela fase edipiana e pela adolescência, onde os papeis sexuais são aprendidos e as forças motivacionais oriundas da cultura são postas a prova. (HABERMAS, 1981).

Vê-se, sobretudo que o Eu só pode penetrar nas estruturas de interação e atravessá-las se também os carecimentos puderem ser assumidos nesse universo simbólico e nele receberem a interpretação adequada. E são comuns as discrepâncias entre o juízo moral e o agir comunicativo. (p. 70).

Habermas (1981) recorre ainda aos trabalhos de Kohlberg (1971) sobre os níveis de consciência moral para desenvolver a sua teoria sobre identidade. Kohlberg (1971) trata de seis níveis de consciência moral que podem ser reconstruídos racionalmente. São eles:

Nível I. Neste nível a consciência dos indivíduos é orientada por punição e recompensa: a esfera ambiental e a natural não estão diferenciadas, e a idéia da vida boa e justa é a busca da maximização do prazer por meio da obediência.

Nível II Denominado por Kohlberg (1971) de hedonismo instrumental: como no primeiro caso, a esfera ambiental e a natural não estão diferenciadas e a idéia da vida boa é a maximização do prazer por meio da troca de equivalentes.

Nível III. O terceiro nível é denominado de orientação “bom moço”. A consciência moral se manifesta no juízo sobre os conflitos de ação moralmente relevantes, que são definidos como aqueles passíveis de solução mediante consenso.

Nível IV. Orientação para lei e ordem. A orientação se dá para a autoridade, para os papéis fixos e para conservação da ordem social.

Nível V. Orientação Contratual Legalista. A ação justa é definida em termos de direitos individuais examinados e aprovados por toda a sociedade.

Nível VI. Orientação segundo princípios éticos universais. O que é justo é definido com base numa decisão da consciência, tomada de acordo com princípios éticos escolhidos de forma autônoma e que visam a ser logicamente compreensíveis e dotados de universalidade e consistência. São princípios universais de justiça e que dizem respeito à reciprocidade e igualdade de direitos humanos. A solução dos conflitos exclui a violência, e o consenso deve ser buscado por meio do agir orientado para um acordo.

Habermas (1981) traça um paralelo entre os níveis de consciência moral de Kohlberg (1971) e o desenvolvimento da criança, até chegar ao agir comunicativo por meio do discurso. O autor apresenta também, do ponto de vista de uma lógica do

desenvolvimento, uma sucessão de qualificações gerais do agir segundo papéis, e a partir dos níveis de competência interativa, chegar até os níveis de consciência moral. Os conceitos básicos do agir comunicativo constituem os pressupostos para que possamos perceber os conflitos morais. Fazem parte destes conceitos expectativas concretas de comportamento dos homens que se comunicam e as suas respectivas ações intencionais; os papéis e as normas sociais que regulam as ações, os princípios que possam justificar a produção de normas, os elementos situacionais ligados às ações e às suas conseqüências, os atores que se comunicam sobre algo e, finalmente, as orientações que são eficazes como motivos da ação.

Habermas (1981) descreve os níveis por meio dos quais a criança atinge as estruturas gerais do agir comunicativo da seguinte maneira. Para a criança em idade pré-escolar que cognoscitivamente se encontra no nível do pensamento pré-operatório, o setor relevante para a ação do seu universo simbólico são as expectativas concretas de comportamento, as ações isoladas e as conseqüências das ações que podem ser entendidas como gratificações ou sanções. Quando a criança aprende a interpretar as interações como um membro da comunidade, compreende as ações como a realização das expectativas de comportamento generalizadas no tempo. Quando o jovem aprende a questionar a validade das normas de ação e dos papéis sociais, o setor do seu universo simbólico se amplia enormemente, e emergem princípios segundo os quais as normas em conflito recíproco podem ser julgadas. Neste processo, os atores e os seus carecimentos entram no universo simbólico.

Para Habermas (1981), existem três níveis de desenvolvimento moral.

O primeiro, **nível 1**, é denominado de pré-convencional e representa a fase quando a criança pode responder a algumas regras culturais como o bem e o mal, o certo e o errado, mas a sua interpretação esta totalmente baseada em punição e recompensa e nos termos do poder daqueles que enunciam as regras. Este nível está dividido em dois estágios: O **estágio 1** é quando a orientação das ações da criança é totalmente por punição e recompensa. O **estágio 2**, denominado de orientação instrumental relativista, é representado por uma fase da vida em que a criança esta

voltada a satisfação dos seus carecimentos na maior parte das circunstancias, mas há situações de reciprocidade, ainda que de uma forma incipiente: se eu fizer o que esta me pedindo o que eu ganho em troca? Esta frase resume o tanto de reciprocidade do qual a criança é capaz.

O **nível II** de consciência moral foi denominado de nível convencional, e ele inclui dois estágios. Neste nível há uma expectativa de satisfazer às expectativas da família, do grupo social, da nação, prescindindo-se das conseqüências imediatas da ação. É fazer aquilo que é certo. No **estágio 3** (primeiro do segundo nível), há concordância interpessoal ou “orientação bom moço, ou moça bem comportada”. O bom comportamento é aquele que agrada aos outros e deve por esta razão ser cultivado. O comportamento é julgado pelas intenções e as boas intenções são valorizadas. O **estágio 4** (segundo do segundo nível), a orientação das ações é na direção da lei e da ordem. Há uma orientação no sentido da autoridade, dos papéis fixos e da manutenção da ordem social, o comportamento é justo quando cumpro meu próprio dever, mostro respeito às autoridades e às normas sociais.

O **nível III** é denominado de pós convencional, autônomo ou fundamentado em princípios; neste nível é possível definir valores e princípios morais que devem ser seguidos independentemente da autoridade. Este nível tem também dois estágios: O **estágio 5** que é a orientação legalista social-contratual. Aqui a ação é dirigida por princípios de ação discutidos e aprovados pela sociedade. Fora do terreno legal, são o livre acordo e o contrato os elementos que estabelecem as obrigações entre as pessoas. E o **estágio 6**, onde a orientação da ação se dá com base em princípios éticos universais. São princípios de justiça, de reciprocidade e igualdade dos direitos humanos, que são direitos que tem por objetivo garantir a dignidade dos seres humanos.

Vamos analisar cada um destes níveis e estágios com maior profundidade.

No **nível I**, pré-operatório as orientações que guiam a ação são integradas somente quando generalizadas na dimensão prazer ou desprazer.

No **nível II**, a satisfação dos carecimentos é mediatizada pela doação simbólica das pessoas de referência primária, ou pelo reconhecimento social de grupos mais amplos, “dissolvendo-se a ligação egocêntrica com o próprio princípio de gratificação”. (*idem*, p. 62). Ao longo do processo de desenvolvimento, os motivos da ação adquirem a forma de carecimentos culturalmente interpretados, cuja satisfação se articula com as expectativas socialmente reconhecidas.

No **nível III**, é o próprio processo de interpretação dos carecimentos que se transforma no objeto de *formação discursiva de vontade* (*idem*, p.63), que orienta a ação.

Quando a criança supera a fase que Habermas (1981) denomina de *simbiótica*, na qual predominavam a perspectiva da penalidade e da obediência, ela se torna sensível a pontos de vista morais, aprende a separar e distinguir o seu corpo do ambiente, e - mesmo não sendo capaz de distinguir totalmente os objetos físicos dos objetos sociais - adquire uma identidade de caráter natural, percebendo os limites do seu próprio corpo. Os atores que estão neste nível, quando inseridos no universo simbólico são agentes naturais, mais ainda não são sujeitos. No segundo nível, a identidade é liberada da ligação com a manifestação física dos atores. A criança incorpora as universalidades simbólicas de poucos papéis fundamentais ao seu ambiente natural. “Sinais corporais - como sexo, os dotes físicos, a idade etc. - são assumidos nas definições simbólicas. Neste nível, os atores se constituem em pessoas de referência dependente dos papéis e somente mais tarde em anônimos portadores de papéis”. (*idem*, p.64). Finalmente, no terceiro nível, as pessoas deixam de ser portadores de papéis, podendo afirmar as suas identidades, independente dos papéis concretos ou das normas. O jovem é capaz de distinguir de um lado as normas, e do outro os princípios segundo os quais as normas podem ser produzidas e como consequência, adquire a capacidade de julgar segundo os princípios. Nesta etapa o jovem é capaz de colocar o seu Eu além da linha onde estão demarcados os papéis e as normas, e se coloca unicamente com base na capacidade abstrata de representar com credibilidade a si mesmo, mesmo contrariando as expectativas de papel. A identidade de papel é constituída pela identidade do Eu, e os atores se encontram como indivíduos ao longo da vida que os coloca em contato.

As capacidades que o sujeito deve possuir, para agir segundo papéis que formam o que Habermas (1981) denomina de competências interativas, ou competências graduadas de interação, podem ser agrupadas em três dimensões que correspondem a uma lógica de desenvolvimento. A primeira dimensão diz respeito à percepção dos componentes cognitivos de papel. O ator deve entender o outro e ter capacidade para poder atender às expectativas que o outro possui a respeito do seu comportamento (nível I). Além disto, para Habermas (1981):

O ator deve ter capacidade de comportamento reflexivo relacionado com a compreensão das normas e dos papéis (nível II), ou de poder desviar-se delas. Finalmente, deve poder compreender e aplicar normas reflexivas (nível III). Os três níveis possuem diferentes graus de reflexividade. A expectativa do primeiro nível se torna reflexiva no segundo, e a expectativa reflexiva do segundo nível torna-se novamente reflexiva no terceiro: as normas se tornam objeto de normação. (HABERMAS, 1981, p.66).

A segunda dimensão diz respeito à percepção dos componentes motivacionais das qualificações gerais de papel. No nível I não se faz distinção entre o que é uma causalidade natural e a causalidade segundo a liberdade. Os imperativos são entendidos como exteriorização de desejos concretos, estejam eles na natureza ou na sociedade. No nível II os atores devem ser capazes de fazer uma distinção clara entre as ações obrigatórias e as ações puramente desejadas (dever e inclinação), entre a validade de uma norma e uma exigência que representa a exteriorização da vontade de alguém. Finalmente, no terceiro nível os atores devem ser capazes de fazer distinção entre uma norma que foi imposta e é herdada de outra, justificada por princípios. Os três níveis apresentam diferentes graus de abstração da diferenciação.

Os três níveis se distinguem com base no grau de abstração da diferenciação: as orientações que servem de guia para a ação – passando do carecimento concreto, através dos deveres, até o querer autônomo - tornam-se cada vez mais abstratas e, ao mesmo tempo, mais diferenciadas em relação à pretensão de validade da justiça (ou justiça), pretensão que se liga às normas de ação. (HABERMAS, 1981, p. 66).

A terceira dimensão pressupõe as outras duas e nela estão contidos aspectos cognoscitivos e motivacionais. Primeiramente, são percebidos os atores e ações concretas (nível I), no nível seguinte já são diferenciadas as estruturas simbólicas em função do geral e do particular. É possível diferenciar as ações singulares e as normas, os atores e os portadores de papéis. No terceiro nível as normas particulares podem ser vistas sob o ângulo da sua capacidade de serem generalizadas, tornando-se possível distinguir as normas gerais das particulares. Os atores vão ser vistos como sujeitos individualizados e que podem conduzir a sua vida escrevendo as suas biografias de forma singular e diferente dos demais.

Para Habermas (1981), com a “consciência moral” de Kolberg é possível usar a competência interativa para elaborar conflitos de ação moral relevante, chegando-se ao consenso e resolvendo esses conflitos, desde que haja um ponto de vista comum, capaz de auxiliar num ordenamento dos interesses em contraste. Contudo, os sujeitos de ação competente não se unem em torno de um ponto de vista, apenas por terem a mesma origem social, a tradição etc., mas somente se tal ponto de vista resultar das estruturas de interação possíveis. Em suma, sujeitos agentes podem se encontrar de modo incompleto se a relação entre eles é complementar (por exemplo, professor e aluno) e, neste caso, ambos, não podem esperar as mesmas coisas. Mas quando a relação entre eles é completamente recíproca, ambos podem esperar e fazer a mesma coisa (HABERMAS, 1981).

No conceito de identidade do Eu existe uma relação paradoxal pela qual o Eu, como pessoa em geral, é igual a todas as outras pessoas, mas enquanto indivíduo, ele é único e diferente de todos os demais. Sob este aspecto a identidade se configura como a capacidade do adulto de constituir novas identidades quando diante de situações conflitivas. Estas novas identidades criadas em situações conflitivas se harmonizam com as identidades anteriores, que são então superadas. O Eu infantil vai adentrando gradativamente nas estruturas do agir comunicativo, ampliando-se a sua competência interativa, a solidez e a autonomia do agir (HABERMAS, 1981).

A correspondência estabelecida pelo autor entre os níveis, a competência interativa e os níveis de consciência moral definem que quando o Eu dispõe de competência interativa de um determinado nível, formará uma consciência moral do mesmo nível. A psicologia do Eu afirma que o Eu elaborou mecanismos de defesa para serem utilizados em situações nas quais gostaria de evitar a elaboração dos conflitos conscientes. Nestas situações, os conflitos são afastados da consciência e o Eu se esconde diante deles. No último nível da consciência moral, a identidade do Eu atinge uma dimensão autônoma e uma liberdade que busca conciliar dignidade e felicidade e, nesta medida, é uma liberdade que põe limites a si mesma.

Para Ciampa (2001), a identidade concretiza uma política, dá vida a uma ideologia. *“No seu conjunto, as identidades constituem a sociedade, ao mesmo tempo em que são constituídas, cada uma, por ela”*. (idem, p. 127). E ainda, *“a identidade é morte-vida. Acompanha o desenvolvimento do ser humano e possui uma dialética que permite desvelar o caráter de metamorfose”* (idem, p.151). A metamorfose representa os momentos da vida do sujeito onde ocorrem mudanças significativas na sua identidade, e estas mudanças podem trazer autonomia propiciando uma vida menos dependente do outro, num outro patamar de experiências e realizações pessoais ou não.

Segundo Ciampa (2001) a identidade inicialmente assume a forma de um nome próprio, mas aos poucos é a atividade, ou seja, as ações realizadas pelo sujeito no seu meio social que influencia a atribuição de papéis e passa a designar o personagem, em atividade. O indivíduo não é mais apenas quem ele é, mas o que ele faz, e os papéis que desempenha padronizam sua atividade na relação com o outro. Continuando com Ciampa (2001), embora tenhamos a tendência de ver a identidade como representação, como algo acabado em um determinado momento da vida do sujeito, a identidade é um processo, e, portanto, devemos estudar o processo para entender a formação da identidade: *“Se não há nada que não seja o devir, a superação, no devir, não é aniquilamento, mas metamorfose, morte-e-vida”*. (idem, p.151).

A identidade começa com o ato de atribuir um nome a alguém. Apesar de, num primeiro momento, representar apenas um traço estatístico que define o ser, um nome

me identifica, e com ele eu me identifico: - eu sei que me chamo Célia, quando sou chamada desta forma pelos outros, e o meu nome, é a minha primeira identidade que se interioriza a partir daquilo que os outros me atribuem, mas com o tempo ele se torna meu. Desde o nascimento, e ao longo de toda a vida, nós vivemos um incessante predicar das coisas que os outros dizem de nós. No início de uma forma clara, mas com o tempo de modo mais sutil. Nosso nome se funde com nós mesmos e se transforma em nós. Ele é o que permite que sejamos identificados, como uma chancela que nos autentica como nós:

O significado que eles (do centro espírita) davam a seu comportamento tornava reais, verdadeiros seus pesadelos; se não fala mais em feitiço, fala agora em encosto. É uma realidade socialmente compartilhada que dava sentido ao que acontecia. (CIAMPA, 2001 p. 62).

A sensação de alguém que tem problemas com o nome é a de alguém que tem problemas com a sua própria pessoa, com a sua própria identidade. Eu tive um relacionamento importante com uma pessoa que recebeu da mãe o apelido de “Nê” alusivo a nenê, e quando cresceu e teve os primeiros amigos na escola, o “Nê” se transformou em “Ney”, embora seu nome de batismo fosse Luiz. Durante toda a sua vida ele oscilou entre Ney e Luiz, talvez o Luiz que queria ser Ney. E em outros momentos, o Ney que queria ser Luiz. Luiz era o nome com o qual se relacionava com a família extensa (tios e primos), e que usava no trabalho. E Ney, que tinha origem no “Nê” que era como a mãe o chamava enquanto pequeno, e que com o tempo foi esquecido, era a forma afetiva de existir para os amigos e os filhos. Com o tempo ele assumiu o apelido de Ney Luiz como nome: talvez como resultado de uma metamorfose (CIAMPA, 2001), uma transformação, que resultou numa identidade que fundia as duas anteriores. Como podemos ver, o nome não é a identidade, mas apenas uma representação de algo.

Segundo Berger e Luckmann (1995) o senso comum constitui o tecido de significados sem o qual nenhuma sociedade pode existir. A realidade é construída socialmente, e a sociologia do conhecimento descreve este processo. A realidade é algo

que existe independente da minha vontade. E o conhecimento dá certeza de que os fenômenos que eu percebo são reais. A relação entre o pensamento e a realidade subjacente é distinta do pensamento. Não há pensamento humano imune ao contexto social. O mundo do homem comum se organiza no pensamento e na ação.

Continuando com Berger e Luckmann (1995), existe uma objetivação dos processos e significações subjetivas, graças aos quais se constrói o mundo intersubjetivo do senso comum, fenomenológico. Na análise da experiência subjetiva da vida cotidiana, a consciência tem caráter intencional e tende para, e é dirigida para os objetos: há consciência de tal ou qual coisa. Os objetos diferentes se apresentam como diferentes esferas da realidade, e o mundo consciente tem múltiplas realidades. Segundo os autores, a consciência da realidade da vida cotidiana é a realidade por excelência e é a realidade predominante. Na vida cotidiana, podemos dizer que o homem está em total vigília, e apreende a realidade cotidiana de forma ordenada, uma vez que esta realidade está objetivada. Os objetos da vida cotidiana foram designados como objetos antes da minha entrada em cena. Eu quando eu entro em cena, o faço em um lugar geograficamente determinado, eu uso instrumentos que já estavam socialmente definidos e adentro uma teia de relações humanas, onde aprendo e utilizo uma linguagem que confere aos objetos significação.

A realidade da vida cotidiana inclui fenômenos que estão presentes no aqui e no agora, e é organizada num tempo e espaço definido. Eu experimento a vida cotidiana em graus distintos de aproximação. A realidade mais próxima é o mundo onde eu atuo: moro, me movimento, trabalho. Sendo que, no mundo do trabalho, eu tenho a consciência do que eu estou fazendo. E há também o mundo do lazer. Há ainda um mundo intersubjetivo do qual o indivíduo participa com os outros homens. A intersubjetividade diferencia a vida cotidiana de outras realidades: os homens vivem uns com outros homens num mesmo mundo e o compreendem a partir das objetivações por meio das quais o mundo é arrumado. A perspectiva deles não é idêntica. Mas, como eles vivem em um mundo comum, há correspondência entre os significados de uns em relação aos significados dos outros, o senso comum é o conhecimento compartilhado

entre eles (BERGER e LUCKMANN, 1995). Em suma, a realidade da vida cotidiana é aquela admitida como realidade.

A linguagem comum de que os homens dispõem fundamenta-se na vida cotidiana, onde há também uma estrutura temporal e espacial. Todo indivíduo tem consciência de um fluxo interior de tempo, porque o padrão do tempo da vida cotidiana é acessível intersubjetivamente, seja um tempo calendário, ou um tempo interior. Como o tempo (realidade diária) é contínuo e finito para os indivíduos, a estrutura temporal fornece a historicidade que determina a situação deste indivíduo na sua vida cotidiana (BERGER e LUCKMANN, 1995).

A realidade socialmente construída e os significados subjetivos se tornam facticidades objetivas, segundo três possibilidades: tipificação, institucionalização e socialização. Eu apreendo o outro mediante esquemas tipificadores. Quando se diz, por exemplo, que alguém é inglês, há um tipo referenciado mentalmente do que seja um inglês. Para alguns, este inglês poderia corresponder a alguém que tem bom nível educacional, é polido e discreto. Quando dito desta forma, está-se reproduzindo uma tipificação que permite identificar os ingleses, tal como eles são vistos aqui do Brasil. Por meio das tipificações pode-se dizer quem eu sou e quem é o outro. As tipificações são recíprocas, portanto, para marido fiel corresponde, por exemplo, uma esposa dedicada. E ao apreender o outro de uma forma tipificada, é possível interatuar com ele numa situação típica, com uma forma determinada de agir. Quando se tipificam os ingleses como dotados de certas características, pode-se imaginar o que eles comem, como falam etc. Neste processo, estamos considerando os ingleses como pessoas anônimas. Mas, quando face a face com um inglês, pode haver uma ruptura da tipificação anterior. Concluindo, a realidade social da vida cotidiana é apreendida num contínuo de tipificações que vão se tornando anônimas à medida que se distanciam do face a face (BERGER E LUCKMANN, 1995).

Ainda segundo os autores, a linguagem permite tomar contato com a subjetividade do outro, da mesma forma que os objetos de uma sociedade determinada compartilham subjetividade, como, por exemplo, uma arma que é uma objetivação da

agressividade presente na subjetividade humana. Um caso especial de objetivação é a produção humana de sinais que são um índice de significados subjetivos. A linguagem é um sistema de sinais vocais, que permite reciprocidade: falo como penso e o outro também fala como ele pensa e nós nos compreendemos, permitindo aproximação entre eu e o outro. A linguagem encontra referência na vida cotidiana, sendo um sistema de sinais que tem qualidade de objetividade, e que tipificam uma experiência. A linguagem simbólica constrói imensos edifícios de representação simbólica tais como a religião, a filosofia, a arte e as ciências (BERGER e LUCKMANN, 1995).

A mútua interpretação da vida cotidiana é o acervo social e, por meio destas interpretações, sabemos que a localização e o manejo dos indivíduos na sociedade constituem o cabedal social de conhecimentos. A sociedade é, portanto, um produto humano, e a realidade é socialmente construída, surgindo das interações humanas. Por outro lado, a sociedade se objetiva pelos hábitos das interações humanas que se repetem e se institucionalizam. Esta objetividade é percebida e internalizada por meio do processo de socialização primária e secundária, ambos são de natureza dinâmica e representam a possibilidade de resignificação do ser humano, como produto social (BERGER e LUCKMANN, 1995).

A institucionalização tem origem no fato de que todos são humanos enquanto indivíduos. Do ponto de vista da identidade o homem é um corpo e o homem tem um corpo, oscilando entre estes dois fatos a experiência que o homem tem de si mesmo. Os homens em conjunto produzem o ambiente humano e criam a ordem social a partir da progressiva produção humana, engendrada pelo homem em sua contínua exteriorização. A ordem social é produto da atividade humana e só existe enquanto atividade humana continuamente produzida. Por outro lado, as necessidades de ordem biológica provêm do equipamento biológico do homem, graças ao qual é possível se construir um mundo intersubjetivo comum (BERGER e LUCKMANN, 1995).

O conceito de institucionalização diz respeito aos hábitos que são procedimentos operatórios a partir das tipificações recíprocas, oriundas das ações habituais por tipo de atores. As instituições tipificam ações e atores. As instituições de

um determinado tipo terão ações executadas por atores deste mesmo tipo, e a institucionalização permite que se possa prever o papel do outro, num mundo institucionalizado e experimentado como realidade objetiva (BERGER e LUCKMANN, 1995).

Um outro conceito importante para analisar identidade é o de interiorização. Para Berger e Luckmann (1995) o mundo social objetivado é reintroduzido na consciência no curso da socialização. Com a institucionalização os indivíduos realizam ações separadas que são institucionalizadas no contexto da sua biografia. As ações são parte do universo de significações socialmente compartilhadas. É o conhecimento compartilhado que fornece as regras de conduta. Há um corpo de conhecimentos transmitido de geração em geração que é apreendido como verdade objetiva no curso da socialização, e é interiorizado como realidade subjetiva que, por sua vez, configura o indivíduo que é um tipo específico de pessoa, com significação social.

Berger e Luckmann (1995), para completar esta análise que fazemos, apresentam os conceitos de sedimentação e tradição. Ressaltam que somente uma pequena parte da experiência humana é retida na consciência, cristalizando-se. A sedimentação intersubjetiva é o acervo comum de conhecimentos que se objetiva através de sinais. A linguagem objetiva é a experiência partilhada por meio do acervo coletivo de conhecimento. Os autores se preocupavam com os processos de conservação e transformação social que ocorriam por meio da tipificação, institucionalização e socialização. O homem é uma construção social a partir de instituições humanas seculares tipificadas, apreendidas nos processos de socialização primária e secundária, resignificando, cabendo assim a Psicologia Social entender o momento das interações que produz sentido.

Segundo Ciampa (2001), a identidade aos poucos se mescla com a atividade, ou seja, são as ações realizadas pelo sujeito no seu meio social que influencia a atribuição de papéis e passa a designar o personagem em atividade, bem como a consciência que o indivíduo tem de si mesmo enquanto personagem de uma determinada realidade.

Ao estudar a identidade de alguém - da Severina, como exemplo - estuda-se uma determinada formação material, na sua atividade, com a sua consciência - vale repetir - como três coisas justapostas, mas presença de todas em cada uma delas, como uma unidade. (CIAMPA, 2001 p. 151).

A manifestação do ser é uma atividade: ele nasceu, então está nascido. É difícil, em especial na língua portuguesa, falar do ser como atividade, como acontecer, como suceder. No caso do nome a atividade é nomear, chamar, interpelar. No início somos apenas chamados. Com o tempo vamos adquirindo consciência de nós mesmos e passamos a nos chamar. Quando ainda não nos vemos como objeto para nós mesmos, quando nossa consciência ainda não se desenvolveu - o nome permanece como algo exterior. Começamos adquirir consciência de nós mesmos e começamos a nos chamar, podemos falar conosco, refletir. Se o indivíduo é o que faz e o fazer é sempre atividade no mundo, na sua relação com o outro, e o personagem somente se torna personagem na sua interação com o outro, a identidade é de natureza social. (CIAMPA, 2001).

Há em todas as culturas esquemas classificatórios através dos quais os indivíduos são localizados na estrutura social. O nome se refere também a nossa localização na sociedade, na totalidade da qual a família é parte: mediação entre indivíduo e sociedade. A identidade é algo que tem poder sobre o indivíduo como um fetiche. Como diz Ciampa (2001), “*Severino é lavrador embora não lavre mais. A personagem Severino lavrador subsiste mesmo com o fim da atividade que o engendrou*” (*idem*, p. 40). Torna-se algo com um poder sobre o indivíduo, mantendo e reproduzindo sua atividade mesmo que ele não a esteja mais exercendo. Trata-se do fetichismo da personagem, e quando ficamos presos ao fetichismo da personagem, não se evolui, não nos transformamos efetivamente. A realidade é sempre movimento, transformação e a metamorfose acontece todo o tempo.

Podemos ver claramente o conceito de identidade como pensar e ser, na referência que Ciampa (2001) faz de Severina, a personagem do seu livro, quando esta menciona sua ida a uma determinada rua para viver, a rua dos Ossos. Ela diz quando se refere àquele momento de sua vida como sendo, aquele, no qual: “começou a entender”

(*idem*, p. 48). Tal momento adquire o significado do momento de tomada de consciência da sua própria existência.

Mencionamos aqui um outro aspecto da identidade. Segundo Ciampa (2001), Severina de alguma forma sempre teve um objetivo a guiar seus passos mediante um projeto de vingança. Na prática, sua subjetividade se expressava pelo sentimento de revolta e o desejo de vingança, mas não há nenhuma unidade entre a objetividade (escrava) e a subjetividade (vingadora). Quando ela aprende a transformar-se, a ser outra, como que sai de si, se torna a outra, exterioriza-se na realidade. O subjetivo torna-se objetivo e vice-versa. Aprender e ser tornam-se então a mesma coisa, e a objetividade é a finalidade sem qual não se realiza a subjetividade. “*Se eu não me transformar como vou transformar o outro?*” - pergunta Severina (CIAMPA, 2001 p. 228). É por meio da prática que nós nos transformamos e transformamos o ambiente e neste ponto nos aproximamos no que Ciampa (2001) denomina de metamorfose. Para o autor, a identidade é metamorfose, em unidade com a atividade e a consciência que o indivíduo tem de si mesmo.

As múltiplas personagens que se alternam ao longo da vida são como que modos de produção de identidade: a Célia estudante que não queria ser dona de casa, que se casa e se transforma em esposa, em mãe, em diretora, em professora, em aluna. Uma identidade se apresenta como articulação de vários personagens constituídos e sendo constitutivos de uma história pessoal. Todos somos atores e vivemos um personagem, que às vezes pode se transformar num fetiche controlando o ator. O presidente de uma empresa pode se transformar apenas no presidente, esvaziar da sua identidade qualquer conteúdo diferente daquele que constituí a sua atividade profissional principal, neste caso, há uma fusão perfeita entre a identidade e a atividade. Ele não tem nenhuma outra idéia de si, a não ser na sua atividade de presidente. A identidade é sempre vista como uma representação (representada). Se estabelecermos a distinção entre o objeto da nossa representação e a representação do mesmo, veremos que ambos se apresentam como fenômenos sociais, sendo independentes um do outro.

Não podemos isolar de um lado os elementos biológicos, psicológicos, sociais etc., que caracterizam um indivíduo, e do outro a representação deste mesmo indivíduo, a sua identidade. Há uma interpenetração destes dois aspectos. A individualidade dada já pressupõe uma representação que faz parte da constituição do indivíduo representado.

Para Ciampa (2001), antes de nascer à criança já é representada como filho de alguém, membro de determinada família, personagem que entra na história da família até mesmo antes da constituição do ator. Esta representação é incorporada à sua objetividade social: filho de alguém, de uma determinada família. Quando esta representação não existe, a constituição dos personagens envolvidos é problemática. A criança esperada se constituirá no filho na medida em que as relações nas quais estiver envolvido concretamente, confirmarem esta representação, através de comportamentos que reforcem a sua conduta como filho e tudo o mais que envolve a sua vida familiar. É após a identificação daquela pessoa como filho de alguém que os comportamentos vão ocorrer, caracterizando a relação paterno-filial. A identidade do filho é consequência das relações e ao mesmo tempo é a condição destas relações. A identidade pressuposta é re-posta a cada momento, é vista como dada e dando, num processo contínuo de identificação. Mas a metamorfose é uma possibilidade de evolução e construção da própria vida. E neste sentido deve ser entendida como emancipatória.

CAPÍTULO 2

A EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DO SUJEITO

2.1 A Educação segundo Vigotski

Antes de iniciarmos a análise dos processos utilizados nas empresas para colocar em prática os programas de formação dos seus funcionários, vamos rever algumas considerações de Vigotski (2001) sobre educação e sobre os mecanismos de ensino e aprendizado.

No entender de Vigotski (2001), toda educação é de natureza social e, neste sentido, o aluno traz para a sala de aulas uma vivência compartilhada com os outros indivíduos do seu meio social, sendo possível modificar até mesmo reações inatas a partir da experiência do próprio aluno. O autor recomenda como a base principal do trabalho pedagógico, a utilização intensiva da experimentação e da emoção. *“Tudo o que é aprendido a partir da experiência, se torna efetivo para o indivíduo (ou o organismo)”* (*idem*, p.140).

Em sua proposta pedagógica, Vigotski (2001) menciona que todo sistema educacional baseado na passividade do aluno é inadequado, levando a resultados precários na aprendizagem. Não são os professores que ensinam e educam o aluno, mas ele próprio que aprende a partir de seus recursos pessoais e sociais, cabendo ao professor orientar e regular o meio no qual o indivíduo estuda, e os caminhos da aprendizagem.

Ora, entendemos que se este fato é pertinente à educação das crianças seria mais pertinente ainda nos processos de educação dos indivíduos adultos, uma vez que eles trazem uma ampla bagagem de vivências pessoais quando freqüentam os cursos oferecidos pelas empresas.

Para Vigotski (2001), a base da ação educacional é a resposta dos alunos a três momentos, a saber: o *momento de estímulo*, que é de responsabilidade do professor, diz respeito às estratégias utilizadas para transmitir aos alunos o conhecimento. O segundo momento é o de *elaboração* deste estímulo por parte dos alunos e o terceiro momento é representado pela *ação responsiva do aluno*. Vigotski (2001) julgava que a velha pedagogia estendia e intensificava exageradamente a primeira fase “*como se o aluno pudesse absorver o conhecimento alheio tal como se fosse uma esponja*” (*idem*, p. 140). Além disto, ainda no entender do autor, se o conhecimento não passa pela experiência pessoal do aluno o mesmo não é assimilado. O aprender se dá quando os alunos percebem e reagem ao estímulo do professor. Educar significa mudar, obtendo novas reações, e elaborando novas formas de comportamento. “*Se não houvesse nada para mudar, não haveria porque educar*” (*idem*, p. 140). Mas, além disto, nenhuma forma de educar é tão eficaz quanto aquela ligada à emoção, pois segundo Vigotski (2001): “*as emoções representam um sistema de reações prévias que comunicam ao organismo o futuro imediato do seu comportamento e organizam o comportamento*” (*idem*, p.143). Assim, quando um fato apresentado desperta uma emoção, certamente será mais fácil a sua memorização. Vigotski (2001) prossegue: “*Cabe ao professor não somente transmitir informações, mas procurar fazer os alunos sentirem o fato*” (*idem*, p. 145).

Poder transferir de um campo do aprendizado para outro este conjunto de sensações e reações, é base do processo educacional. Vigotski (2001) não recomenda as formas de ensino que se limitam a transmitir um conjunto amplo de conhecimentos e informações, sem motivar na relação com alunos respostas de natureza emocional. Para ele: “Ao contrário, o pedagogo deve partir das chamadas sensações primárias, basilares e fortes e já com base nelas lançar o fundamento da estrutura emocional do indivíduo” (*idem*, p.142). E resume: “Outras reações emocionais, podem estar vinculadas aos mais diversos estímulos, mas só pode realizar esse vínculo confrontando na experiência pessoal do aluno os diferentes estímulos” (*idem*, p. 142).

O que é, então, educar segundo Vigotski (2001)? A forma efetiva implica oferecer aos estudantes uma oportunidade de constante experimentação, o que resulta na necessidade dos docentes desenvolverem estratégias de ensino capazes de permitir aos alunos colocarem em prática os conceitos aprendidos, além de provocar nos alunos uma resposta emocional. É criar condições no meio escolar no qual a educação acontece, para que os alunos e alunas possam aprender por meio de estímulos que provoquem respostas emocionais favoráveis, vinculadas à experiência de vida de cada um deles, procurando sempre atingir os seus sentimentos e favorecendo intensa experimentação.

Para Vigotski (2001), tal forma de ensinar é importante por favorecer a memorização e a apreensão dos conhecimentos, mas também porque pode ir além, promovendo um verdadeiro aprendizado individual de convívio com as emoções, evitando a “insensibilização do mundo e a esterilização dos sentimentos” (*idem*, p. 144).

Transportando para o contexto da educação de adultos no mundo do trabalho, as pessoas aprendem melhor quando vislumbram a sua realidade profissional. Num curso que trata, por exemplo, de liderança de equipes seria interessante perguntar aos participantes sobre um acontecimento da sua vida profissional, cujos ensinamentos do seu chefe foram fundamentais para encontrar a solução de um problema. Apelar para a lembrança dos bons momentos e daqueles em que o tratamento recebido foi inadequado.

Comparar as lições aprendidas em ambos os casos. A reação de emoção associada ao acontecimento será importante para a memorização dos procedimentos adequados e poderá ajudar ao aluno no aprendizado. A emoção suscitada estará ligada ao novo conhecimento adquirido.

Para Vigotski (2001), “organizar o comportamento emocional” (*idem*, p. 147), é algo possível e é parte do processo pedagógico, e pode, desta forma, apoiar os alunos na busca de um convívio social de melhor qualidade. Se as emoções são respostas inerentes aos indivíduos, elas devem ser levadas em consideração ao longo de todo processo educacional.

2.2 A educação oferecida pelas empresas aos funcionários

Para conhecer o que as empresas oferecem aos seus funcionários, seja por meio dos programas de treinamento de habilidades operacionais para realizar uma tarefa ou daqueles programas voltados ao desenvolvimento das competências, que são definidas como um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes, necessárias e adequadas às demandas do capitalismo moderno, como vimos na introdução desse trabalho, recorreremos aos autores da administração de empresas que descrevem o que as empresas oferecem e recomendam, como sendo os melhores caminhos para o desenvolvimento de profissionais nas organizações. Escolhemos Eboli (2004) e Chiavenato (2005), porque ambos são referência para as empresas e por

considerarmos necessário conhecer os programas e os pressupostos que estão por trás da sua adoção, para posteriormente fazermos a nossa crítica.

Segundo Éboli (2004), um processo de ensino aprendizagem para ser eficaz, para as empresas capitalistas envolvidas na busca de um profissional melhor preparado, com vistas a uma resposta eficaz na extrema competitividade das empresas no mercado globalizado, deveria utilizar recursos capazes de motivar nos profissionais emoções positivas, em relação ao saber transmitido. Sob este aspecto, poderíamos dizer que existe concordância, entre a forma de educar adultos que é considerada adequada pela autora, e o método proposto por Vigotski (2001), para a educação de crianças. Éboli (2004), se preocupou em buscar esclarecer se existe uma diferença significativa entre a forma de aprender das crianças e a dos adultos. A autora define andragogia como “a ciência ou arte de educar pessoas adultas” (*idem*, p.33).

É atribuída a *Malcon Knowles* a utilização do termo andragogia pela primeira vez, em um artigo publicado em 1970, como designativo de uma a área do conhecimento que busca compreender como os indivíduos adultos aprendem e quais as melhores formas de se ensinar adultos. O termo remete a um conceito de educação voltado para o adulto, em contraposição à pedagogia que estuda a educação de crianças (do grego paidós = criança). Para educadores como Pierre Foulter (1973), a andragogia é um conceito amplo de educação do ser humano, em qualquer idade. A UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, por sua vez, já utilizou o termo para referir-se à educação continuada.

Pedro Gutierrez, apud Ébolli (2004) ao se referir às diferenças entre a pedagogia e a andragogia, chama atenção para o fato de que a bagagem trazida pelo estudante adulto é muito maior que aquela de domínio das crianças, indicando que na forma do adulto aprender, ele primeiramente processa a informação, memorizando posteriormente, afirmando que isto é o oposto do que ocorre com as crianças, que primeiro memorizam e somente depois processam a informação.

Já em 1926, Lindman, em seu livro “*The Meaning of Adult Education*” apud Goecks (2003), indicava cinco pressupostos importantes para a educação de adultos,

que, segundo Goecks (2003), ainda hoje fazem parte dos fundamentos da teoria da aprendizagem de adultos. O primeiro pressuposto é que adultos são motivados a aprender na medida em que possam antever que os conhecimentos aprendidos poderão satisfazer suas necessidades e interesses. A segunda consideração é que a aprendizagem do adulto, esta centrada na vida, daí a necessidade de organizar o ensino a partir das experiências de vida prática, sendo esta a melhor forma de ensinar. Além do mais, os adultos tem necessidade de controlar seu processo de aprendizagem, querem ser auto dirigidos, o que implica em transformar o professor num facilitador de um processo de investigação mútua. E, finalmente, crescem as diferenças individuais entre as pessoas com o passar da idade, exigindo do facilitador grande flexibilidade para conduzir o ensino de uma forma individualizada.

Chiavenato (2005) se interessou pelo tema do treinamento e desenvolvimento nas organizações visto apenas do ângulo empresarial e como uma necessidade da competitividade empresarial, e afirma que o treinamento e o desenvolvimento nas empresas são atividades cujo objetivo maior é desenvolver as competências das pessoas, para que estas se tornem mais produtivas e inovadoras para as organizações, uma vez que representam o capital intelectual das empresas. Sendo assim, quanto mais bem preparados estiverem os funcionários e as funcionárias, mais valiosa será a parcela intelectual do capital empresarial.

Segundo Chiavenato (2005), o treinamento é diferente de desenvolvimento, tal como mencionamos na introdução deste trabalho. O treinamento busca melhorar as habilidades atuais do funcionário para o exercício da função que esse atualmente desempenha, enquanto as ações de desenvolvimento estão voltadas para as habilidades e capacidades para ocupar cargos futuros. A aprendizagem organizacional envolve ambos os processos. Além disto, o desenvolvimento visa fortalecer ou mudar habilidades e atitudes, e desenvolver *“habilidade para trabalhar com conceitos, e elevar o nível da abstração das pessoas para que elas possam pensar e agir em termos mais amplos”* (*idem*, p. 340).

Segundo Chiavenatto (2005), uma pesquisa realizada pela Fundação Dom Cabral e publicada no site da Fundação para o Prêmio Nacional da qualidade, entidade de grande prestígio dentre as empresas capitalistas, menciona que as competências

buscadas nas pessoas são: relacionamento interpessoal, visão do todo, comunicabilidade, empreendedorismo, negociação, capacidade de inovar, percepção de tendências, multifuncionalidade, visão de processos, conhecimento da realidade externa, garra, ambição (p.155). Como podemos ver, há um desejo de moldar um indivíduo para o trabalho sem qualquer relação com as habilidades humanas necessárias ao agir comunicativo, ou para a emancipação deste indivíduo na sociedade. Como diria Heloani (2003), há uma tentativa real de manipular a subjetividade do trabalhador e transformar o indivíduo, apenas e tão somente, em um trabalhador.

Chiavenato (2005) aponta ainda que o levantamento de necessidades geralmente é feito em três níveis, a saber: o primeiro é procedendo à análise organizacional. Nesta etapa se busca identificar a missão da empresa, definida como a sua razão de existir, suas responsabilidades, em especial para com os seus clientes e acionistas. A visão empresarial, também é analisada nesta etapa, ou seja, onde a empresa deseja chegar, quais os horizontes e perspectivas que a empresa definiu para ela mesma, no futuro. Com estas informações é possível definir os objetivos estratégicos que se deseja atingir com o treinamento, deixando claro, que além de adaptar o indivíduo à organização, é preciso interiorizar neste trabalhador os interesses estratégicos do capital. O processo de interiorização buscado por meio da formação do trabalhador, diz respeito aqui à interiorização das formas de agir úteis ao capital. O indivíduo é visto apenas como alguém cuja razão de ser neste mundo é trabalhar. Daí a supressão de todos os conteúdos que não interessariam ao capital dos cursos oferecidos pelas empresas. Trata-se como vemos, de uma anulação da importância do indivíduo como membro da sociedade. Ele fica restrito apenas a um papel no processo produtivo (Heloani, 2003).

Quando analisamos as formas utilizadas para avaliar a eficácia dos programas de formação, apontadas por Chiavenato (2005), mais uma vez, constatamos que a importância da educação é medida pela contribuição do funcionário para o processo produtivo (economias de custo, melhoria de qualidade, economia de tempo), medidas de resultado financeiro (tais como clientes atendidos, tarefas completadas, produtividade, dinheiro aplicado, economias de custo), e, finalmente, economias de tempo (por meio de redução do tempo de projeto, de processamento de pedidos, de supervisão etc.). Estes

resultados no seu conjunto, resultam em mais lucro para as empresas e constituem o retorno sobre o capital investido em treinamento e desenvolvimento. O indivíduo transforma-se desta forma em um mero instrumento do lucro das empresas.

Para Éboli (2004), as universidades corporativas surgem como uma evolução do departamento de treinamento e responderam às demandas por competitividade que caracterizou os dez últimos anos do século XX. Com o fim das barreiras comerciais significativas, há possibilidade dos consumidores conhecerem produtos globais, o mercado financeiro também se torna global, representando uma nova realidade econômica que determina a necessidade do domínio de novos conhecimentos, habilidades e atitudes por parte dos profissionais. Na introdução desta dissertação falamos sobre esses novos desafios do capitalismo moderno.

Prosseguindo com Éboli (2004), a criação das universidades corporativas responde à necessidade de:

Desenvolver competências críticas para o negócio e não mais habilidades individuais, privilegiar o aprendizado organizacional fortalecendo a cultura corporativa e o conhecimento coletivo e não mais o indivíduo e adotar o conceito de educação inclusiva desenvolvendo competências críticas para o público interno e externo (familiares, clientes, fornecedores, parceiros comerciais e comunidade) (*idem*, p. 49).

Para esta autora, competências críticas não se referem ao desenvolvimento de capacidades para criticar a realidade em que vivem os profissionais, e não corresponde a uma etapa do desenvolvimento do agir comunicativo conforme descrita por Habermas (1981). Pelo contrário, as competências críticas estão referidas aqueles saberes e atitudes que são críticos exclusivamente do ponto de vista do capital.

Para Éboli (2003), os objetivos das universidades corporativas são diferentes dos objetivos dos centros de treinamento e de desenvolvimento. Nos centros de treinamento o objetivo era desenvolver habilidades para capacitar alguém para o trabalho. Ao criar as universidades corporativas, as empresas têm como objetivo promover o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes críticas para o negócio, em permanência, ao longo da vida do profissional na empresa, de forma continuada, a partir de programas sequenciais. Elas se inspiraram no ensino regular de

uma faculdade que capacita alguém para exercer uma profissão, e prepara o aluno para ser um cidadão da sociedade. Mas, no caso das empresas, o objetivo é qualificar para exercer uma atividade numa determinada empresa, tendo em vista a transformação humana para aquela empresa, dotando o indivíduo de qualidades dentre as quais se incluem atitudes adequadas àquela empresa, no contexto competitivo onde a mesma esta inserida. Talvez seja por esta razão que é tão difícil explicar a alguém que vive no mundo da educação oficial, o que é uma universidade corporativa. A universidade corporativa não tem nada de universal, e não tem o mundo da vida como paradigma, mas apenas o mundo do trabalho, e de uma maneira muito restrita, referida ao universo específico de uma determinada empresa. Os programas das universidades corporativas não têm pré-requisitos anteriores de formação e não conferem título reconhecido pelas autoridades da educação do país.

Para (Éboli, 2004), a ênfase nos centros de treinamento é tática, nas universidades é de natureza estratégica. Nos centros de treinamento os resultados esperados dizem respeito ao aumento das habilidades, enquanto nas universidades a busca é por maior competitividade. Neste sentido, vemos mais uma vez que o objetivo por de traz das universidades corporativas é um aprendizado bom para a organização, e cujo foco não é o indivíduo atuando em sociedade, mas trabalhando em uma determinada empresa.

Para que as universidades corporativas sejam bem sucedidas, Éboli (2004) enumera sete princípios que elas devem perseguir. O primeiro diz respeito à necessidade de valorizar a educação como uma forma de desenvolver o capital intelectual dos colaboradores, acreditando que para elevar o patamar de competitividade das empresas, é preciso desenvolver e consolidar as competências críticas⁷, empresariais e humanas. Em seguida, a autora fala que as empresas devem entender que a educação não é apenas um processo de desenvolvimento do potencial de cada ser humano que trabalha na empresa, mas um processo de transmissão da herança cultural (das empresas). O terceiro princípio diz respeito à capacidade de construir uma rede de relacionamentos com seu público interno e externo. O quarto princípio diz respeito a disponibilizar

⁷ As competências críticas e humanas dizem respeito apenas à adequação do profissional ao trabalho e a realidade cultural daquela empresa. Embora a autora fale em competências críticas não se trata do sentido de competências para poder criticar.

atividades e recursos educacionais de fácil acesso, para que os profissionais possam estudar em diferentes horários e locais, inclusive via Internet. O quinto princípio diz respeito à necessidade das empresas estimularem a cidadania individual e corporativa, buscando formar “sujeitos capazes de refletir criticamente sobre a realidade organizacional, de construí-la e modificá-la, e de atuar pautados por uma postura ética e socialmente responsável” (*idem*, p.59). O sexto princípio diz respeito à necessidade de estabelecer parcerias com instituições de nível superior, e o sétimo à necessidade de ser um centro gerador de resultados financeiros para as empresas.

É interessante observar que um processo de manipulação humana que se estabelece. Além dos resultados advindos do lucro adicional gerado por cada um dos trabalhadores, por meio da sua maior produtividade, que proporciona maior competitividade para as empresas, a atividade de educação dentro das empresas deve ser ainda geradora de lucros, oriundos da formação. Quando o treinamento é oferecido a clientes e fornecedores ele deve ser cobrado, resultando em fonte de receita para a universidade corporativa.

Mas, como transformar profissionais em sujeitos conscientes da sua realidade profissional na organização, capazes de reconstruir e modificar esta realidade por meio da educação que as empresas oferecem e da forma como o tema é tratado?

Tomemos o exemplo das seis universidades corporativas analisadas por Éboli (2004) no setor financeiro, a saber: Banco do Brasil, Bank Boston, BNDES, Caixa Econômica Federal, Real ABN AMRO e VISA. Os programas voltados à formação gerencial têm conteúdos bastante semelhantes ao curso de administração de empresas para graduados, voltados à transmissão de conhecimentos das melhores práticas de gestão de clientes, recursos financeiros e equipes de funcionários. Todos falam da necessidade em oferecer aos gerentes destas empresas a oportunidade de trabalhar com exemplos reais advindos da atividade dos bancos. Todos enfatizam o propósito de que com estes cursos, a competitividade empresarial possa crescer. O aumento da competitividade empresarial deve ser mensurado a partir da avaliação da atuação dos profissionais que freqüentaram os programas. Mais uma vez, constata-se que formar um profissional mais lucrativo para as empresas é o objetivo maior das universidades corporativas, que passam muito longe da busca pela formação de um sujeito autônomo,

capaz de uma atitude crítica em relação ao seu próprio trabalho e à empresa. Concluímos, então, que o profissional crítico desejado é apenas no sentido de poder sugerir novos arranjos nas suas formas de trabalhar, capazes de gerar ainda mais lucro para as empresas.

2.3 A formação dos profissionais na empresa onde Janaína trabalhava

No sentido de estudar a influência de uma educação fortemente ideológica, oferecida por uma universidade corporativa, uma das primeiras do Brasil, mencionada no livro de Éboli (2004) e no de Chiavenato (2005), que entrevistamos Janaína, uma mulher branca, de 56 anos de idade, que ocupa hoje uma posição importante nessa empresa, como gerente de comunicação interna. Janaína trabalha há vinte e oito anos nessa mesma empresa, e apenas concluiu o antigo ginásio, sem nunca ter freqüentado o colegial e muito menos o ensino superior. Começou na empresa como secretária e chegou a uma importante posição, tendo nos cursos oferecidos por esta organização, uma parte significativa da sua educação formal. Nos pareceu, portanto, que seria um exemplo relevante para analisarmos a contribuição da educação corporativa na formação da subjetividade desta pessoa.

Que programas eram adotados pela universidade corporativa da empresa em que trabalhava Janaína? A empresa não desejou participar da nossa pesquisa, mas nos deu livre acesso aos seus programas, inclusive nos concedendo uma senha de entrada no seu site que fica na intranet, uma rede interna de telecomunicação para uso exclusivo dos funcionários e à qual tivemos acesso. De acordo com o material da empresa, o programa considerado como o mais importante para preparar executivos para o futuro é um conjunto de cursos que recebe o nome de "Gestão Estratégica de Negócios". Trata-se de um programa em dez etapas com duração de dois dias cada uma deles, num total de cento e sessenta horas aula. Este curso era considerado na ocasião da nossa entrevista

como de importância estratégica para desenvolver as competências-chave para os gestores da empresa, tal como é o caso de Janaína.

O programa é apresentado como respondendo à necessidade dos executivos aprenderem que a gestão organizacional se apóia em sistemas articulados e não nas tarefas isoladas, executadas pelos profissionais da empresa. Este fato requer a compreensão, de forma abrangente, dos processos empresariais que se articulam. Para tanto, foram concebidos conteúdos considerados da máxima importância para suprir tais necessidades, divididos nos dez módulos acima mencionados. Sem detalhar excessivamente os conteúdos, podemos dizer que os temas estão relacionados com a gestão de pessoas para maior produtividade, a visão integrada do negócio (economia, mercado, empresa e consumidores), a análise da forma como devem ser empregados os recursos financeiros, analisados os retornos sobre os investimentos e explicado como aumentar o valor da empresa para os acionistas, além do processo de planejamento estratégico e, finalmente, alguns conteúdos denominados de desenvolvimento pessoal. Neste último programa, de conteúdos de desenvolvimento pessoal, o objetivo é que os profissionais se comuniquem de forma adequada, tanto com os públicos internos quanto com os públicos externos, com quem a empresa se relaciona. É também discutido como conviver com o estresse e com as situações de contrariedade no dia-a-dia.

Podemos, então, concluir que os conteúdos não se distanciam daqueles apontados por Éboli (2004) nas universidades corporativas do setor financeiro. Por outro lado, sendo um programa voltado a todos os gerentes da empresa, e declaradamente originado na necessidade de maior competitividade, eles estão em linha com a forma de atuar das universidades corporativas, e já comentado por nós. Em todos os programas da universidade corporativa da empresa onde Janaína trabalhou por 28 anos, a apresentação dos conceitos é seguida de uma bateria de exercícios que utilizam casos reais da empresa e permitem aos gerentes aprenderem tendo como pano de fundo a sua realidade profissional, interiorizando as soluções consideradas adequadas pela empresa.

A análise da entrevista de Janaína poderá nos levar a compreender a contribuição deste tipo de formação para promover mudanças na sua forma de entender a empresa e na sua forma de agir.

CAPÍTULO 3

A PESQUISA

3.1 Objetivo Geral

Segundo Luna (2003), o objetivo do projeto de pesquisa deve ser definido a partir das influências sociais que possam advir das suas conclusões. A razão que nos leva a realizar esta pesquisa é buscar compreender de que forma o esforço de educação

desenvolvido pela universidade corporativa de uma dada empresa atuou sobre o psiquismo de uma pessoa que adquiriu, nestes cursos, parte significativa da sua formação. Entendemos ser necessário refletir sobre as decorrências para o indivíduo da educação oferecida pelas empresas, uma vez que elas podem constituir, no futuro, parte integrante do esforço de educação no Brasil. Ao conhecer a sua influência sobre as pessoas, teremos condições mais adequadas para entender melhor o potencial transformador ou alienante desta contribuição.

3.2. Objetivo Específico

Como os programas oferecidos pela universidade corporativa de uma empresa a um determinado profissional, que recebeu da empresa a maior parte da sua formação, atuaram na sua consciência e contribuíram para a construção de sua identidade.

3.3 Perguntas da pesquisa

1. Como uma forma de educação, impregnada de uma ideologia capitalista, que busca o máximo de eficiência dos profissionais, totalmente voltada a satisfazer as demandas de natureza puramente econômicas, atua na consciência que o profissional projeta sobre si mesmo, e na forma como se reconhece na relação com os outros, contribuindo para a constituição da sua identidade?
2. O que se passa no psiquismo do profissional com pouca educação formal quando é educado pela empresa?

3. Sendo a educação, como afirma Vigotski (2004), uma forma de influência social, que tipo de influência exerce a educação oferecida pelas empresas sobre uma pessoa que recebeu da empresa a maior parte da sua formação?

3.4 *O Método*

Realizamos este trabalho a partir da análise de conteúdo da narrativa da história de vida de Janaína, nome fictício escolhido pela própria entrevistada, mulher branca, de 56 anos de idade, que ocupa hoje uma posição importante em uma empresa que possui uma universidade corporativa. Pelo fato de a entrevistada ter concluído apenas o antigo ginásio, e nunca ter frequentado uma faculdade, teve, nos cursos oferecidos por esta organização, parte significativa da sua educação formal.

Ao decidirmos realizar um projeto para entender a influência dos cursos de formação oferecidos pelas empresas, na subjetividade daqueles que chegaram a frequentar tais cursos, concluímos ser necessário entrevistar pessoas em posições gerenciais, que tivessem frequentado os programas oferecidos como parte do seu processo de desenvolvimento de competências, e sem titulação de nível superior. Esta exigência se baseia no fato de grande parte das faculdades - em todas as áreas do conhecimento - oferecerem aos alunos, oportunidades de contato com autores de diferentes tendências, possibilitando o desenvolvimento da capacidade de criticar. Aquele que não teve acesso ao ensino superior teve em geral menores chances de trazer para o mundo do trabalho uma competência de crítica, pois via de regra, esta competência se desenvolve na faculdade. Além disto, se o nosso objetivo é analisar as influências do ensino ideológico oferecido pelas empresas, na subjetividade do profissional, o melhor seria escolher um sujeito que teve, na formação oferecida pela empresa, uma parte significativa dos conteúdos conceituais aprendidos.

Para Stake (1995), quando se escolhe um sujeito para um estudo de caso, os resultados costumam ser significativamente superiores quando se escolhe não aqueles que são os mais representativos da população em geral, mas, pelo contrário, quando se busca analisar aqueles sujeitos que têm uma visão de mundo diferente da média, pois a

análise do seu pensamento nos permite avaliar aspectos que ficam obscuros no indivíduo de padrão mediano. Ora, a média dos gerentes das empresas já tinha nível superior antes mesmo de chegar a uma determinada posição, como um requisito para ocupar os cargos de gerenciamento. Janaína, ao contrário, chegou ao cargo sem nunca ter acesso à educação superior, ascendendo a esta posição não enquanto a empresa era pequena, mas numa ocasião em que já era um dos maiores grupos de serviço do Brasil. Janaína fora criada num ambiente social de baixo poder aquisitivo; desde os quinze anos trabalhou para viver e foi admitida como secretária quando era uma dona de casa que estava há muito tempo afastada do mercado. Certamente o seu repertório de conquistas no mundo do trabalho não corresponde àquilo que, na média, encontramos na história profissional dos brasileiros. O mais provável é que uma secretária do tempo em que a empresa era pequena continue uma secretária quando a empresa cresce.

Para Kolyniak (2004), os sujeitos emblemáticos são *“aqueles que conseguem exprimir a consciência coletiva de uma forma melhor e de uma maneira mais precisa que a grande maioria do grupo”* (*idem*, p. 26). Janaína nasceu de uma família de baixo poder aquisitivo no interior do Paraná. Sua mãe era professora primária e o pai funcionário público eventual, pois ocupava cargos de confiança na prefeitura da cidade onde viviam, dependendo do prefeito eleito. Saiu da casa aos 15 anos, viveu em São Paulo e, em circunstâncias muito difíceis, chegou a passar fome e frio. Na empresa onde trabalha atualmente, viaja, faz cursos, vive por alguns meses fora do Brasil e termina por ocupar uma posição de destaque. Essa possui uma universidade corporativa, na qual Janaína, com uma bagagem reduzida de conhecimentos conceituais e teóricos pode assistir a diversos cursos. Ela foi escolhida para ser o sujeito que serviu de base para nossa análise, em virtude das particularidades de sua história de vida que, no nosso entender, fazem dela um sujeito emblemático. Por sua trajetória de vida imprevisível e, ao mesmo tempo, tão bem ajustada às nossas necessidades de pesquisa, constituiu-se no sujeito ideal para nossa investigação.

Goldman (1967), ao discutir a influência da bibliografia do autor em suas obras literárias, afirma que algumas obras explicitam a tendência de um movimento que está começando e que não se manifesta ainda de uma forma evidente no contexto social. Ora, alguns sujeitos como Janaína são testemunhas de uma tendência ainda não

perfeitamente clara no contexto social. Além disto, Janaína revelou uma grande facilidade de comunicação, sua narrativa foi rica, tendo momentos de risos, lágrimas, raiva, ironia etc., e, com isto pudemos colher informações de grande riqueza.

A entrevista foi conduzida em três etapas. Em relação à duração, a primeira etapa durou três horas, a segunda etapa uma hora e a terceira duas horas, resultando num total de seis horas de entrevista. Na primeira parte, ouvimos a entrevistada discorrer sobre sua vida de maneira bastante livre. Na segunda parte, nos concentramos especificamente nos cursos por ela freqüentados na universidade corporativa da empresa. Finalmente, na terceira etapa, nos voltamos à infância e à adolescência de Janaína, para completar o conjunto de informações que viabilizasse o estudo sobre a construção de sua identidade, bem como, influências do aprendizado advindo dos cursos da universidade corporativa.

Segundo Lane (1989 p.7),

os relatos das histórias de vida, onde o discurso reflete as representações conscientes que o indivíduo faz de si e do mundo que o cerca, constituem dado empírico a partir do qual podemos detectar os componentes ideológicos, emocionais, as contradições e o próprio movimento do pensamento que engendra o discurso (p.8).

Analisar o conteúdo do discurso é uma forma eficiente para a investigação da subjetividade, pois as funções psíquicas superiores, consciência, afetividade, atividade e identidade são mediadas pela linguagem, na entrevista registramos as mediações que nos permitem chegar às funções superiores. Além disto, há emoções que não podem ser verbalizadas, e ficam nos gestos, na mímica, na entonação da voz que devem também ser objeto de análise na entrevista.

Por outro lado, segundo Vigotski (2001), é a partir da linguagem desenvolvida que podemos entender a experiência acumulada através da história da sociedade. Uma história de vida não trata apenas de um sujeito específico, mas representa material relevante para entendermos os elementos da cultura na qual o sujeito está inserido. Além disto, a palavra é o meio de comunicação e, neste aspecto, não se restringe a

designar o objeto, mas generaliza a informação sobre ele. Quando consideramos a função comunicativa da palavra e de representação da linguagem enfatizamos as mediações que ocorrem entre indivíduo e sociedade.

Para Scherer, Morales e Leclerq (2003),

falar em identidade e linguagem é transformar o sujeito numa palavra de intervalo no decurso de sua vida e de sua história, e essa palavra comprometida não é senão o próprio sujeito por intermédio do discurso, por esse discurso que nos habita e que é construído por um eu a partir de um outro numa alteridade sem limites (idem, p. 24).

De posse da transcrição das seis horas de entrevista que estão no anexo deste trabalho, procedemos à análise do conteúdo. De acordo com Bardin (2006), a análise de conteúdo permite compreender o que está por trás das palavras e das mensagens expressas no discurso. Este tipo de análise tem como material principal os significados e visa a conhecer as variáveis de ordem psicológica e sociológica do sujeito, por meio de um mecanismo de dedução e com base em categorias construídas a partir de uma amostra das mensagens fornecidas pela entrevistada.

Em um primeiro momento procuramos descobrir os personagens representados por Janaína ao longo da sua vida, que correspondem ao processo de construção da sua identidade, em conformidade com Habermas (1981) e Ciampa (2001). Uma vez identificados os personagens, procedemos à pré-análise da entrevista, na busca das categorias explicativas dos diferentes momentos da história de vida de Janaína, que tivessem a propriedade de descrever os grandes edifícios simbólicos constitutivos de cada personagem.

Elegemos sete categorias de análise a serem examinadas para cada um dos personagens representativos da identidade de Janaína ao longo de sua vida, bem como do seu projeto de vida futura que já podemos antever no final da entrevista. A primeira categoria selecionada foi **família**, buscando entender a relação de Janaína com, inicialmente, mãe, pai e irmãos e, posteriormente, marido e filhas, uma vez que é na família que se inicia a socialização primária e os processos de interiorização de um

universo de sentidos e significados por tipificação, bem como os papéis exercidos no seio da família são plenos de significação (BERGER e LUCKMANN, 2004). A segunda categoria escolhida foi **atividade** dominante formadora da consciência que Janaína tinha de si e dos outros, em cada personagem. Para Leontiev (2004) o desenvolvimento do psiquismo não é influenciado pelo conjunto das atividades, mas pela atividade dominante. Para ser chamada de dominante, a atividade tem que ser aquela no interior da qual se formam novos tipos de atividade, se formam ou se reorganizam processos psíquicos particulares, e em terceiro lugar, deve ser aquela que mais influencia as mudanças psicológicas fundamentais da personalidade manifestadas no processo de desenvolvimento. A terceira categoria foi **autoimagem**, que corresponde à consciência que Janaína tinha de si e dos outros se configurando numa categoria importante para entender os personagens. A quarta categoria escolhida foram os **valores**, uma vez que o agir comunicativo no seu nível mais alto de desenvolvimento, segundo Habermas (1981), é orientado pelos valores pessoais. A quinta categoria foi **religião**, por tratar-se de um importante edifício simbólico e de construção de sentidos. A sexta categoria escolhida foi o **aprendizado** vivenciado por Janaína em cada personagem. Finalmente, em cada personagem vivido Janaína manifestava **aspirações** em relação a sua vida futura, que muitas vezes orientaram a sua ação.

Tendo como referência o início da vida profissional de Janaína na empresa onde atua há vinte e oito anos, nós vamos tentar identificar a influência dos cursos oferecidos pela empresa no processo de seu desenvolvimento gerencial, para a constituição de sua subjetividade, mais especificamente da sua identidade, bem como analisar de que forma sua atividade profissional incorpora repertórios e significados dos cursos frequentados pela entrevistada. Conforme Habermas (1981), a identidade é um processo que nunca termina. A análise das aspirações de Janaína nos permitirá visualizar o movimento futuro da sua identidade.

Uma vez selecionadas essas categorias, buscamos ao longo da entrevista os elementos da história de vida correspondentes a cada uma delas. As categorias funcionaram como grelhas de análise (BARDIN, 2006) do conteúdo da narrativa. A seguir são apresentados os resultados deste procedimento.

3.5 A entrevistada

Conforme foi mencionado anteriormente, nossa entrevistada é uma mulher branca de 56 anos de idade, que ocupa uma posição de prestígio em um grande grupo de origem francesa, com sede na cidade de São Paulo. Janaína é o nome escolhido por ela própria para os fins deste trabalho. Ela não frequentou curso superior e podemos dizer que a sua educação formal se constitui do ensino fundamental completo (antigo primário e ginásio) e de um curso de francês de quatro anos e meio na *Aliança Francesa*. Anexo pode ser encontrado a transcrição completa da entrevista, bem como guardamos conosco o termo de autorização para utilização deste material e dispomos de um CD gravado com a versão integral da entrevista.

CAPÍTULO 4

A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DE JANAÍNA

Conforme foi mencionado no capítulo dedicado à revisão teórica, a identidade vai sendo forjada ao longo da vida, acompanhando o processo de socialização e se constituindo na medida em que o sujeito se apropria dos símbolos da sociedade em que vive; elabora e interioriza este universo que termina por caracterizar seu próprio universo. A análise de cada personagem que representa a identidade de Janaína ao longo de sua vida teve como base o conteúdo da entrevista realizada em três etapas, de acordo com o que foi descrito no capítulo anterior. Buscamos, por meio de leituras e releituras, desvelar os elementos importantes para a construção dos sentidos da vida para Janaína, dos elementos explicativos da forma como ela mesma se definia em cada etapa ao longo

da narrativa, procurando ver Janaína como um personagem que materializava a maioria dos conteúdos que atribuíam sentido à sua vida, tal como Ciampa (2001) realizou na *estória de Severina*.

4.1 *O primeiro personagem: a menina prodígio*

Janaína começa a narrar a sua história de vida por uma época em que talvez tivesse oito ou nove anos e morava numa fazenda no interior do Paraná onde o pai era contador. Não se trata de uma narrativa em ordem cronológica, pois, posteriormente ela regride no tempo e nos conta mais sobre um tempo anterior. Porém esta etapa deve ser a mais marcante para ela e persistente na memória. É interessante observar na entrevista como Janaína responde à primeira pergunta:

Pergunta: Quem é você?

Resposta: O que é a Janaína? Uma criança muito pobre e sonhadora. Muito coerente. Sonhava muito e era muito coerente, pois sabia que muitos dos seus sonhos não iriam se realizar, mas nem por isto parava de sonhar. E cantava muito. O dia inteirinho. O tempo inteirinho. Acho que quando me deram o tapa na bunda quando nasci, se é que me deram um tapa na bunda, não chorei: cantei. Não consigo lembrar de mim que não seja cantando. Minha mãe dizia para eu cantar músicas mais agitadas, pois eu trabalhava ao ritmo das músicas que eu cantava e eram muito lânguidas. Tinha meu lado musical. Eu sempre cantei. Cantava no coro da igreja. Minha mãe sempre me estimulou muito. Ela participava de coisas de música com canto coral. Lembro de mim sempre cantando. Hoje tenho músicas gravadas. É um lado recente. Se alguém me dissesse que um dia eu ia compor músicas não acreditaria. Pessoas que são entendidas e não só meus amigos dizem que a minha música é boa. Mas não é comercial, não vende. Faço letra e música. Então o que mais posso te dizer? Uma infância pobre, simples... Saí da minha cidade aos dez anos. São Pedro do Ivaí. Tivemos que sair por causa de rixas homéricas de cidadezinha pequena em época de eleição, que vem polícia militar para garantir as eleições, e meu pai deveria ter sido partidário de

algun político e se metido em política do lado errado e nós tivemos que sair da cidade. Nunca havia saído desta cidade até os dez anos. Depois fomos para uma outra cidade que ficava a 100Km Jandaia, e de lá e depois para a fazenda onde meu pai foi contratado como contador. Esta cidade era meu útero. Era ali que tinha meus tios, avós. Eu sentia falta daquele lugar. Eu cantava na igreja. Era ali que eu era conhecida. Era conhecida como a menina que cantava. Na escola quando alguém tinha que fazer um discurso eu era escolhida. Tinha um bom tom de voz e falava olhando para as pessoas. São características que não são muito naturais numa criança criada naquele ambiente. Havia uma energia interior muito em mim, né? Que felizmente era uma energia produtiva que fez as coisas acontecerem assim. Fomos para uma fazenda.

Para Habermas (1981) a identidade do indivíduo se estabelece a partir da sua relação com o outro, se incorporando na vida social como o reconhecimento do outro. Quando a entrevistada diz: “ali eu era conhecida”, possivelmente gostaria de dizer: ali eu era reconhecida. Há, portanto, para formação da identidade um processo de reciprocidade por meio do qual eu reconheço o outro e “existo” enquanto indivíduo a partir do momento em que o outro me reconhece como tal. No início da narrativa, Janaína tenta se definir de uma forma autônoma, quase como se lesse a sua certidão de nascimento. E tal como se definisse um objeto constrói a frase: “o que é Janaína”. Mas ao descrever o contexto social em que se inseria que a narrativa passa a assumir a primeira pessoa do singular e do plural. Aí Janaína se reconhece como uma menina especial, escolhida pela escola nas ocasiões importantes, diferente das outras, única e com uma forma de agir pouco provável no seu meio social, e certamente só se sente desta forma porque tais predicados lhe eram atribuídos pelos outros com quem interagia. A própria origem de Janaína, a pequena cidade do interior do Paraná, contribuiu para a formação da sua identidade ao longo da vida, e este aspecto irá surgir em diferentes pontos da narrativa. E por ser uma menina prodígio, com uma postura pouco usual num meio tão pobre como ela se descreve, resolvemos nomear este primeiro personagem de **menina prodígio**.

Para Habermas (1981), quando a criança aprende a interpretar as interações como um membro da comunidade, compreende as ações como a realização das

expectativas do comportamento que deve adotar, e estas expectativas de comportamento foram generalizadas no tempo. A menina bem comportada corresponde a uma expectativa generalizada no tempo. Janaína gostava de ser bem comportada. Mais tarde, quando o jovem aprende a questionar a validade das normas de ação e dos papéis sociais, o setor do seu universo simbólico se amplia enormemente, e emergem princípios segundo os quais as normas em conflito recíproco podem ser julgadas. Neste processo, os atores e os seus carecimentos entram no universo simbólico. Nossa entrevista começa a partir do ponto em que Janaína é capaz de interpretar as interações como um membro da comunidade onde vivia. Ela gostava de pertencer àquela comunidade.

Também já dissemos que, para Ciampa (2001), *“no seu conjunto, as identidades constituem a sociedade, ao mesmo tempo em que são constituídas, cada uma, por ela”* (p. 127). A identidade acompanha o desenvolvimento do ser humano e possui uma dialética que permite desvendar o caráter de metamorfose. Podemos considerar que na primeira etapa da narrativa Janaína mostra a sua primeira identidade. Ela se refere à cidade onde vivia com os pais e os irmãos como sendo o “seu útero”, numa analogia que remete ao seu próprio nascimento como pessoa biológica e social. Vamos analisar a seguir este personagem em **atividade** e como eram as suas relações com a **família**, a sua **auto-imagem**, os seus **valores**, as influências da **religião**, as pessoas e vivências que mais contribuíam para o seu **aprendizado** e as suas **aspirações**, categorias de análise escolhidas por nós.

Atividade: Conforme descrita anteriormente, a atividade predominante de Janaina nesta primeira etapa da narrativa era a de aluna. Aluna do grupo escolar, aluna do catecismo, aluna cantora do coro da igreja. É nesta atividade, que como ela mesmo diz, ela era “reconhecida”, e por meio do reconhecimento do meio social onde vivia, Janaina constituía um personagem.

Família: Como eram as relações de Janaína com a sua família?

Resposta: Meu pai era uma pessoa muito fechada. Ausente. Com enorme dificuldade de mostrar emoções. Uma ocasião eu fiquei sabendo que ele tocava bandolim. Eu já era moça.

Então perguntei: Porque nunca contou isto para a gente? E ele respondeu: “por que contar? pra que?” Meu pai era o “toco”. Risos...

Pergunta: O que quer dizer?

Resposta. Minha mãe dizia uma frase meio de brincadeira meio séria, que era: a gente precisa ter um marido em casa nem que seja um toco. Meu pai era o toco. Tudo em casa era resolvido pela minha mãe. Ele chegava, sentava, comia, saía e a gente mal notava a presença dele. Só quando brigava. Aí era o diabo.

Encontramos, nesta etapa da narrativa, uma forte figura materna e uma pálida figura paterna. Além disto, o pai foi o responsável pela saída de Janaína da cidade útero que analisaremos no próximo item deste capítulo.

Ele não era de levar desaforos para casa. Tanto é que tivemos que sair fugidos da cidade, de São Pedro de Ivaí. Foi muito traumático. Nós só fomos registrados quando já tínhamos saído de São Pedro do Ivaí. Seis crianças sem registro. Aí um dia o dono do cartório que era a pessoa que meu pai apoiava nas eleições foi para Jandaia e minha mãe pediu a ele que fizesse o registro de todos nós.

É importante observar que o registro na certidão de nascimento marca a existência simbólica do indivíduo. Não ter sido registrada pelo pai é como se ela não vivesse para ele. Este fato era reforçado pela forma como a forte figura materna falava do marido: “o toco”. Lembrando uma pessoa pequena ou um objeto inanimado. A ausência do pai na vida da família completava este cenário de relações difíceis entre pai e filha.

Pergunta: E como era sua relação com seu pai?

Resposta: Eu era respondona. Acho que era como ele. Eu também não aceitava bronca se estivesse com a razão. Mas era pouco. Na maior parte do tempo ele nem falava com a gente.

Pergunta: E por que não foram registrados?

Resposta: Por quê? Por que este era o jeito do meu pai. Era difícil? Então deixa para lá. E cada ano nascendo um filho e ele deixando sempre para depois. Um horror. E só fomos registrados porque minha mãe pediu!

A relação entre os pais seguia o rígido padrão católico de orientação: o casamento é indissolúvel, os filhos devem ser bem-vindos e o casal tem que permanecer junto mesmo que não haja mais amor entre eles.

Pergunta: E como era o relacionamento dele com sua mãe?

Resposta: Eu acho que não devia ser bom. Ela casou, conheceu meu pai um pouco antes do casamento, e casou porque meu avô mandou casar. Naquele tempo, naquela roça, era assim. E ela aceitava tudo. Muitas vezes a gente perguntava por que ela não o enfrentava. E ela falava a brincadeira do toco, mas depois dizia: eu tenho que ter respeito pelo seu pai. Afinal ele é meu marido. Ela era muito religiosa e para ela o casamento era para sempre. Nem passava pela cabeça dela se separar. Então ela continuava com ele.

Pergunta. E você acha que ela amava o seu pai?

Resposta: É difícil dizer, pois, ela nem comentava qualquer coisa conosco. Mesmo com as mais velhas. Eu sou a segunda filha e ela só dizia que ele era o marido e ela não ia discutir com ele.

Pergunta: Você me disse que sua mãe trabalhou sozinha para criar nove filhos, mas seu pai viveu bastante. O que aconteceu?

Resposta: A mesma coisa que aconteceu comigo e com tantas outras mulheres. Minha mãe era uma heroína (lágrimas) Então sempre tinha emprego. Teve só uma época que ela ficou sem emprego que foi quando saímos às pressas e fomos para Jandaia e depois para a fazenda. Até na fazenda ela logo organizou as crianças da colônia, primeiro para o catecismo e depois para as aulas e o dono da fazenda autorizou que ela desce aulas e pagava para ela. E ela foi professora até se aposentar. O meu pai estava sempre no mundo da lua. Trabalhava em política. Chegou até a trabalhar na prefeitura. Mas também ficou muitas vezes desempregado e aí era o salário

da minha mãe que botava a comida na mesa. Ela era uma heroína. Cuidava da casa, dava aulas no grupo escolar e ainda fazia outras coisas para ganhar dinheiro. Era prendada. Cantava na igreja.

Vemos, mais uma vez, a confirmação da mãe como um importante referencial social de papéis e o pai olhado com uma certa revolta, pois não correspondia à tipificação socialmente internalizada do pai de família provedor, garantindo e dando tranquilidade material para a família. A realidade socialmente construída e os significados subjetivos se tornam facticidades objetivas, segundo três possibilidades: tipificação, institucionalização e socialização. As pessoas vivendo em sociedade apreendem o outro mediante esquemas tipificadores. E o pai de Janaína era tipificado pelas referências da mãe, pela displicência em relação ao registro dos filhos, e por ter sido ele um agente de sofrimento, quando da saída da família de São Pedro do Ivaí. Não por vontade própria ou em busca de melhores oportunidades, mas em virtude de suas “incompreensíveis”, para a entrevistada, rixas políticas.

A vida com os irmãos também seguia a tipologia das famílias cujos pais tiveram muitos filhos: os maiores ajudavam a cuidar dos menores, todos brigavam muito, eram muito chegados quando pequenos, mas alguns saíam muito cedo de casa, como foi o caso da nossa entrevistada.

Pergunta: E como era a sua vida com seus irmãos?

Resposta: Quando pequenos muita briga. Mas éramos unidos. Quando pequenos fazíamos tudo juntos. Os maiores ajudavam a cuidar dos pequenos e como eu era a segunda cuidei muito dos meus irmãos. Mas não havia nenhum que fosse mais chegado a mim. E depois eu saí cedo de casa. A convivência com eles foi até os quinze anos. Depois só no Natal. Quando minha mãe era viva eu ia para casa todos os natais. Depois que ela morreu eu não fui mais.

Auto-imagem a auto-imagem de Janaína na fase que antecede a saída para Jandaia, e cujo personagem denominamos de **menina prodígio**, era de uma menina feliz e especial.

Eu era conhecida como a menina que cantava. Na escola quando alguém tinha que fazer um discurso eu era escolhida. Tinha um bom tom de voz e falava olhando para as pessoas. São características que não são muito naturais numa criança criada naquele ambiente. Havia uma energia interior muito forte em mim, né? Que felizmente era uma energia produtiva que fez as coisas acontecerem assim.

Observando a postura corporal da entrevistada nesta etapa, percebemos que ela se sentia feliz dentro desta personagem, orgulhosa, pois apesar da pobreza financeira a atividade desenvolvida na escola tinha para ela um sentido, preenchia sua necessidade de ser importante e de ser feliz. Além disto, possuía uma certa rebeldia que se manifestava na relação com o pai e na qual ela tinha seu único ponto de identificação com ele:

Eu era respondona. Não aceitava imposições. No fundo acho que eu era como ele (o pai). Pois sabia que ele não era de levar desaforos para casa.

Religião e Valores: Juntamos estas duas categorias de análise nesta etapa do nosso trabalho, pois estão imbricadas na narrativa. Os valores e a influência religiosa vinham da família, da igreja e da escola. A menina que estuda para ser reconhecida, que sabe se comunicar e é convidada para fazer discursos e a filha que tem que ir a igreja para a missa e a reza, e ajuda sua mãe em casa a cuidar dos irmãos e a fazer as tarefas domésticas, estão fortemente associadas.

Minha mãe era muito religiosa. Nós tínhamos que ir à missa e eu, em especial cantava no coro da igreja com a minha mãe. Ia também às rezas, onde se rezava o terço e cantava. Todos os dias. E eu gostava muito porque adorava cantar e porque ficava com a minha mãe. Ela nem permitia que algum filho agisse de forma diferente. E minha mãe ensinava a gente pelo exemplo. Ela mandava fazer e a gente fazia. A gente percebia a presença de Deus muito forte para ela. E ficava para a gente também. Ela ensinava pelo

exemplo. Ela dizia: Deus escreve certo por linhas tortas. Não demonstrava muito o carinho que sentia pela gente. Mas a gente sabia o quanto ela amava a todos. E todos olhávamos o que ela fazia para saber o que era certo e o que era errado.

Aprendizado: E de onde vinha o aprendizado de Janaína? O que ela aprendeu de importante nesta fase, no nosso entender foram os valores religiosos sólidos e o exemplo forte da mãe mostrando o que era certo. E a mãe tinha muitos filhos, aceitava a todos aqueles que Deus lhe dava, continuava a viver com um marido que era o “toco”, conforme manda a lei de Deus e as determinações sociais da época. Mas, inferiorizava o marido quando falava dele para os filhos, e enviava uma dupla mensagem, pois, ao mesmo tempo em que se referia ao marido como o “toco”, dizia que ele era necessário em casa, lembrando aos filhos que ele era o pai e deveria ser respeitado. Esta tipologia de mãe e de pai, certamente foi interiorizada por Janaína e terá influência na sua própria situação de casamento no futuro (BERGER e LUCKMANN, 2004). Além disto, a mãe de Janaína desempenhava o papel do pai, lutando para alimentar a família e tomando a frente de processos sabidamente de prerrogativa do pai, como registrar os filhos, e esta tipologia de esposa dedicada vai se interiorizar (BERGER e LUCKMANN, 2004) associada aos saberes aprendidos na escola, constituindo no grande aprendizado de Janaína nesta fase.

Aspirações: A aspiração mais significativa que observamos em Janaína nesta fase foi o desejo de estudar, fazer o ginásio. Janaína nos pareceu feliz sendo reconhecida na escola como uma menina especial que se comunica bem e é chamada para falar nas festas cívicas Mas nesta fase começa a falar para as colegas que queria estudar, fazer o ginásio para aprender línguas.

Eu desde pequena eu tinha vontade de aprender outras línguas. Então dizia para minhas amigas. Eu quero estudar. Quero fazer o ginásio para aprender línguas.

4.2 O segundo personagem: *a menina sonhadora*

Analisando a entrevista em ordem cronológica descobrimos que quando da saída de Janaína de São Pedro do Ivaí e de sua ida para Jandaia e depois para a fazenda surge um outro personagem que nasce justamente da situação limite, vivida pela menina. Habermas(1981) nos alertava para o fato de que situações limites forçam a mudança de identidade para permitir aos indivíduos sobreviver. Janaína aprendeu nesta etapa de sua vida a dura lição de que a vida pode mudar de repente. A saída da família de Janaína no meio da noite e a dificuldade decorrente deste momento representaram, para a menina, uma situação limite, obrigando-a a mudar de personagem para seguir sua vida.

Nasce a **menina sonhadora** que substitui a **menina prodígio**.

Foi muito traumático. Sair no meio da noite daquele jeito. Anos depois eu soube que saímos de noite, pois, havia um caminhão que tinha deixado uma carga na cidade e se usássemos para a mudança seria mais barato. E o caminhão levaria a minha mãe e alguns de nós. E o motorista resolveu sair de madrugada, pois, eles viajam de madrugada. Hoje eu sei isto. Mas naquela época foi um terror. Não gosto nem de lembrar. Tudo o que nós tínhamos de bom estava naquela cidade. Eu já te contei: nós fomos para Jandaia que era a cidade vizinha. Foi muito ruim porque meu pai estava sem trabalho. Quando o dinheiro que tinha guardado acabou a gente passava fome. Até que ele arrumou o emprego na fazenda. Quem arrumou o emprego na fazenda foi um senhor que era o dono do cartório de São Pedro do Ivaí e que ele apoiava nas eleições.

Pude observar, na postura de Janaína, a lembrança do seu sofrimento naquele período de vida.

Atividade: Nossa **menina prodígio**, de repente, viu-se transformada numa **menina sonhadora**, no dizer da própria entrevistada, coerente, pois diante das circunstâncias sabia, de antemão, que muitos dos seus sonhos, agora não poderiam mais se realizar. Reforçando a importância do outro, na atribuição de sua identidade, e da atividade como elemento de construção de sentidos, Janaína se mostra muito triste ao lembrar que foi obrigada a trocar a escola, o coral e a cidade onde era reconhecida como

única, pela fazenda. Nesta etapa de sua vida, podemos dizer que a menina prodígio como personagem é substituída pela **menina sonhadora** cantora de músicas lânguidas que encontrava na mãe seu principal interlocutor.

P. E como era a vida na Fazenda?

Resposta: Tinha a parte boa. O riacho que a gente tomava banho, as meninas da colônia. Nós pescávamos lambari fazendo armadilhas para os peixes. E fugíamos do bode que ficava num barranco por onde a gente passava. Mas eu achava que nunca mais ia sair de lá. E isto me angustiava, pois eu queria voltar para a cidade útero, lá onde estava tudo que era importante para mim. E eu sonhava, embora sabendo que os meus sonhos não iriam se realizar. Eu sonhava embora sabendo que os meus sonhos não iriam se realizar (repete). Eu ficava sentada na porteira de onde via a estrada e via os carros que passavam e iam embora na curva e pensava: será que algum dia vou poder ir embora como eles? E eu era coerente, pois sonhava com este dia, mas achava que nunca ia chegar. E foi nesta época que eu comecei a sonhar que um dia ia aprender francês. Nem sei porquê. A minha família não tinha nenhuma influencia francesa. E cantava o dia inteiro. Minha mãe me mandava cantar músicas mais agitadas, pois eu cantava músicas muito lânguidas e trabalhava ao ritmo da música. Ela me mandava cantar musicas mais agitadas para trabalhar mais depressa. (Risos)

As músicas lânguidas nos sugerem melancolia. O próprio ato de cantar o tempo todo nos parece uma espécie de fuga espontânea da dura realidade. Na primeira etapa da narrativa, analisando o discurso de Janaína, vimos que os elementos que davam significado para a sua existência eram as atividades desenvolvidas na escola, no coro da igreja e a sua relação familiar com os tios e seus avós, além da mãe e do pai. Quando fogem para a cidade de Jandaia onde passam por muitas dificuldades, inclusive fome e, posteriormente, mudam para a fazenda, a narrativa revela um recolhimento da personagem para dentro de si mesma e uma enorme frustração. A vida na fazenda é identificada com a fase “da coerência, pois sabia que seus sonhos não iriam se realizar”.

Família: Mas havia alguns momentos de alegria e umas das poucas manifestações de carinho da parte do pai, das quais ela se lembra, acontecem na fazenda.

Pergunta: E você se lembra de alguma passagem, algo do seu pai com você?

Resposta: (pensando longe) Eu me lembro uma vez que minha mãe me bateu com uma vara de pesca, daquelas que são moles na ponta. Estava uma confusão geral, uma brigaiada entre os irmãos e ela pegou a vara e foi para cima daquele amontoado de filhos se batendo. E a vara passou por cima da minha cabeça e bateu logo abaixo dos meus olhos e me machucou. Então quando meu pai chegou e me viu com a cara inchada ele perguntou: o que aconteceu? E quando eu disse que foi a minha mãe que tinha me batido, ele foi falar com ela, e perguntou? Por que bateu na menina deste jeito? Você quase furou o olho dela! E eu tenho esta lembrança como uma das poucas manifestações de carinho vindas do meu pai.

Janaína teve dificuldade em falar sobre este período. Mas sabemos que na sua relação com a família se destaca o fato da mãe ter organizado a escola da fazenda e o catecismo permitindo a Janaína não perder totalmente as lembranças da atividade de aluna, além disto, ela e rezava com a mãe.

Você há de convir que numa família de gente muito pobre, pode imaginar o que é ser filha de uma família de nove filhos, onde somente a mãe se esmirilhava para sustentar nove filhos. Minha mãe era uma heroína. (Lágrimas). Era uma heroína...(muitas lágrimas). Ela era professora primária. Teve só uma época que ela ficou sem emprego que foi quando saímos às pressas e fomos para Jandaia e depois para a fazenda. Até na fazenda ela logo organizou as crianças da colônia, primeiro para o catecismo e depois para as aulas e o dono da fazenda autorizou que ela descesse aulas e pagava para ela. E nós estudávamos com ela.

Para Habermas (2004), as pessoas são indivíduos que se individualizam na sociedade por meio da socialização. Um conceito chave para a compreensão da identidade é o de internalização. A internalização permite que se perceba o outro por meio dos sentidos, e ao interiorizar o mundo do outro interiorizo o sentido que o mundo tem para o outro. Nesta fase o mundo de Janaína era restrito à família uma vez que estava privada da escola, e seu universo ficava mais restrito. A emoção e a dor que ela

revela quando fala neste período nos sugere novamente Habermas (1981). Segundo o autor, a psicologia do Eu afirma que o Eu elaborou mecanismos de defesa para serem utilizados em situações nas quais se gostaria de evitar a elaboração dos conflitos conscientes. Nestas situações, os conflitos são afastados da consciência e o Eu se esconde diante deles. Janaína se esconde dos conflitos desta fase da sua vida, pois toda ela foi muito traumática.

Ainda segundo Habermas (1981) no nível II de consciência moral que ele denomina de nível convencional, há uma necessidade de satisfazer às expectativas da família, do grupo social, e da nação. Janaína na fase **menina sonhadora** tinha a sua vida restrita à família e podemos dizer que **as relações familiares** exercem influência fundamental na sua identidade. Há trocas afetivas simples, mas importantes, com o pai, e a mãe se transforma em professora de fato, uma vez que era na escola da mãe que Janaína estudava e aprendia o catecismo. A figura materna se acentua na vida de Janaína.

Auto-imagem de Janaína era da menina sofrida que cantava músicas lânguidas enquanto fazia as tarefas domésticas. Sonhava, vendo os carros que se afastavam na curva da estrada, em um dia sair dali, voltar para a cidade útero e acreditava que os seus sonhos jamais iriam se realizar.

Valores e Religião: Vinham ainda nesta fase, essencialmente, da mãe que assume o papel de mãe, mestra e catequista. Já dissemos que se tratava de uma mãe muito religiosa, que não admitia que filhos fizessem escolhas religiosas que fossem diferentes da sua própria, valorizava o casamento, mas não respeitava muito o marido, embora continuasse com ele numa perspectiva de casamento indissolúvel. Todos estes valores eram passados a Janaína por tipificação e iam sendo interiorizados.

Aprendizado: O grande aprendizado do período não veio apenas dos conhecimentos aprendidos com a mãe na escola, ou mesmo das aulas de catecismo, ou do exemplo da mãe. Não que estes fatos não tenham sido importantes, mas acreditamos que o grande aprendizado de Janaína foi o do quanto sua vida poderia ser volátil. A saída da cidade

“útero” no meio da noite, a fome que passou em Jandaia, o afastamento da escola e do coro da igreja que tanto ela gostava, e de repente, a porteira de uma fazenda olhando a curva da estrada e imaginando que nunca mais sairia daquele lugar, mostraram a ela a fragilidade da vida estável.

Aspirações: No campo das aspirações Janaína começa a desejar aprender francês, que de uma maneira inexplicável aparece na sua vida, mas que interpretamos como mais um sonho desta fase. Falar uma língua chamada francês poderia corresponder ao desejo de simplesmente sair da fazenda e voltar para São Pedro do Ivaí, a cidade “útero”. Ela aspirava fugir da realidade da fazenda.

E foi nesta época que eu comecei a querer aprender francês. Na verdade desde pequena eu dizia que queria fazer o ginásio para aprender outras línguas. Mas nesta fase o francês ficou muito marcado. Eu dizia: da mesma maneira que juntei b e a para fazer ba, vou juntar palavras e falar francês. Um dia achei uma revista em espanhol na fazenda. E me diverti muito porque conseguia entender algumas coisas. Foi um barato!

*4.3. O terceiro personagem: uma volta da **menina prodígio** e o nascimento da **lutadora consciente***

A vida na fazenda durou três longos anos. Quando a família saiu da fazenda eles voltaram para São Pedro do Ivaí e Janaína voltou para cidade da qual tanto gostava. E os sonhos impossíveis se realizaram. A **atividade** de estudante volta com força. Janaina entra no ginásio e volta a ser reconhecida.

Família: Ao entrar no ginásio como tanto queria, voltam a se ampliar seus conteúdos afetivos e constitutivos de identidade. Ela começa a aprender francês e venceu um concurso de redação, ocasião que lhe proporciona um momento de aproximação com seu pai.

Me lembro uma outra vez que eu tinha participado num concurso de redação na cidade. Nós já tínhamos vindo de volta para São Pedro de Ivai. Eu estava no ginásio. E eu ganhei o primeiro prêmio e a minha redação foi publicada no jornal da cidade. Cidade pequena não tem muito assunto. Então publicaram o resultado do concurso e a redação. Aí ele chegou em casa com o jornal, colocou em cima da mesa e falou: eu não acreditava que você conseguisse. Mas não foi num tom agressivo, foi num tom tímido, quase um sussurro. E eu na hora fiquei triste, pois queria que ele tivesse me dado os parabéns. Mas hoje eu entendo isto como o maior gesto de carinho de que ele foi capaz! Tudo o que nós queríamos nós falávamos com minha mãe. Ele não contava.

Se no nível II de consciência moral de Habermas (1981) com base no trabalho de Kohlberg (1971) é importante a expectativa que temos em relação às opiniões e desejos que os outros têm a nosso respeito, para o desenvolvimento da nossa própria consciência, Janaína esperava um cumprimento do pai pelo seu feito.

Ciampa (2001) afirma que a identidade acompanha o desenvolvimento do ser humano e tem uma dialética de transformação. Com a saída da fazenda, e o final da sensação de “sonhos que nunca poderão se realizar”, Janaína adquire coragem para tomar nas mãos o seu próprio destino, uma coragem que vem de longe, da **menina prodígio** que está de volta, com a menina que “falava olhando as pessoas, algo que não era comum para quem vivia naquele meio social” e da experiência importante que foi ganhar um concurso de redação na escola. E um novo personagem nasce querendo voar mais alto e deixar a casa dos pais. Nasce a **lutadora consciente**.

Eu dizia a minha mãe. Mãe eu não quero ficar aqui. Quero ir para uma cidade maior. Quero trabalhar. Quero estudar e aqui não tenho futuro. Se ficar aqui vou casar, ter um monte de filhos, ou virar bancária ou professora, o que não é ruim mais eu quero mais do que isto. Quero sair, mas quero ir com o seu consentimento. Naquela altura uma menina de 15, 16 anos sair de casa assim era uma coisa muito complicada. Eu dizia: quero ir para uma outra cidade, fico na casa da minha tia, faço algum trabalho. Fui para Londrina e comecei a trabalhar na rádio, fazia novelas. E era difícil, pois eu sabia que estava sozinha. Morava com a minha tia, mas tinha que trazer dinheiro caso contrário não comia, porque ela era também muito pobre.

A menina que antigamente fazia discursos na escola, e tinha o desejo de ser especial, inicia um novo e importante projeto de vida. Acontece uma verdadeira metamorfose (Ciampa 2001). Na iniciativa de sair de casa, que era uma iniciativa de grande complexidade para seu contexto de vida, é que nasce a **lutadora consciente**, personagem que é fruto de uma nova **atividade** e representa uma metamorfose importante na vida de Janaína, trazendo com ela emancipação. O impulso para esta transformação pode ter tido gestação na pobreza das atividades desempenhadas por Janaína enquanto viveu na fazenda, ou por negação à imagem refletida de sua mãe, dona de casa e professora primária, ou em virtude do seu sucesso no ginásio. Janaína começa a desejar mais para ela mesma e seus argumentos para a mãe são reveladores de muita reflexão, de consciência. Para ser mais feliz, realizar os sonhos do tempo da fazenda, era preciso sair do ambiente seguro da vida familiar e aventurar-se em cidades maiores, em busca de uma nova **atividade**, sabendo que iniciativas desta natureza não eram freqüentes no contexto social em que ela vivia.

Mesmo na decisão de partir a relação com a mãe, e a influência dela sobre Janaína é fortalecida.

Pergunta: Quando decidiu ir para Londrina trabalhar e estudar, conversou com seu pai, pediu autorização?

Resposta: De jeito algum. Ele era o “toco”, ele não contava. Conversei tudo com a minha mãe.

Nesta fase ela exercita o agir comunicativo argumentando com base nos seus próprios valores. Para Habermas (1981), quando o jovem aprende a questionar a validade das normas de ação e dos papéis sociais, o setor do seu universo simbólico se amplia enormemente, e emergem princípios segundo os quais as normas em conflito recíproco podem ser julgadas. “Neste processo, os atores e os seus carecimentos entram no universo simbólico. Além disto, os três níveis de desenvolvimento do agir comunicativo se distinguem com base no grau de abstração da diferenciação: as orientações que servem de guia para a ação, passando do carecimento concreto, por

meio dos deveres, até o querer autônomo - tornam-se cada vez mais abstratas e, ao mesmo tempo, mais diferenciadas em relação à pretensão de validade da justiça (ou justiça), pretensão que se liga às normas de ação” (p. 66). Janaína vive este processo de forma integral. Ela queria viver numa cidade maior, trabalhar e estudar para ser alguém diferente da mãe: dona de casa e professora primária. Não queria ser alguém apenas ligeiramente diferente, como uma bancária. Vemos, aqui, o exato momento em que ela deixa de agir com base nas expectativas de comportamento do grupo social e alça vôo com direção à cidade baseada nas suas próprias significações.

Eu dizia mãe quero ir para uma outra cidade, fico na casa da minha tia, faço algum trabalho. Fui para Londrina e fiquei na casa de uma tia. Tinha 16 anos.

Foi muito duro, pois não tinha nenhuma estrutura. Tinha que trabalhar senão não sobrevivia. Trabalhei na rádio como radialista, fazia novelas com 16 anos. Era em Londrina. Foi lá que conheci meu marido. Nós namoramos algum tempo e ele me influenciou para vir para São Paulo porque o mercado de trabalho aqui era muito maior. Até hoje é assim. Ele não veio, pois tinha uma fábrica de esquadrias metálicas em Londrina. Vim para São Paulo e fiquei morando num pensionato perto da casa dos parentes do meu marido.

Surge uma influência importante fora da família restrita que é o namorado. Alguém mais velho que ela, pai de duas filhas e um pequeno empresário do Paraná. Esta pessoa a partir deste ponto será mencionada muitas vezes e vai representar uma influência nova para Janaína. E para não deixar dúvidas que a identidade de Janaína, construída por ela mesma, nesta fase de sua vida, é da lutadora consciente. Ela sai de Londrina e muda-se para São Paulo, influenciada pelo namorado e em busca de novas oportunidades. Trata-se de um momento em que ela se emancipa da influência dos pais. Ela deixa todos e vem para São Paulo.

Auto Imagem: Janaína chega em São Paulo sozinha aos 18 anos, vinda de Londrina, sentindo-se como a menina do interior do Paraná que se muda para a cidade grande. E literalmente ela dirá, como veremos a seguir, do seu choque diante da enormidade da cidade. Como uma **lutadora consciente**, vai morar num pensionato que, embora perto da família do namorado, é onde ela mora sozinha, sem ninguém da sua família pela primeira vez, ampliando seu universo de relacionamentos e de experiências de forma

significativa. E foi tão grande a mudança que faz com que a **auto-imagem** de Janaína seja a de alguém desconectado, desenraizado e mais tarde “com uma vida que daria um filme”. O que é sem dúvida uma auto-imagem de alguém que luta muito.

Pergunta: Como foi sua chegada a São Paulo?

Resposta: A chegada a São Paulo foi uma coisa... é... muito impressionante para mim. Eu me lembro que teve um momento na minha cabeça... Cada vez que a gente se movimentava de um bairro para o outro era uma viagem. Para mim a cidade era enorme. Não estava acostumada a estas distâncias dentro de uma cidade. Saía do pensionato e ia visitar os tios do meu namorado no Jabaquara, depois em Osasco. Chegou um momento que eu tinha uma sensação assim meio...sabe a pessoa quando esta desconectada...desenraizada? Eu estava circulando muito para quem vinha do Paraná. E teve uma hora que eu tive a nítida impressão e foi uma sensação muito desconfortável que eu não tinha referência. Que estava muito pra e pra cá. E eu falei para o meu namorado: sabe o que passou pela minha cabeça...me sentia meio sem norte,sem rumo, transitando pra lá e pra cá. Falei para meu namorado: está tudo tão mudado na minha vida que eu me sinto perdida, e ele deu risada.

Uma jovem de dezoito anos perdida na cidade grande. Esta imagem corresponde também à tipificação de um papel muito comum na época e ainda hoje para pessoas que deixam o interior e se dirigem para São Paulo. A referência de que sua vida daria um filme nos faz acreditar que esta tipologia tenha sido reforçada nos filmes.

Valores: Novas vivências tornam mais sólidos alguns dos valores aprendidos na infância e interiorizados ao longo do seu processo de socialização.

Eu morava num pensionato e tinha as moças que trabalhavam e batalhavam muito como eu. Contávamos as nossas histórias. Eu falava que nossa vida dava um filme. Todas chegando na rodoviária de São Paulo e cada uma contando a sua história... vindas uma do sul, a outra de Minas, a outra do Amazonas e cada uma contando a sua história inham as que trabalhavam de dia e as que trabalhavam de noite. Foram pessoas

maravilhosas e quando eu não tinha absolutamente nada muitas vezes eram elas que vieram me socorrer.

P. Trabalhavam de noite?

Resposta: Eram prostitutas. Era muito engraçado, porque a gente chegava no pensionato e estava lá: ambiente familiar. O pensionato geralmente dirigido por portugueses e suas famílias diziam: ambiente estritamente familiar. E era. Tinha lá o marido, a mulher e os filhos geralmente portugueses que administravam aquilo. Os quartos eram geralmente para duas pessoas ou até três pessoas, e eles procuravam colocar pessoas com os mesmos interesses. Eu nunca tive nenhuma restrição, problemas. Sempre fui muito respeitada pelas meninas. Sempre as tratei muito bem e elas a mim. Mas tinham prostitutas. Eram ótimas. Me respeitavam e eu a elas. Sabiam que eu não era disso, tinha meu namoradinho que vinha no fim de semana e a gente curtia o final de semana juntos. Quando meu namorado não vinha eu ficava sozinha.

Ela convivia com “as moças da noite” mas “não era disso”, estava em São Paulo, buscando trabalho e a possibilidade de estudar. Sofria, pois a vida não era fácil, mas não pensava em adotar a vida da noite como uma possibilidade de vencer mais rápido. Além disto, os conselhos da mãe tinham muita influência. A cidade grande oferecia muitas dificuldades que eram vencidas com muita determinação.

Cheguei em São Paulo no mês de julho. Era um frio que não havia no Paraná. O frio do Paraná era muito diferente. Fazia frio de manhã, mas depois sai o sol e fazia calor. Diziam que aqui era a terra da garoa. Era um frio daqueles. Cheguei no mês de julho e aquilo foi um baque para mim. Comecei a fazer aulas de francês em várias escolas particulares. Eu me lembro inclusive que eu fiz 5 meses em uma 5 meses, em outra. Depois aconteceu que me casei e voltei para o Paraná e parei de ter aula, mas depois fui uma das primeiras alunas da Aliança Francesa de Londrina. O professor fez um teste e me perguntou quantos anos de curso você fez? Alguns meses. Era uma coisa qualquer que existia dentro de mim de querer aprender francês.

O sonho de aprender francês começa a se tornar realidade na cidade de São Paulo e ela, motivada, aprende depressa. Este fato nos permite pensar que a atividade de estudante e a importância dos estudos que é algo que vem da infância de Janaína permanecem nesta etapa de sua vida e se concretiza na busca de um curso de francês.

Embora afastada da religião, Janaína não esquece os valores aprendidos com a mãe e mesmo, dos valores religiosos como vemos no comentário abaixo.

Algumas vezes ela me perguntava se eu estava indo à igreja e eu dizia que sim, algumas vezes era verdade. Mas depois que você sai de casa estas coisas vão ficando menores. É como as grandes preocupações da sua mãe com você vão ficando de ordem mais prática: tem emprego, esta comendo, onde mora, está conseguindo estudar. E se fala menos das questões da religião e das crenças. Ela sempre deu para a gente uma base moral muito sólida. De valores, de respeito ao próximo, às leis, a responsabilidade, aos compromissos. E eu acho que uma parte disto veio da educação religiosa. Quando eu saí de casa, em especial quando fui para São Paulo e convivia com gente de todo tipo até com prostitutas, ninguém precisava me dizer para não ficar na rua até tarde, para não me deixar levar por cantadas que tinham muitas: no trabalho, na rua e até na escola. Eu sabia por mim mesma que isto estava relacionado com a educação que eu recebi.

Como podemos ver a socialização primária e secundária permite a interiorização de uma tipologia que diz respeito ao agir correto. Embora longe de casa, o discurso de Janaína é revelador de um sólido processo de socialização primária e com a presença dos valores religiosos apreendidos durante o período em que viveu com sua mãe. E conforme o trecho da narrativa que segue, a figura materna continua muito forte mesmo com Janaína fora de casa.

P. Sua mãe falava o tipo de moça que você deveria ser?

Resposta: O tempo todo. Falava que eu estava sozinha e que se não me cuidasse ficava falada seria péssimo. Não pelos outros mais por mim mesma. E dizia que se eu ficasse grávida jamais meu pai me aceitaria em casa. Naquela época as mães falavam muito isto para as filhas. E era verdade. As poucas moças que eu conheci que engravidaram foram uma verdadeira tragédia. Mesmo aquelas que se casaram passaram o diabo com a família dos maridos. Eram desrespeitadas como se não merecessem que eles tivessem se casado com elas. Um horror. Então eu sabia que não podia vacilar. Depois Londrina não era muito diferente de tudo isto. A família do meu marido me

olhava torto porque eu era sozinha. Mas eu demorei muito para ter intimidade com ele. Eu não casei virgem, mas foi muito perto do casamento.

Educada com valores anteriores à liberação sexual da mulher, Janaína não adota uma liberdade sexual na relação com o seu namorado, mesmo sendo essa uma relação bastante estável. E, certamente, foram os valores aprendidos com a mãe e a educação religiosa, e o papel de boa moça e de esposa tipificado pela mãe e a sociedade e interiorizado deste muito cedo, que determinam seus comportamentos em relação a este tema.

Ele me influenciou para vir a São Paulo. São Paulo tem um mercado de trabalho muito maior que o de qualquer outra cidade do interior. Ele não veio porque já tinha uma fábrica em Londrina de estruturas metálicas. Vim, trabalhei em algumas empresas depois a gente se casou. E aí voltamos a morar em Londrina.

Religião: A fé de Janaína aparentemente vinha por influência da mãe, e quando ela se vê sozinha se afasta da igreja e das rezas.

P. E quando estava em Londrina e São Paulo e passou momentos difíceis, foi a alguma igreja rezar, pedir?

Resposta: Talvez eu até tenha ido, mas não lembro de nenhuma vez em especial. Lembro sim de algumas vezes eu deitada no escuro ou andando na rua e pensando o que seria de mim, o que eu deveria fazer. E imaginando esta força superior brincando comigo como se eu fosse uma marionete.

Janaína começa, nesta época, a ter crenças muito particulares. Passa a acreditar numa força superior que manipula as pessoas na terra como marionetes. Gosta de imaginar como é o processo da interação desta força superior com as pessoas.

Eu acredito numa força superior que rege as coisas na terra. Gostava de imaginar que nós aqui na terra éramos a imaginação desta força superior. E aí imaginava ela pensando na gente e definindo os nossos destinos. Acredito em algo maior que talvez seja Deus, mas não sei dizer se é Deus.

Aprendizado: Nesta época Janaína tem um longo aprendizado a partir do processo de socialização secundária. O pensionato estritamente familiar onde moravam prostitutas, as moças que vinham de vários estados para São Paulo e cuja vida “daria um filme”, as aulas de francês, a vida na cidade grande, são as grandes influências que vão tecendo a identidade de Janaína.

Aspirações: Não há nesta fase a declaração explícita de aspirações específicas. Janaína fala apenas que aspirava aprender francês.

4.4 *O quarto personagem: a mater*

O relacionamento com o namorado e futuro marido tem um sentido afetivo importante. Ele vinha para São Paulo quase todos os finais de semana para ver e para passear com Janaína. Eram os parentes dele que nas visitas semanais representavam uma oportunidade para Janaína ter vida familiar, até mesmo para conhecer a cidade. E talvez esta afeição tenha se transformado num sentimento mais forte. Talvez não, talvez a menina prodígio tenha sucumbido às dificuldades deste período da vida. Talvez o emprego que a entrevistada conseguiu na cidade de São Paulo não lhe permitisse viver de forma tranqüila, talvez o frio e até mesmo a fome, tenham sido maiores do que ela podia suportar, ou quem sabe, até mesmo, ela não pudesse pagar a escola de francês que tanto desejava e por esta razão tenha retrocedido, casando-se com o namorado de Londrina, e iniciado uma vida semelhante àquela da qual queria fugir, como nos foi revelado na conversa que Janaína teve com a sua mãe, quando tentava convencê-la a consentir com sua partida para Londrina. Acabou a **lutadora consciente**? Sim, e está preste a nascer um outro personagem, **a mater**.

O valor do casamento cujo significado ela aprendeu com sua mãe deve ter falado alto. Segundo Ciampa (2001), a dialética da identidade está em permanente movimento: “identidade é morte e vida” (p.151) e, portanto, devemos entender o que se

passou na vida de Janaína, não como um aniquilamento, mas como transformação. Os personagens que representamos ao longo da nossa existência nos impulsionam para frente. Para Janaína, o casamento e os filhos talvez combinassem com a forma como ela via o personagem da sua mãe. Personagem este da qual ela tentou fugir, mas, na qual acabou mergulhando fundo.

Na **atividade** de esposa e posteriormente de mãe, ela declara ter sido importante o sentimento forte que nutria pelo namorado.

Pergunta: E seu marido foi o homem da sua vida?

Resposta: Foi (sem nenhuma dúvida na voz). Foi. A gente se conheceu muito jovem e tivemos muitos problemas tanto é que eu me separei. Mas ele foi o homem da minha vida.

É do senso comum que no processo de socialização, a maioria das mulheres se refere a um grande amor, a alguém muito especial na vida amorosa como sendo o homem da vida. O homem da vida corresponde a uma tipologia para as mulheres que constrói o homem quase como num de conto de fadas, o príncipe encantado. Para Janaína, seu marido encarna esta figura e, portanto, pode ter sido esta antevisão de amor eterno que levou Janaína a se casar, mergulhando fundo na **atividade** de esposa e depois de mãe.

Eu acho que naquele tempo os homens que gostavam de uma moça até o ponto de casar com elas queriam que elas fossem virgens. Então ele mesmo não queria ter muita intimidade comigo, pois gostava muito de mim e desde o começo dizia que queria casar comigo. Isto era uma forma de respeito. E os homens tinham muita dificuldade de aceitar uma mulher que não fosse virgem. Se gostava ajudava a preservar a virgindade até bem pertinho do casamento. Pois aí já estava se sentindo meio casado, faltavam apenas os papéis e a igreja e acho que eles pensavam: agora pode. Eu já me sinto casado e te sinto como minha esposa. E a gente inaugurava a própria cama quando estava arrumando o apartamento quase às vésperas do casamento. (Risos).

Entretanto, não podemos esquecer que a vida em São Paulo começou por influência do namorado e que este namorado além de representar os momentos felizes na cidade grande, do ponto de vista financeiro, ele possuía uma fábrica em Londrina, talvez uma situação econômica melhor que aquela que Janaína conheceu ao longo da vida e, assim sendo, ela interiorizava o significado do mundo dele. Já mencionamos que, segundo Habermas (1981), a identidade do indivíduo se estabelece a partir da sua relação com o outro, se incorporando na vida social como o reconhecimento do outro. O casamento é um importante tema da vida social da época.

Para Ciampa (2001) embora tenhamos a tendência de ver a identidade como representação, como algo acabado em um determinado momento da vida do sujeito, a identidade é um processo, e se queremos compreender o sujeito devemos estudar o processo de sua formação. É, portanto, a partir da análise da história de vida como um processo que podemos compreender a transformação do indivíduo ao longo da vida. Janaína explica o seu casamento dando formas ao novo personagem que chamamos de **mater**.

Casei. Fiquei morando em Londrina. Morava no parque Alvorada a região ficava pertinho da televisão. Não trabalhava, nesta altura fiquei sem trabalhar. Quando eu me casei, meu marido tinha duas filhas que moravam com ele, era pai solteiro. E aí a idéia era que eu ia cuidar das duas crianças, e depois de dois anos tive a minha filha. Depois de 2 anos de casada tinha 3 filhas. Não trabalhava, mas, fui fazer o curso na Aliança Francesa.

Segundo Ciampa (2001), a dialética da identidade está em permanente movimento: “identidade é morte e vida”(p.151) e, portanto, devemos entender o casamento de Janaína não como um aniquilamento, mas como transformação. Janaína se transforma numa mãe de três filhas, trabalhando em casa, vivendo o papel da mãe de família atividade que aprendeu com sua mãe. Havia diferenças importantes entre ela e a mãe, pois amava o marido e continuava aprendendo francês como uma forma talvez de manter acesa a fagulha que poderia ser um não explicitado projeto futuro. Mas é inegável que o papel de mãe tenha sido interiorizado a partir da sua própria mãe e de outras referências sociais.

Família: O casamento de Janaína seguiu o modelo tradicional com o noivo pedindo ao pai a filha em casamento. Mas o pai, como não foi ao casamento, mais uma vez negou a Janaína a presença paterna na sua vida. Esta figura pode ter sido ocupada talvez pelo marido, e isto explicaria o casamento de alguém que queria ser mais que uma esposa com muitos filhos, conforme Janaína declarou ao deixar São Pedro do Ivaí e seguir para Londrina.

Nós ficamos noivos, sem festa e nada, mas em casa. Ele foi e fez o pedido direitinho. Mas quando fomos em casa para levar os convites para todos da cidade, ele disse que não ia ao meu casamento. Aliás, foi minha mãe que falou: você já contou para ela que não vai ao casamento? E ele fez uma cara estranha e disse ainda não. Mas eu não vou ao seu casamento. Nós nos casamos em Londrina. Quem me levou até o altar foi o padrinho de casamento.

P. E por quê?

Resposta: De maluquice dele. Quando fomos levar os convites e mostramos para ele e eu queria combinar tudo com ele e com minha mãe, minha mãe falou: conta para ela que você não vai ao casamento dela? Eu pulei da cadeira e falei: mas por quê? O que eu fiz para o senhor? E ele respondeu: você não fez nada, mas eu não vou. Não tenho roupas e a família dele, apontando para o meu marido, são ricos. E eu falei. Mas não tem importância, vai como quiser! E ele respondeu: Não quero! Então eu disse: por que não me deixa ajudar a resolver isto, eu quero que o senhor vá ao meu casamento. E ele disse: não vou e saiu da sala. Eu, que já estava chorando, desabei! Aí minha mãe falou: não adianta eu já fiz de tudo e ele disse que não vai. Quando minha irmã casou em São Pedro ele foi e levou ela até o altar. Tremia que dava para ver, coitadinho. Acho que de emoção. No dia eu entendi, mas fiquei muito triste pela ausência dele.



Durante esta fase da narrativa de sua história de vida que segue, encontramos no discurso de Janaína elementos para acreditar que a atividade predominante deste

período era a de mãe, até mais que de esposa. As três filhas em dois anos, a vida familiar quase exclusiva, são razões objetivas para dirigir o foco da vida de Janaína para o lar. Janaína não fala deste período com revolta, angústia ou sofrimento por ter na atividade de uma mãe de família, cujo significado maior vinha da lembrança e do exemplo da sua própria mãe, provavelmente subjetivado e resignificado, sua atividade predominante.. Mas a principal influência de família é o seu marido.

Como minha mãe sempre dizia, Deus escreve certo por linhas tortas. Quando minha filha pequena, a minha menor estava com 5 anos, o mercado estava muito ruim em Londrina, meu marido estava terminando uma faculdade de matemática, depois de alguns anos concluiu que não dava mais para ficar lá porque o mercado estava muito difícil. A vida em Londrina estava muito difícil. Ele achava que deveríamos vir para São Paulo. Meu marido estudava matemática. Queria vir para São Paulo, não propriamente São Paulo, mas um lugar onde pudesse fazer engenharia que já tinha feito uma época na Poli. Nestas alturas eu trabalhava com ele.

Auto Imagem: A atividade profissional ao lado do marido, e a ausência de referências aos antigos sonhos, de não querer apenas uma vida de dona de casa com filhos, nos fizeram pensar que a lutadora consciente e a menina prodígio se retiraram dando espaço somente ao personagem de mãe e esposa dedicada. A **mater** foi o personagem de Janaína durante um período que durou anos. Entretanto ela guarda no estudo da língua francesa um pouco do personagem de menina prodígio que poderá ressurgir mais tarde. É interessante e curiosa a relação de Janaína com a língua francesa e a cultura da França. Embora não tenhamos elementos para afirmar nada a respeito deste fato, creio que poderia ser um tema interessante para ser explorado futuramente.

Quando abriu a Aliança Francesa em Londrina eu fui uma das primeiras alunas. No teste que fiz para começar o professor perguntou: durante quantos anos aprendeu francês? Alguns meses no total. Ele disse: você já tem um bom nível.

Valores: ocorreu nesta etapa da vida de Janaína um episódio que pode testar o quanto ela trazia dos valores aprendidos com a mãe, inclusive no que diz respeito à necessidade

de se manter casada. Janaína nos relatou uma traição do marido como um fato de grande sofrimento na sua vida e que talvez tenha iniciado um novo processo de transformação.

Eu acho que você tem o direito de fazer da sua vida o que quiser. Mas não de envolver os outros. Eu não desculpo falta de respeito comigo e com as crianças. As crianças foram desrespeitadas e a minha casa foi desrespeitada. E é um negócio muito chato e eu só não voltei para casa da minha mãe, eu só não corri para a casa da minha mãe porque pensei: não sou sozinha, tenho as crianças, como minha mãe vai sustentar a todos. O que eu faço com estas crianças? E as duas que já deveriam ter vivido problemas com a pessoa com quem o pai viveu. Eu não teria coragem de deixar as meninas que não são minhas filhas. Eu não teria coragem de falar fique com as suas filhas que eu vou embora com a minha. Ao mesmo tempo tinha outro lado, se eu me separasse não ia querer mais ver a cara desta pessoa, e como não quero ver a cara da pessoa com uma filha de dois anos? E como posso separar minha filha do pai. Não é justo para ela. Ela não vai me perdoar e ela precisa do pai. E a gente veio para cá por causa disto e isto machucou muito.

P. E quando aconteceu isto?

Resposta: Antes da gente vir para cá (Mogi das Cruzes).

Janaína sofre com a traição do marido que fere a tipologia que ela havia interiorizado do que deveria ser o casamento. Mas apesar da dor e do impulso de sair da relação, ela sabe que não poderia voltar para a casa dos pais, pois afinal, para sua mãe, o casamento era para sempre. Então como poderia ela passar o problema da sua separação para a sua mãe que suportara seu próprio casamento, que Janaína julgava ruim, por considerar que o casamento é para sempre? Havia a questão financeira que era preciso ser equacionada e ainda as duas filhas que não eram dela. Podemos, neste momento, nos perguntar: mas por que não se separar como muitas mulheres fizeram em circunstâncias parecidas, uma vez que a lei obriga o pai a continuar sustentando a família? Acreditamos que, mais uma vez, a interiorização de um mundo social que atribui grande importância ao casamento, vinda do processo de socialização primária e do entorno social onde vivia Janaína, foram os fatores decisivos para mantê-la no seu papel de *mater* esquecendo a idéia da separação.

Para Berger e Luckman (1995) a intersubjetividade diferencia a vida cotidiana de outras realidades: os homens vivem uns com outros homens num mesmo mundo e o compreendem a partir das objetivações por meio das quais o mundo é arrumado. A perspectiva deles não é idêntica. Mas, como eles vivem em um mundo comum, há correspondência entre os significados de uns em relação aos significados dos outros, o senso comum é o conhecimento compartilhado entre os homens. Assim sendo, a separação para Janaína, para sua mãe, e provavelmente para a família do seu marido, não era algo admitido verdadeiramente como realidade. Portanto não se constitui numa escolha possível, ao menos naquele momento. Mas, nós apreendemos o outro mediante esquemas tipificadores. Por meio das tipificações pode-se dizer quem sou eu e quem é o outro. As tipificações são recíprocas, portanto para marido fiel corresponde, por exemplo, uma esposa dedicada. E ao apreender o outro de uma forma tipificada é possível inter agir com ele numa situação típica, com uma forma determinada de agir. Como o marido de Janaína deixou de ser o marido fiel, é possível que ela venha a ficar a partir deste momento, menos convencida de que é necessário ser uma esposa dedicada.

Religião: Nesta fase de vida Janaína não revela nenhum vínculo mais forte com a religião. Como vimos anteriormente ela acredita numa força superior que manipula as pessoas na terra tal como num jogo de marionetes.

Aprendizado: Janaína estuda francês na Aliança Francesa e descobre com a traição do marido, que o casamento tem momentos difíceis, tal como aconteceu com a sua mãe.

Quando minha filha pequena a minha menor estava com 5 anos, o mercado estava muito ruim em Londrina, meu marido estava terminando uma faculdade de matemática, depois de alguns anos concluiu que não dava mais para ficar lá porque o mercado estava muito difícil. A vida em Londrina estava muito difícil. Ele achava que deveríamos vir para São Paulo. E eu estava machucada com a traição e queria sair de Londrina. Meu marido fazia matemática. Queria vir para São Paulo, não propriamente São Paulo, mas um lugar que pudesse fazer engenharia que já tinha feito uma época na Poli numa época. Nestas alturas eu trabalhava com ele. Fomos para Mogi das Cruzes e moramos lá alguns anos.

Aspirações: É uma fase de baixo nível de aspirações. Mas o desejo de fugir da cidade onde Janaína foi traída é significativo. Talvez nesta fase tenha começado a brotar o desejo de mudar de vida. Tanto é que, algum tempo depois de se mudarem para Mogi das Cruzes, Janaína aparentemente estava procurando um emprego. E mais uma vez, o apoio do marido foi decisivo.

Ele terminou a faculdade dele e a gente veio para Mogi das Cruzes. Vimos um anúncio procura-se secretária com conhecimentos de francês. Foi meu marido que viu o anúncio procura-se secretária com conhecimentos de francês. Vimos o anúncio no final de semana. Mas eu vi que tinha que saber datilografia em máquina elétrica e eu era ótima datilógrafa, mas em máquina manual. Mas eu não podia ir segunda, pois precisava comprar um vestido e treinar numa máquina elétrica. Eu falei para meu marido: você tem que arrumar algum lugar que tenha uma máquina elétrica, pois eu não posso fazer o teste sem saber ligar a máquina. Era ótima datilógrafa, mas não sabia nada de máquina elétrica. Eu me lembro que o dia da entrevista era segunda feira. Mas vimos o anúncio no final de semana. Eu me lembro que o dia da entrevista era segunda feira mais eu precisava comprar um vestido e treinar na máquina.

Como identidade é transformação, um novo personagem começa a tomar o lugar da **mater**. Estamos diante de uma nova e importante transformação na vida da entrevistada, onde são revelados a partir da continuidade da narrativa, a mesma disposição de luta dos tempos de lutadora consciente. E a lutadora que retorna com o esforço para conseguir um trabalho em São Paulo.

4.5 *O quinto personagem: a lutadora profissional*

Atividade: Como diz Ciampa (2001), quando os personagens se esgotam nós ressuscitamos alguns dos anteriormente vividos. Identidade é metamorfose, mas é também reposição. Deixar as filhas em casa, alterar a rotina do marido e das filhas

mudando-se para São Paulo e assumir uma nova atividade, e por assim dizer, a liderança na família, nos leva a concluir que estamos diante de uma metamorfose, que traz a força e a coragem dos tempos da lutadora consciente, quando Janaína partiu em busca da sua autonomia mudando-se para Londrina e depois para São Paulo.

(Depois de ver o anúncio) Então eu disse ao meu marido: você tem que arrumar algum lugar que tenha uma máquina elétrica, pois eu não posso fazer o teste sem saber ligar a máquina. Era ótima datilógrafa, mas não sabia nada de máquina elétrica. Eu me lembro que o dia da entrevista era segunda-feira. Mas vimos o anúncio no final de semana. Comprei um vestido verde muito bonitinho e fui treinar na máquina. Fui na terça quando todas as candidatas já tinham sido entrevistadas. Quando cheguei me deram para datilografar um texto em francês manuscrito.

O desejo de revanche, ou o que restava dos personagens de lutadora consciente, influenciada, talvez, pela menina prodígio, explicam a sua confiança surpreendente diante do contexto. Não podemos esquecer que Janaína estava sem trabalhar havia muitos anos e nunca tinha trabalhado numa empresa grande, o seu francês se resumia às aulas em Londrina. Era difícil acreditar que ela possuía as competências necessárias para disputar um emprego, além disto, havia se atrasado para o dia da entrevista. Mas a identidade de lutadora do passado lhe dera coragem para preparar-se minimamente e se apresentar para a entrevista mesmo fora da data marcada, segundo constava do anúncio.

Falei que não tinha experiência com máquina elétrica, que ia fazer com base na experiência de datilógrafa em máquina manual. Falei para eles: se eu errar alguma coisa é por falta de prática em máquina elétrica. Minha habilidade é tal que em uma semana estou dando de mil em qualquer pessoa.

Como uma **lutadora profissional** Janaína soube argumentar para conquistar a posição de secretária naquela empresa:

Expliquei meu interesse pela empresa e da minha vontade de crescer, evoluir. Então eu falei da vontade que tinha de aprender e crescer e da minha disposição de trabalhar. Se precisasse viajar, viajava. Faria o que fosse preciso.

Família: Nesta etapa da narrativa todos os vínculos familiares eram com o marido e as filhas.

Nesta altura a menor já estava com 5 anos e eu então tinha uma empregada que ficava lá em casa com as três. As filhas já estavam com 15, 13 e cinco anos e iam para a escola, mas eu tinha uma empregada. Quando viemos para cá, quando fechou o negócio, fui morar muito perto. A empresa era na Alameda Santos e eu morava na Rua Cubatão quase esquina com José Antonio Coelho. Eu ia e voltava a pé todos os dias.

Depois de começar a trabalhar Janaína de repente se viu como arrimo da família.

Depois que comecei a trabalhar meu marido ficou desempregado por quatro meses. Aí foi meu salário que salvou a gente. Nós vivíamos do meu salário.

O chefe da família desempregado, e a mãe respondendo pelo sustento da família, não era um fato novo na vida de Janaína. Certamente a lembrança de sua mãe nesta mesma situação, em diversos momentos da sua vida deva ter dado ao fato um caráter de naturalidade.

Auto Imagem: Janaína ao ir fazer a entrevista fora do prazo e ao enfrentar com coragem às suas limitações, demonstrou muita coragem. Mas a nossa entrevistada estava consciente das suas limitações e soube avaliar as poucas chances que teria de conseguir a posição. Entretanto, esta mesma consciência lhe permitia ver que acabara de dar o primeiro passo para uma transformação da sua vida e ela inicia o processo de construção da personagem de **lutadora profissional**.

Voltei para Mogi das Cruzes. Pensei: provavelmente eu não consigo nada desta vez, pois é a primeira vez que estou saindo para procurar trabalho, é provável que eu não consiga nada desta vez. Mas eu vou aprender o caminho das pedras. Saber como era um teste. Voltei com este estado de espírito. Provavelmente não será desta vez. Queria ter ido a outros anúncios mais não deu tempo. Marquei este dia no calendário: vim aqui para passar por esta

entrevista no dia 13 de dezembro de 1977. Treze dias depois estava trabalhando. Não me lembro quanto tempo levou. Mas deve ter passado uma semana. Uma semana depois da entrevista minha cunhada me aprece lá em casa oito horas da noite falando: vamos embora para São Paulo porque você tem que fazer uma outra entrevista na empresa onde deu o meu telefone. Eu não tinha telefone nem para deixar na empresa e nem para ela me ligar. Então ela catou as crianças tomou um ônibus, e foi para lá, e foi me avisar. Pegamos o carro e voltamos para São Paulo. Fiz uma nova entrevista.

Para Janaína, naquele momento, não havia nada mais importante que conseguir o emprego. Ela poderia vencer muitos inconvenientes para conseguir a posição e iniciar uma nova atividade.

Eles me perguntaram: “como você pode vir para São Paulo todos os dias?” Respondi: de ônibus. E quando estiver tudo certo mudamos para São Paulo. Então fiquei na casa da minha cunhada, nem voltei para Mogi. Dois dias depois comecei a trabalhar: 26 de dezembro. Eles me perguntaram se poderia trabalhar neste dia e disse que sim. Que eu queria passar este período de natal e ano novo trabalhando.

A personagem de **lutadora profissional** foi sendo construída desde o início da atividade profissional. Para tanto, Janaína precisava do trabalho, e para conseguir o emprego teria de ser reconhecida como uma pessoa disposta a mudar, a alterar de forma substancial a rotina da família, pois esta era a expectativa das pessoas com as quais ela havia conversado e que determinavam os significados do trabalho naquela empresa. Mas, sem uma forte disposição de mudança, ajustando-se às expectativas das pessoas que escolhiam os profissionais para trabalhar, ela não teria o emprego e não mudaria de atividade e viveria a personagem capaz de promover a sua transformação. Ao alterar sua vida e a da família, Janaína utiliza todas as estratégias necessárias para uma nova metamorfose.

Vimos para São Paulo. Fomos morar na rua Cubatão na esquina de José Antonio Coelho e a empresa era na Alameda Santos. Meia hora de caminhada de manhã e meia hora à tarde. Ficava magrinha, magrinha e comia como um leão. Andar é muito bom. Eu fiquei trabalhando na empresa. Eu era secretária

do presidente, eu era secretária do diretor de vendas e era secretária da equipe de vendas.

Ela não tem dúvidas de que é capaz de dar conta das novas responsabilidades. A atividade profissional determina a consciência que Janaina tem dela mesma e dos outros. Nestes três primeiros anos de trabalho, Janaína revela, como sendo importante para sua história de vida nesta etapa, a descoberta de novos horizontes a partir da vida profissional, as novas amizades, a forte figura do seu chefe que surge como personagem quase místico, e uma transformação enorme no seu cotidiano de dona de casa e de mãe.

Berger e Luckmann (1995), afirmam que o senso comum constitui o tecido de significados sem o qual nenhuma sociedade pode existir. Para eles, a realidade é socialmente construída e os significados subjetivos se tornam facticidades objetivas segundo três possibilidades: tipificação, institucionalização e socialização. Os autores se preocupavam com os processos de conservação e transformação social que ocorriam a partir da tipificação, institucionalização e da socialização. O homem é uma construção social a partir de instituições humanas seculares tipificadas, apreendidas nos processos de socialização primária e secundária. Janaína trabalhava numa empresa francesa, falava e ouvia francês, secretariava o presidente da empresa que era francês e o diretor de vendas que também era francês, além de, desde cedo, ter se interessado pelo estudo do francês. Como produto social, ela tenta se aproximar mais da França, conhecer a cultura, testar a eficácia do francês aprendido e melhorado na empresa, atitudes e episódios que fazem crescer o personagem de **lutadora profissional**.

Estou num ótimo momento da minha vida. Ganho meu dinheiro. Posso ajudar minha família. A gente está resolvendo uma série de problemas, minha mãe está feliz sabendo que eu estava numa empresa falando francês. Eu até já falava (francês). Mas não tinha a prática. Quando não fala uma língua com desenvoltura e tem que falar no telefone é uma droga. Me lembro que os primeiros telefones que atendia da França me davam pânico. Vivi isto umas duas vezes. Mas tive que me controlar porque precisava fazer. E aí chegou aquele ponto que a gente sabe: no Brasil falando francês já era um grande mérito saber me comunicar claramente. Chegou um francês para trabalhar aqui e foi um grande professor porque não falava nada de português. E

quando tentava falava espanhol. Comecei a falar francês com ele todo o tempo.

Mas embora a narrativa evolua como se os fatos tivessem ocorrido de uma forma linear e tranqüila, Janaína adoeceu. Num primeiro momento pensaram em algo grave. Também é possível que ela estivesse trabalhando demais.

Não tinha um minuto de sossego. Foi até muito engraçado, o gerente de vendas foi contratado alguns dias depois de mim. Fiquei secretariando a todos por quase um ano e meio, dois anos. Só depois foi contratada um colega. E aí as coisas, foram acontecendo. Muitas vezes eu saía meia noite e não havia mais condução e eu tinha que voltar de táxi tarde da noite.

Mais tarde ficou configurado como um problema emocional que ela não entendia como fosse possível que tivesse ocorrido. O problema que ela teve aparentemente teve alguma gravidade ou foi entendido como tal.

Em abril, fazia praticamente dois anos que eu estava na empresa, levei um grande susto. Fui internada quase de emergência num quadro de emergência cardíaca. Comecei a ter problema de pressão violento de cair muito, de dar taquicardia. Fui levada para o pronto socorro em situação de emergência e lá internada em UTI. As crianças estavam sozinhas, meu marido em Curitiba. Eu não queria ficar internada por causa disto. Mas me disseram: se for embora terá que assinar um termo isentando o hospital de responsabilidade, porque quem está com arritmia pode ter algo grave. E vão falar que você morreu por falta de atendimento. O coração para e você pode morrer. Fiquei lá por seis dias. O cardiologista dizia que aquilo só dava quando alguém vivia um grande susto.

Ela não sabe explicar o que aconteceu. Este episódio de saúde não corresponde à auto-imagem que Janaína tinha dela mesma nesta etapa da sua vida. Uma pessoa forte e decidida. E ela atribui uma explicação para o fato vinda lá do passado.

Eu falei: para mim foram um monte de coisinhas que me magoaram profundamente, me chocaram profundamente e contra as quais não podia fazer nada. E eu fui me estruturando quanto podia para agüentar aquilo do

jeito que fosse possível. Diversos problemas pequenos. Coisas contra as quais não podia lutar. E não um grande susto. Eu tive muitas tristezas, coisas que me magoaram profundamente mesmo. Tanto enquanto criança, adolescente, jovem, casamento. Foram coisas que se passaram e que a gente tem que agüentar porque a vida não é só da gente. Tive muitas tristezas, coisas que me magoaram profundamente em criança, jovem, adolescente e nunca me coloquei em primeiro lugar.

Trabalhar muitas horas seguidas, talvez não se alimentando adequadamente e com o peso de uma grande responsabilidade para a qual ela ainda não estava preparada, não fazia parte das suas explicações. O significado do trabalho para ela não incluía a exploração desmedida do seu tempo e do seu esforço. A empresa pouco a pouco se apropriou de sua subjetividade e ela perdeu a capacidade de criticar sua vida no mundo do trabalho.

Eu estava me preparando para conhecer a França e estava muito feliz. Tinha uma colega muito amiga e então falei: eu vou para a França você quer ir também? E ela disse: eu quero. E ela não falava nada de francês. Então meu chefe perguntou: Mas como vocês vão? A passagem nós compramos à prestação e compramos US\$ 1000 dólares cada uma.

Além disto, temos alguns indícios de que seu marido não reagia muito bem à nova situação. Talvez os papéis familiares tenham se apagado uma vez que sua nova atividade definia os conteúdos simbólicos da sua vida. Talvez a tipificação de marido e pai de família, interiorizadas pelo esposo, não permitisse ver sua mulher como executiva. Mas o trabalho trazia autonomia para Janaína de várias formas, reforçando a cada dia o personagem de **lutadora profissional** ou de uma profissional lutadora.

Pergunta: E como reagiu seu marido a sua nova realidade profissional?

Resposta: Não muito bem. Quando eu tinha que chegar mais tarde ou viajar ele me perguntava: você esta pedindo a minha permissão? E eu sempre respondia. Não, estou apenas te comunicando.

Janaína se auto-afirma no trabalho e atribui ao trabalho as maiores recompensas neste período da sua vida. O trabalho representa nesta etapa a sua atividade dominante, (Leontiev, 2004), aquela atividade que proporciona as transformações psicológicas mais significativas. Por meio do trabalho Janaína que teve uma infância pobre e que não frequentou uma faculdade, pode deixar para trás o papel de “esposa com um monte de filhos” do qual desejou fugir desde a sua juventude. Neste contexto é o resgate da inferioridade social e preconceitos dos quais se sentia vítima e que vinham da família mais abastada do marido. Por meio do trabalho a menina da porteira da fazenda que sonhava em aprender francês realiza o sonho de falar francês. Ela começa se sentir com autoridade. É como se este momento fizesse justiça a vida de lutas e de desejos frustrados. No trecho abaixo podemos observar uma mistura de sentimentos que reúne: consciência, atividade, identidade mediados pelas emoções e pela linguagem própria de uma pessoa diferenciada.

Pergunta: O que é para você o trabalho?

Resposta: Tudo. O trabalho foi e representou tudo para mim. Este trabalho nas condições em que aconteceu foi tudo para mim. Foi tudo no aspecto de ter permitido me mostrar a minha capacidade, minha autoconfiança. Era autoconfiante como pessoa. Falava para uma professora: pobre se não for arrogante o que é? E ela ficou calada mais sei que pensou: ela tem razão. Se você não é nada e se rebaixar vão te fazer de capacho. Este meu jeito de falar com certa autoridade que parece autoritária é uma forma de defender minha opinião. Se você provar que estou errada eu aceito. E tem outro lado. Para meu marido e a família dele eu era a caipirinha do Paraná. Sempre agiam como se eu não estivesse à altura dele. Era uma bobagem. As pessoas não podem analisar uma pessoa desta forma. Era uma postura de pobreza de espírito, pois eu era uma pessoa que queria crescer e me desenvolver. Fazia as coisas acontecerem. Quando comecei a trabalhar foi diferente. Quando ficava sabendo que falavam de mim, era uma necessidade muito grande de me desvalorizar para fazer outras pessoas aparecerem.

Podemos perceber nesta fala alguns aspectos muito interessantes da auto-imagem de Janaína, nesta etapa de **lutadora profissional**. Primeiramente ela revela

mais uma tipificação oriunda do início da socialização secundária. “O pobre tem que ser arrogante senão não recebe o devido valor”. De onde terá vindo tal modelo? Aparentemente é algo que ela ouvia desde os tempos de escola. Talvez quando ficou jovem e tornou-se capaz de julgar os princípios que estavam por traz das normas e a rebelar-se contra eles, talvez tenha descoberto a si mesma nesta realidade. Segundo Habermas (1981) o jovem é capaz de agir de forma independente quando se torna jovem. A seguir Janaína reforça esta crítica quando se refere à forma como era vista pelo marido e pela sua família: a “caipirinha do interior”, revelando mais uma tipificação interiorizada. Atribui ao trabalho um significado importante, pois, por dessa atividade ela faz justiça à imagem de uma pessoa capaz e confiante que teve de si mesma durante toda a sua vida. A fala revela talvez ainda o sentimento de inferioridade oriundo de ter sido dependente de seu marido por muitos anos.

Valores: O valor maior de Janaína nesta fase parece estar relacionado com o desejo de ser reconhecida como alguém importante no seu meio social. Ela exerce uma atividade que no seu entender faz dela alguém importante e ela quer ser reconhecida como tal. Janaína se refere a ela mesma como alguém que tem competências importantes para trabalhar numa grande empresa, e estabelece uma ligação interessante entre as competências que adquiriu para o trabalho como sendo troféus para a sua vida privada. Os motivos segundo Leontiev (2004), são do sujeito embora o significado da ação seja social. Janaína precisava falar francês, pois, trabalhava numa empresa francesa. E mais tarde quando muda de função e passa a trabalhar na área de comunicação, aperfeiçoa a sua capacidade comunicativa também como uma habilidade necessária ao exercício de sua função profissional. Entretanto para Janaína os motivos das ações empreendidas são pessoais. O que move Janaína é o desejo de se fazer respeitada no meio social em que vivia: a família do marido.

É interessante observar quanto indivíduo e sociedade são indissociáveis (Lane 1993) e, tal como ocorre na sociedade moderna, o produto do trabalho de Janaína não é um fim em si mesmo, capaz de agrupar os motivos que levariam Janaína a trabalhar. Há uma mudança na estrutura interna de sua consciência. O trabalho não tem como motivo primordial a possibilidade de relacionamento com o grupo social e o desenvolvimento

da sua consciência a partir das experiências vividas no mundo do trabalho. Nem tão pouco é importante pelo valor daquilo que ela produz para o grupo social. O sentido do trabalho de Janaína é retirado do contexto capitalista de produção, mas não corresponde ao descritivo de suas atividades profissionais na empresa. O trabalho para ela tem um sentido que é pessoal, pois Janaína executa bem o seu trabalho na busca por reconhecimento e respeito no contexto social em que vive. Ela quer ser reconhecida na sua identidade, representando os personagens que vem sendo tecidos no processo de metamorfose vivido ao longo da sua existência. Leontiev (2004) nos ensinou que os motivos que levam os sujeitos a empreender as ações necessárias para desenvolver uma determinada atividade são pessoais, embora os significados das ações sejam sociais. Ciampa (2001) mostrou que a identidade é um processo, uma sucessão de metamorfoses. E Habermas (1981) afirma que a identidade se estabelece na relação com o outro, se incorporando a vida social como reconhecimento do outro. Ao longo de toda a narrativa, Janaína na sua atividade de profissional competente, na relação com o trabalho, nos dá uma excelente oportunidade de observar na prática a presença destas teorias.

Eu falo francês, eu falo bem, eu sei defender minhas idéias e ficou evidente que tudo o que eles achavam que eu não tinha eu tinha. E o trabalho permitiu a que isto viesse à tona. E hoje eles me respeitam: eu já apareci na televisão, eu falo bem, eu expressei as minhas idéias eu tenho as minhas músicas, eu falo francês.

Mas também percebemos com bastante clareza a influência do discurso do capitalismo na sua subjetividade, mostrando alguns valores muito próprios do capitalismo e que foram apreendidos a partir dos conceitos apresentados nos cursos que ela frequentou por exigência da empresa, bem como por influência do discurso do dia-a-dia. Dentre eles destacamos a idéia de que se deve fazer certo da primeira vez que é a máxima das teorias da qualidade total, e que se relaciona à necessidade de reduzir as perdas oriundas de perdas e defeitos para ganhar maior produtividade. Além disto, a responsabilidade de cada um pela construção do seu próprio futuro, o que corresponde a uma das idéias centrais do neoliberalismo, que defende que cada um deve ser responsável pela sua própria vida, não devendo esperar pelo apoio das instituições, quer

seja o estado ou a empresa, em nenhuma esfera da sua vida, também se incorpora ao seu discurso.

Com estas idéias foi defendido o Estado mínimo e a ausência de compromisso do capital para com os trabalhadores, em especial com vistas a não gerar expectativas de que a produtividade obtida pelo maior esforço dos empregados deveria ser dividida com eles. Além disto, Janaína, embora surpresa, aceita a realidade de que existe uma hierarquia que determina formas diferenciadas de tratamento na empresa. As idéias do capitalismo se incorporaram à sua consciência e estão presentes na sua linguagem.

P. O que o trabalho te ensinou?

Resposta: A ser detalhista, perfeccionista. Aquela história: faça bem feito da primeira vez. Não fazer de qualquer jeito, faça certo da primeira vez. A empresa me ensinou que você tem caminhos a trilhar e que estes dependem de você. Quando havia qualquer situação que eu tinha que brigar pelo meu espaço, aprendi a fazer da maneira mais diplomática possível. Tive tratamentos diferenciados de pessoas que eu considerava muito próximas de mim, a partir do momento que não era mais secretária do presidente me tratavam diferente. E de pessoas inesperadas. E eu pensei: meu Deus, como pode um negócio deste. Que algumas pessoas eu posso até então. Mas para outras era um negócio impensável. Você não sabe quem esta sendo legal de gentil e por quê. E isto faz parte da vida corporativa e penso da vida acadêmica, das comunidades religiosas, das favelas etc., que é avaliar a pessoa pelo cargo que ocupa. Ter um tratamento diferente de acordo com a sua posição. Aprendi que a vida tem vários caminhos e você tem que escolher aquele que te parece certo de uma forma coerente e correta. E se alguém me disser algo que não está correto vou responder na hora. Então tem isto. Tem o aprendizado de conhecer as pessoas.

Religião: Podemos dizer que não há uma só palavra de Janaína a este respeito deste tema nesta fase da sua vida. Até os dias atuais Janaína acredita numa força superior que orienta a vida das pessoas na terra como se fossemos marionetes.

Aprendizado: Como dissemos antes, o aprendizado de Janaína neste personagem de lutadora profissional é intenso. Além de descoberta de novas possibilidades profissionais, o aprendizado de habilidades se intensifica de forma significativa.

Aprendi tudo porque a minha experiência em outras empresas era muito pequena e a experiência conta. Um dia vi a minha ficha de entrevista onde ele escreveu: precisamos investir nesta moça porque ela pode ser um ótimo elemento em termos de relacionamento social. A minha expansão profissional foi assim: eu me dei conta que estava trabalhando numa multinacional que poderia mudar o curso do que se estava fazendo até então. Se fosse fazer uma alegoria para comparar posso dizer que cheguei um fusquinha e hoje sou um Rolls Royce sem nenhuma pretensão.

Foi decisiva para o aprendizado de Janaína a figura carismática do chefe e o ritmo de trabalho intenso, encarado com muita naturalidade e sem questionamentos. Percebemos mais uma vez evidências de que Janaína interiorizava, pouco a pouco, o discurso capitalista. Aqui temos a visão do empreendedorismo onde o sucesso é entendido como algo possível para todos.

Conheci o meu chefe presidente da empresa. Ele causou duas impressões muito engraçadas: falava rápido demais e ele me pareceu muito alto. E ele na verdade não é. Mas me pareceu muito alto. Hoje olhando para trás acho muito engraçado. E me lembro da história que ele contou. Em um ano da empresa, e tinha uma lista de clientes que estava no número 559. Eu me lembro então que fiz a entrevista com ele. Tinha trabalhado em outras empresas que não eram do ramo de serviço ou eram familiares onde tudo se passava em slow motion. Aqui tive que apreender a me agitar senão não dava tempo. Eu considero isto um grande aprendizado. Por quê? Porque o chefe era dinâmico, inovador, comercial e eu tinha que incorporar muito bem a competência dele. Era um negócio muito bom de trabalhar. E a gente tinha uma sintonia muito grande. Durante este tempo descobri que ele tinha uma qualidade que eu admirava muito. Era a de pensar que todo mundo pode pleitear qualquer coisa. Uma postura diferente do que tinha visto até então. Tem muitos gestores que acham que eles podem pleitear qualquer coisa, mas os seus subordinados não. Mas com ele não.

Janaína pensa até em fazer uma faculdade, mas acaba desistindo, pois a intensa atividade no trabalho e em casa não permitia. Vemos novamente uma ausência total de crítica à sua realidade pessoal e profissional, bem como uma incapacidade em perceber que estava cada vez mais dependente daquela empresa, pois as habilidades que desenvolvia não necessariamente faziam dela um profissional melhor para outras empresas, e que um curso superior abriria novas possibilidades não só de trabalho, mas, também intelectuais.

Quando cheguei pensava em fazer jornalismo. Eu nunca comecei pelo trabalho daqui e mais pela minha filha. Saía daqui muitas vezes a meia noite e tinha que tomar táxi porque não tinha mais condução. Era uma loucura. Quando alguém se queixa de excesso de trabalho eu digo: sempre foi assim. E era muito mais do que é agora. Ao menos em algumas áreas. Não fiz um curso acadêmico, mas fiz uma série de cursos voltados para marketing, comunicação e terminei meu curso de francês. Tenho o diploma da Aliança Francesa que tenho que colocar num quadro que é meu maior orgulho.

Aspiração: A grande aspiração desta personagem lutadora consciente é fazer uma viagem à França. E ela realiza este sonho após se recuperar do episódio da arritmia.

Poder conhecer um outro país era um comportamento esperado no contexto profissional em que vivia Janaína. Tratava-se de mais um discurso institucionalizado nas empresas. As pessoas que viajavam sempre foram consideradas como capazes de investir no seu auto-desenvolvimento e mais arrojadas. Exatamente como se espera de profissionais polivalentes desejados pelo capitalismo moderno (Heloani, 2003).

Estava nesta altura programando a minha viagem para a França. Todos achavam que eu não ia mais. Eu disse: agora é que eu vou mesmo. Tinha uma colega muito amiga e então falei: eu vou para a França você quer ir também? E ela disse: eu quero. E ela não falava nada de francês. A passagem nós compramos à prestação e compramos US\$ 1000 dólares cada uma. Então ele emprestou mais 1000 dólares, arrumou um amigo que tinha um apartamento vazio e foi onde ficamos. E eu tenho contato com ele até hoje. E em Portugal ficamos na casa dos pais do meu chefe. Fizemos a viagem e foi maravilhoso. A gente não se dava conta que não precisava escurecer para dormir. Ficávamos acordadas até tarde. Ficamos 15 dias em Paris, e depois alguns

dias em Portugal. Lá em Paris ele se encontrou com a gente, meu chefe, a esposa e a filha que tinha 2 anos. E ele foi realmente maravilhoso. Ele estava fazendo um negócio como alguém que estava tendo prazer em mostrar algo a uma pessoa que esperou muito tempo por aquilo. Tinha o prazer de mostrar para nós. Tenho fotos da casa de fados onde nos levou.. Isto foi em 80 e em 83 fui de novo e aí em outras circunstâncias. Já tinha meus amigos. Nunca mais me desvinculei das pessoas que foram gentis comigo. Sempre mantive em contato com as pessoas que conheci e me ajudaram.

Os horizontes de Janaína se ampliaram a tal ponto que a **lutadora profissional** resolveu sair do Brasil e tentar a vida na França. É bem verdade que o seu casamento não resistiu às suas novas realidades profissionais. Nesta altura ela já possuía o diploma da Aliança Francesa e tinha as referências da empresa na qual trabalhava havia dez anos e que cuja matriz ficava em Paris. A satisfação com o trabalho, associado às conquistas da independência financeira, a descoberta da França e das perspectivas de vida em um outro país, dão início a um novo processo de mudança que levaria Janaína à próxima transformação importante na sua trajetória de vida.

Quando tinha dez anos de casa falei para o meu chefe: eu disse: quero ir embora do Brasil. Quero ir para França. Quero que me ajude a arrumar alguma coisa lá. Pensei, eu vou e quando estiver tudo arrumado venho buscar a minha filha. As meninas do meu marido já tinham saído de casa. Eu resolvi ir para lá, fui para lá com a idéia de arrumar as coisas e depois levar minha filha. Fiquei na casa de uma amiga para esperar até arrumar a autorização para poder ficar e trabalhar. Eu sabia que ia demorar. Eu e meu marido já estávamos separados legalmente. Ele insistiu várias vezes para a gente retroceder e eu dizia: não tem a menor chance. Estamos separados legalmente até hoje.

Nossa personagem encontra-se então na França, realizando uma façanha totalmente improvável para a menina pobre do interior do Paraná, mas não totalmente improvável para quem vinha de um processo de transformação fortemente marcado pela atividade profissional. Como já mencionamos anteriormente, segundo Ciampa (2001) a identidade aos poucos se confunde com a atividade, ou seja, são as ações realizadas pelo sujeito no seu meio social que influenciam a atribuição de papéis que passam a designar

o personagem em atividade. O indivíduo não é mais apenas quem ele é, mas o que ele faz, e os papéis que desempenha padronizam sua atividade na relação com o outro.

Pergunta: Quanto tempo ficou lá?

Resposta: Fiquei na casa de uma amiga por três meses. Cheguei a trabalhar lá a ir todos os dias para o escritório, ajudava minha amiga com a casa e a cuidar do filho dela que era meu afilhado. Era uma vida de como alguém que vivesse sempre lá. Eu me sentia bem. Fazendo alguma coisa que eu sempre quis.

Mas algo não ia bem. A mudança era por demais intensa e Janaína busca apoio no plano esotérico, procurando na França um vidente. As mudanças que resultaram na sua ida à França demonstraram emancipação em relação às exigências do meio social mas não em relação identidade calcada quase exclusivamente na atividade profissional. Ela se separa e elabora seus próprios princípios deixando inclusive a sua filha, muito embora temporariamente, e agindo de uma forma que corresponde ao estágio pós convencional do agir moral segundo Habermas(1981), numa atitude emancipatória em relação ao seu meio social. Mas talvez tenha sido uma autonomia improvável para uma pessoa que, como ela, havia nascido pobre em uma pequena cidade de interior, não possuía nenhuma habilidade extraordinária, e numa situação de espera, pois tinha que aguardar a legalização da sua situação de trabalho na França, talvez tudo isto tenha deixado Janaína muito insegura, e ela, que não tinha crenças religiosas profundas, acreditando apenas numa força superior, vai procurar um vidente. Algo que jamais havia feito antes.

Eu fui com uma amiga consultar um vidente. Era tanta coisa que estava mudando na minha vida... E então ele falou: sua filha está com sérios problemas. E eu acreditei que ele falou uma série de coisas que eram verdades. Fiquei com medo que o pai estivesse fazendo uma espécie de punição para a menina. Então eu voltei. Antes de voltar liguei para meu chefe e perguntei se o fato de eu voltar poderia criar algum problema para ele, pois afinal ele havia arrumado tudo. E ele falou não. Pode voltar. Mas quando soube da minha filha comecei a ficar muito angustiada. Então acabei voltando. Meu marido falou: não seja orgulhosa se não der certo pode voltar

para casa. E eu voltei. Era lá que estavam todas as minhas coisas e era onde voltava para minha filha. Voltei então para meu marido.

Como vemos, quando não é possível criar novos personagens nós trazemos de volta os anteriores, pois identidade é metamorfose, mas é também reposição (Ciampa, 2001). Depois de decidir tentar a vida na França, deixando para trás o marido e a filha, mais uma vez Janaína morre como a mulher independente que se separa legalmente do seu marido e parte em busca de um trabalho qualificado na França, em busca de emancipação e independência pessoal, e renasce novamente como a **mater**, mãe de uma adolescente problemática, e neste personagem retorna para o antigo casamento, e para os seus antigos papéis.

No plano profissional, ela “morre” como secretária e renasce como profissional de comunicação, ocupação esta que determinou sua promoção para gerente e que aparentemente representa hoje a sua atividade predominante. Mas este processo de transição não foi suave.

4.6 A profissional de comunicação: um novo personagem

Ao retornar ao Brasil sob os efeitos da *mater* um forte personagem na vida de Janaína, não só em função de ter uma filha adolescente que estava sentindo muito a sua falta, mas voltando também para o marido, do qual estava separada, revela que os papéis sociais tipificados e interiorizados determinaram o seu comportamento. Janaína tinha como mãe uma mulher forte que garantia o sustento da família, mas que precisava permanecer casada, mesmo que fosse com um “toco”, e esta referência certamente influenciou a decisão de Janaína ao voltar. Tal como na vinda para São Paulo aos dezoito anos, ela não se adapta à cidade grande, agora Paris, mesmo que desta vez, nesta etapa de sua vida já tenha acumulado uma importante bagagem de vivências, o que não ocorreu da primeira vez. Ela volta pela filha, mas busca prosseguir com a sua vida profissional na empresa francesa.

Atividade: Janaina, contudo, não volta para se transformar em **mater**. Este personagem provoca o retorno mas ela volta rapidamente ao trabalho numa nova atividade, na qual enfrenta dificuldades e te que por a prova os conhecimentos e papéis tipificados.

Meu chefe falou quando eu fui que se não desse certo poderia voltar. E então ele falou pode voltar para cá. Na empresa já não podia mais voltar para meu antigo lugar. O que foi bom, pois estou há 28 anos na empresa e seria horrível ficar no mesmo lugar. Este ano eu completo 28 anos de casa. Os dez primeiros anos que trabalhei aqui foram maravilhosos. Maravilhosos porque foram dez anos de aprendizado todos os dias. Eu aprendi demais. Eu tinha um mestre maravilhoso. Não só porque a gente está sempre em processo de aprendizado, mas pela evolução da empresa que exigia que a gente estivesse se modificando e se adaptando ao que acontecia. Voltei e fui trabalhar na área de comunicação. E aí foi o período que eu achei o mais difícil, o mais chato para mim. Antes trabalhava com uma fera e agora fui trabalhar com uma pessoa que não queria trabalhar. Durante muito tempo fui literalmente boicotada. Continuei a fazer o meu trabalho pela minha determinação. Foi o período que eu achei o mais difícil, o mais chato para mim. Trabalhava com uma maquininha Facit portátil. O boicote chegou a este ponto. Eu que comprei meu computador e trabalhei três anos com o meu próprio computador. Ele não queria fazer nada.

É importante reconhecer que Janaina aprendeu muitas habilidades no trabalho. Contudo, ela não desenvolveu o agir comunicativo, pois diante de um chefe que tinha pouco respeito por ela, sua reação é comprar seu próprio equipamento de trabalho e quase anular-se na relação. A sua subjetividade incorporou do discurso do capital e a necessidade de ser diplomática e de aceitar ser discriminada pelo superior hierárquico surge como algo inevitável. Podemos observar neste ponto o quanto sua subjetividade apropriada pelo capital tornou Janaina um sujeito pouco capaz de brigar por respeito. A consciência é o reflexo do mundo vivido interiorizado, e a consciência que ela tem de si mesma está interiorizada como o reflexo do tratamento dos funcionários pelos superiores hierárquicos nas empresas capitalistas.

Família: Janaína volta para a filha e o marido e pouco a pouco estabiliza a vida familiar. A filha jovem sofre um acidente e o marido, que durante a etapa da narrativa que se sucede ao trabalho de Janaína na grande empresa francesa, não foi falado com palavras de respeito e considerações de amor ou de carinho, é agora lembrado como se encontrando mais uma vez desempregado, tornando imperativo que Janaína busque se adaptar a sua nova situação de trabalho. Os sentidos que Janaína atribui à sua própria vida oscilaram sempre, tal como se fosse um pêndulo, entre o mundo da vida e o mundo do trabalho (Habermas 1981), entre a vida profissional e a vida com seu marido e a sua filha. As personagens de lutadora consciente e de mater, com uma subjetividade ora centrada na atividade profissional como predominante para a criação de sentidos, ora na vida familiar, se alternaram ao longo da narrativa de sua história de vida. Neste retorno ao Brasil e à empresa, ela tem que resignificar estes dois espaços vitais.

Primeiro o fato de trabalhar aqui e estar muito tempo aconteceu uma mudança fantástica na minha vida: primeiro a minha independência financeira. Era complicado para a minha cabeça cada vez que precisa de alguma coisa depender de outra pessoa. Uma outra coisa muito importante foi obrigar as pessoas da minha família, tinham que me olhar de outra forma. Eu não era nada do que eles pensavam. Eu era uma fera no meu trabalho. E isto foi muito gratificante em termos de família, relativos, mas também de marido, da minha filha. Ela cresceu com isto na cabeça: minha mãe é uma pessoa responsável, nunca se atrasa; ela cresceu com este exemplo. E esta abertura de espírito que eu já tinha com certeza de uma forma latente e que com este meio e este ambiente, viajava, falava francês, conhecia o mundo. Conhecia alguns estrangeiros. Dizem que eles são frios, mas comigo não era e diziam que fui eu que os conquistei. O meu crescimento em termos pessoais foi muito grande. Uma abertura em termos de espírito, de visão. Depois disto foi o período que minha filha sofreu um acidente, meu marido também não estava bem, durou oito anos.

Auto-imagem: A auto-confiança do passado aparentemente não se abalou na nova função, muito embora seu novo chefe tivesse dificuldade em aceitar Janaína. Existe numa tipologia que determina o perfil dos profissionais adequados a cada função.

Janaína poderia ser aceita como secretária, mas como profissional de comunicação era mais difícil. Sua volta ao trabalho foi difícil, mas ela permanecia bastante segura.

Era autoconfiante como pessoa. Falava para uma professora: pobre se não for arrogante o que é? E ela ficou calada mais sei que pensou: ela tem razão. Se você não é nada e se rebaixar vão te fazer de capacho. Este meu jeito de falar com certa autoridade que parece autoritária mais é uma forma de defender minha opinião. Se você provar que estou errada eu aceito. E tem outro lado. Era muito complicado. A pessoa (com quem foi trabalhar quando voltou ao Brasil) não queria passar serviço para mim porque ele não queria fazer nada. Era uma maçã podre. Criava uma imagem errada para muita gente. Falava mal da empresa, dos gestores da empresa para agências, fornecedores, gente de fora. Aquilo para mim era uma afronta. Para mim como pessoa porque não era atitude de jeito nenhum e para a empresa onde eu trabalhava há tantos anos. E aí foi o período que eu achei o mais difícil, o mais chato para mim.

Para Habermas (1981), no segundo nível do desenvolvimento moral, denominado convencional, o agir é determinado com base na expectativa do comportamento que agrada aos outros, ou no sentido da autoridade e dos papéis fixos. No seu estágio mais avançado, os elementos que estabelecem as obrigações entre as pessoas estão baseados em princípios definidos pela autoridade, pelos papéis fixos e da manutenção da ordem social. O comportamento justo é aquele onde o sujeito cumpre os seus deveres, mostra respeito a ordem vigente em nome da manutenção desta mesma ordem. Ora, a forma como o novo chefe de Janaína agia para com ela, não estava na sua percepção em sintonia com princípios universais, uma vez que ele, seu atual chefe, além de denegrir a imagem da empresa para fornecedores, desrespeitava Janaína não concedendo a ela os instrumentos adequados para realizar o seu trabalho. É difícil dizer se era realmente de uma pessoa com valores distorcidos, ou se esta era apenas a percepção de Janaína. Ficamos com a primeira hipótese, e não consideramos a autoimagem de Janaína de uma pessoa insegura e perseguida. Ela continuava segura e autoconfiante, mas, era totalmente alienada em relação ao preconceito que a mulher enfrenta no mundo do trabalho, em especial quando, como ela, não tem as ditas competências para o cargo. Janaína nesta fase não parece utilizar o agir comunicativo que, segundo Habermas (1981), consiste em empregar argumentos capazes de

convencer o outro, por meio da compreensão do ponto de vista do outro. Janaína relata o que se passava no seu novo departamento ao seu antigo chefe, o presidente.

Pergunta: E como era o dia a dia com esta pessoa?

Resposta: Era muito complicado. A pessoa não queria passar serviço para mim porque ele não queria fazer nada. Era uma maçã podre. Criava uma imagem errada para muita gente. Falava mal da empresa, dos gestores da empresa para agências, fornecedores, gente de fora. Aquilo para mim era uma afronta. Para mim como pessoa porque não era atitude de jeito nenhum e para a empresa onde eu trabalhava há tantos anos.

Pergunta: Chegou a pensar em sair?

Resposta: Cheguei. Mas não havia nada disponível. E a gente estava vivendo uma crise horrorosa. O mercado de trabalho nesta altura estava muito complicado. E eu não arrumei nada.

Pergunta: Chegou a falar sobre esta situação com alguém?

Resposta. Sim. Com o presidente meu ex-chefe. Eu imaginava que a pessoa estava tentando minar o meu terreno. Não adianta a gente ficar trabalhando para fazer a empresa ser conhecida como ela é, se tem uma pessoa influente em um determinado meio, diminuindo a empresa para os outros. Ele sabia que eu não era de futrica. No meu jantar de despedida ele já havia falado: se alguém tentou mandar recados para mim através dela esteja certo que eles nunca chegaram. Acho que ele acreditava, mas precisava desta pessoa. Mas acho que às vezes você pode até conhecer as deficiências de um profissional, mas ele te atende. Mas eu fiz questão de dizer porque sabia que precisava mostrar o outro lado da história. Ele disse que a minha palavra valia.

Saber que uma pessoa tem falhas de caráter e aceitar esta pessoa na empresa é parte integrante da vida no mundo do trabalho. Não é o interesse da razão, mas é a razão

interesseira que orienta este tipo de atitude. Janaína, parece estar no estágio III do nível pós convencional definido por Habermas(1981), pois buscava agir segundo princípios de ética universais, e portanto surpreende-se com esta atitude, pensa em sair da empresa, mas recua porque está no nível II de consciência moral, ou nível convencional, onde manter a ordem social dada em nome desta mesma ordem, curvando-se diante da autoridade do presidente é tudo que ela consegue fazer. Talvez em função ou de uma real necessidade financeira, ou da dependência psicológica que ela tinha desta empresa, em particular, indicando o nível II.

Valores: Os valores de Janaína nesta fase parecem aos do segundo nível do desenvolvimento moral denominado por Habermas (1981) de convencional. Como vimos acima, segundo Habermas (1981), no nível convencional, o indivíduo define seus valores orientados pelo sentido dado por uma autoridade, papéis fixos e manutenção da ordem social. No seu estágio mais avançado, os elementos que estabelecem as obrigações entre as pessoas estão guiados pela necessidade de manter a ordem social dada. Independente desta ordem, ser ou não justa segundo princípios de ética universais. Janaína estava atenta a falta de ética do seu chefe, mas não age, pois afinal ele é o chefe. Por outro lado, na relação com o marido e a filha demonstrava os fortes valores aprendidos com sua mãe. A importância do casamento e a atenção que deveria ser dada aos filhos.

Aprendizado: Na nova atividade Janaína começa a frequentar os programas da universidade corporativa da empresa. E é interessante observar como o discurso do capitalismo vai se incorporando ao seu próprio discurso.

Eu fiz vários cursos, participei de vários workshops de formação na academia...Eu me lembro inclusive do primeiro curso de formação que eu participei na academia, que era um curso dos primórdios dos cursos que nós tínhamos aqui: formação de formadores. Foi um curso em que eles começaram com esta política de ter formadores da própria empresa, para treinar os colaboradores. Eu me lembro que este curso era dado por uma pessoa muito especial e no último dia o teste maior era o seguinte: na noite anterior nós fomos dormir com a tarefa de preparar uma apresentação para o dia seguinte do assunto que podia ser o assunto que fosse, desde que nos

sentíssemos à vontade para falar sobre ele como, uma, um curso que nós estivéssemos dando pra aquele grupo. E eu me lembro que eu estava participando disto com outra gerente e aí foi ela que me deu a idéia: puxa Janaína você já fez aula de canto e seria muito legal se falasse sobre aula de canto. E você já fez aula de canto e aula de canto vai ser um negócio diferente. Então eu trabalhei no negócio da aula de canto que eu já tinha feito o básico, fiz a apresentação, e inclusive pedi no restaurante que me emprestasse umas rolhas, que nas aulas de canto a gente aprende a articular uma posição cantando com uma rolha aqui entre os dentes, e aí levei as rolhas, ensinei o pessoal a fazer exercício respiratório, ensinei a flexionar sempre os joelhos para não ficar num estado de tensão, o que permite uma posição de descanso, quase automático quando você tem que ficar muito tempo de pé faz uma ligeira flexão nos joelhos, para não sentir o peso, e fiz o pessoal fazer vocalismo com aquelas rolhas na boca, pensam que é fácil, não é, tem isto também. E uma coisa muito importante que aconteceu, foi que quando o instrutor fez a avaliação depois do curso para os participantes ele disse, gente, fiquei impressionado com a autoridade com que a Janaína fala. Eu fiquei impressionado com a autoridade que a Janaína tem para falar. Ela tem convicção, ela transmite, ela tem sabe, toda uma verve para fazer todo este processo, e isto é muito importante para uma pessoa que se dispõe a fazer palestras, dar cursos que é um professor transformador. Depois ele me falou que não tinha dito tudo o que achava para não criar ciúmes no pessoal, mas que realmente ficou impressionadíssimo. E para mim foi muito bom porque a gente não se dá conta disto, vai fazendo, de uma forma espontânea, até insegura, achando que falta algum incremento, alguma coisa.

Vemos, ao longo deste trecho da entrevista, a constatação de que havia o desejo de preparar Janaína para ocupar posições mais altas na hierarquia do grupo. Dentre as habilidades que ela deveria desenvolver, estava a capacidade de formar pessoas, algo bastante distante das necessidades atuais do seu cargo. Entretanto, ser um chefe formador esta perfeitamente em sintonia com as exigências de polivalência dos profissionais. Se o chefe é um formador, os custos com treinamento das equipes são reduzidos. Além disto, podemos ver mais uma vez a importância do outro na atribuição de identidade. A segurança de Janaína não estava relacionada aos conhecimentos adquiridos, mas à aprovação do instrutor. E quando perguntamos a ela a respeito do seu crescimento profissional após o curso ela nos respondeu:

O curso em si e mais este retorno do ministrante do curso fizeram que eu tivesse muito mais confiança naquilo que eu estava fazendo. E daí cada vez que eu tinha que fazer um trabalho, primeiro ficou evidente que eu era capaz de colocar as minhas idéias em ordem, fazer um planejamento para organizar uma apresentação. Depois que eu tinha a competência para apresentar isto verbalmente, verbalizar bem, conseguir a atenção das pessoas, provocar atenção. E a partir daí cada vez que eu me via em situações de reuniões onde eu tinha que expor minha opinião, e argumentar, ou criticar, eu estava muito mais segura, eu sabia que eu estava capaz de fazer aquilo. Que eu era uma pessoa coerente, e a gente até prova em contrário não tem certeza de nada. E eu sou o tipo de pessoa que eu não abro a minha boca assim, para dizer que eu participei. Eu sou capaz de ficar a reunião inteirinha de boca fechada se aquilo que eu for dizer não for alguma coisa coerente, que venha agregar valor e que tenha sentido. Só para marcar presença eu não vou fazer. Então, aquilo me deixou mais à vontade, me deu mais segurança, me deu muito mais habilidade. E a partir daí, passa a ser um exercício, né. Você tem mais confiança naquilo que faz, você não tem medo de afrontar, de discutir, de debater, e estas coisas, é uma, prática, você acaba fazendo como uma coisa do dia-a-dia, como você respira, como você anda, como você canta, dança, fica inerente a você.

Na atividade exercida por Janaína ela precisava desenvolver a prática argumentativa. E o curso trouxe vantagens importantes neste sentido. Podemos dizer que o programa mudou a consciência que Janaína tinha a respeito de sua competência argumentativa no mundo do trabalho, tornando-a mais confiante e segura nas apresentações. Mas não teve a capacidade de mudar a sua capacidade de argumentação na esfera do mundo da vida, ou nas relações pessoais na busca de uma mudança significativa do tratamento a ela dedicado pelo chefe desrespeitoso. Este tratamento durou até que o chefe deixou a empresa. Isto aconteceu quando houve uma reestruturação e essa área deixou de existir e passou a ser incorporada ao departamento de assuntos corporativos.

Mas foram vários os cursos frequentados por Janaína nesta etapa. Um outro curso do qual ela se lembra e ao qual ela atribui importância especial no seu processo de formação se refere à comunicação entre as pessoas no trabalho. Analisando as falas de

Janaína podemos ver que o objetivo do curso era desenvolver atitudes positivas em relação às pessoas no ambiente de trabalho, e da necessidade de aceitar a diversidade. Dito desta forma parece algo positivo. Entretanto, como veremos abaixo, há uma tentativa de formar pessoas tranquilas e cordatas.

Eu aprendi a ter um olhar, não digo um olhar crítico, mas um olhar capaz de avaliar as limitações das pessoas, até onde elas estão chegando, e como tentar fazer com que elas superem aquela limitação, para se tornarem parceiras mais eficazes num processo de trabalho em grupo, num trabalho em conjunto porque elas tem que aprender a eliminar certos bloqueios, certos preconceitos que fazem parte da natureza da gente, mas que no dia a dia profissional não faz sentido.

E Janaína continua:

Então uma pessoa que (diz) se não é para ser assim então não quero, e isto não funciona no trabalho não faz sentido. Então é como o menininho que diz: eu vou levar a bola embora e ninguém joga. Num ambiente profissional não é assim. E eu achei isto muito importante porque me deu consciência de quanto eu estava amadurecida para poder ter esta visão até mais ou menos crítica em relação às pessoas. E entender que as pessoas têm estas limitações não porque querem ter estas limitações. Mas porque isto faz parte da natureza delas e se quisermos mudar isto, temos que mudar por um processo, e não por uma imposição.

Estamos diante de um dos programas voltados a desenvolver atitudes adequadas ao mundo do trabalho. O desejo da empresa é que os profissionais não entrem em conflito, pois a equipe ideal é aquela onde não existe o conflito. Ser maduro é, no entender da entrevistada que viveu, ao longo da sua vida, muitos conflitos, é ser capaz de deixar de lado as limitações humanas, em nome da maior produtividade da equipe e não perder tempo se posicionando ou mesmo recusando aceitar algumas diretrizes. É este o tipo de saber que acreditamos ser perigoso nos cursos oferecidos

pelas empresas. Pois ao invés de se admitir que o conflito existe e proporcionar o desenvolvimento da prática argumentativa, busca-se o caminho da negação e da fuga do conflito. Mas, não veio apenas dos cursos freqüentados por ela o seu aprendizado no período. A atividade profissional foi bastante rica oferecendo amplas possibilidades de reforçar o aprendizado.

O aprendendo é de modo geral, não é também ficar atrás de um curso e de outro e chega um momento que a pessoa não faz mais nada e fica somente atrás de cursos. No ano passado eu fui coordenar a participação do Brasil num evento na França. Dois anos seguidos. São vários países que participam e os países fazem alguma coisa. Neste último ano que eu fui, organizei uma soiré com comidas típicas e chefe do Brasil, etc. Nós tivemos que produzir material aqui, e levar para lá, banners, vídeos, imagens para decorar, etc. E chegamos lá, começaram a dificultar um pouco aquilo que nós tínhamos previsto fazer em termos de decoração. Então eu simplesmente disse para o pessoal: Olha, antes de simplesmente vir para cá e trazer todo este material, a gente mandou E Mail, falou por telefone, eu perguntei como poderia pregar e em nenhum momento me disseram que não podia. Disseram que com cola, com fita crepe, com tachinha, com qualquer coisa. Então eu não aceito que agora este banner lindo maravilhoso que eu queria pregar na porta do local onde será o espaço brasileiro, não pode ser colocado. Pois nós gastamos dinheiro para produzir, para transportar, e eu quero colocar. Senão não teria feito. Se dissessem que não poderia ser colocado não teríamos feito. Eu falei como um desabafo. Se tiver que dizer alguma coisa eu digo. Alguns minutos depois vieram o diretor disto, o diretor daquilo, olharam e disseram: amanhã cedo a gente coloca. Então aprendi que às vezes você dizer o que você pensa leva as pessoas te respeitarem um pouco mais. Eu disse aquilo mais numa forma de, realmente de desabafo. Ora, se eu soubesse que isto não poderia ser colocado aqui nós não teríamos perdido tempo, energia, dinheiro para trazer isto aqui. Então acabaram colocando. Então é ainda aquele aprendizado da vida.

Vemos aqui a evidência de que Janaína utilizou a prática argumentativa a partir das experiências do mundo da vida. A busca dos argumentos, e a dificuldade em se fazer respeitar que reflete a luta de toda a sua vida, estão presentes no episódio anteriormente relatado por ela. Mas Janaína tem dificuldade de perceber o contexto

social no qual sua atividade profissional está inserida. Com a saída do chefe desrespeitoso da empresa, Janaína acaba depois de algum tempo sendo promovida a gerente.

Aspiração: A partir da narrativa de Janaína, sabemos que, embora capaz de realizar uma pesquisa para buscar comparar seu salário com aqueles que são pagos no mercado, ela nem mesmo questiona o fato de ser mulher e ter tido uma trajetória profissional que não incluía estudos nas melhores faculdades, ou seja, não interpretava sua vida como sendo influenciada pelo preconceito do mundo profissional em relação às mulheres, e em especial em relação às mulheres que não são provenientes das elites sociais. Janaína era pobre, começou como secretária, lutou muito, mas não tendo frequentado uma faculdade, e sendo mulher, ganhava menos que o mínimo do salário pago pelo mercado, para a mesma função. Embora sua interpretação fique restrita às circunstâncias do contexto empresarial, e ela não seja capaz de estender a sua crítica até o ponto de perceber que a sua trajetória profissional, como um todo, pode ser explicada pelo contexto social onde ela se insere, Janaína reage e luta pelo que julgava ser um direito seu. O relato de como ela obtém a promoção para o cargo de gerente de comunicação interna reforça mais uma vez o contexto de inferioridade de uma mulher no trabalho. A promoção não vem de forma natural como resultado do reconhecimento do seu bom desempenho ou do seu potencial para crescer e se desenvolver, mas de um detalhe operacional.

Foi quando houve uma reestruturação e esta área deixou de existir (a área de comunicação) e passou a ser assuntos corporativos. E aí nada de salário e de reconhecimento. E eu tive que brigar muito para ter, um certo, reconhecimento. Decidi botar a boca no trombone. Falei com o presidente. Porque se a área não for importante eu entendo, mas se for importante tem que haver o reconhecimento. E aí chegou um diretor e a área foi para assuntos corporativos. Aí fiz uma pesquisa de salários e peguei valores mínimos, médios e máximos e mostrei que não ganhava nem o mínimo.

Pergunta: E a que você atribui isto?

Resposta: A displicência. A falta de gestão (do antigo chefe) para defender os meus interesses. A área que não era de ninguém. Aí mostrei que não era uma menininha que estava ali para datilografar. Acompanhava o presidente, falava francês e tinha valor profissional que tinha que ser transformado em reconhecimento. E além de falar francês tinha uma conversa correta. As coisas começaram a mudar a partir daí. Aí chegou um novo diretor com uma visão completamente diferente do que era aqui e complicou a vida de muita gente. O conjunto estava comprometido. Era aquela coisa escorregadia. Não pode escrever assim, assado. Hoje tem uma visão mais clara. Aí eu fui promovida a gerente. Havia uma questão que só gerente podia ter uma sala. Então falei que o papel que eu exerço é de confiança, de responsabilidade. Que eu falava com o diretor de comunicação da França e tinha que atender de uma sala que não era a minha, porque o assunto era confidencial. Eu tinha que fazer o trabalho, mas não tinha as condições. Aí ele decidiu que eu teria que ser promovida.

Mas quais são os planos de Janaína para o futuro? Como ela visualiza o seu projeto de vida no futuro?

Não consigo visualizar o futuro sem estar trabalhando e trabalhando muito. Fica a pergunta. Estou aqui e faço um trabalho que eu curto. Tudo que aprendi em comunicação e em produção de veículos internos, de texto, sei que estou bem. A linguagem, o cuidado com a forma de transmitir um notícia, e tudo isto a gente aprende exercitando. Eu não me vejo parando de trabalhar. Mas em uma porção de coisas que eu faço além de trabalhar. A música, eu faço shows, mas tudo no sufoco dentro do pouco tempo disponível. Também faço um trabalho de tradução que eu gosto muito e com isto meu vocabulário esta cada dia melhor. Então eu não sei o que vai ser. Penso as vezes que não vai dar tempo de fazer tudo o que eu quero. É uma roda vida e não vai deixar de ser uma roda viva. E ninguém sobrevive com aposentadoria. Tem que trabalhar. Mas acho que, por exemplo, tenho uma expectativa que daqui a alguns anos tenha cidadania italiana. Já estou buscando porque meu marido tem cidadania italiana. Então talvez em alguns anos eu vou para Portugal, para Itália, trabalhando com as traduções ligadas à França para o português. Vou investir mais tempo na música, vou estudar coisas que acabei não conseguindo, quem sabe fazer uma faculdade, pós-

graduação. Mas acho que o que aprendi é muito mais importante, tem mais peso que uma faculdade, mas para quem esta começando é diferente...

Seguindo com Ciampa (2001), entendemos que identidade é metamorfose e transformação, e pode ser também reposição. Janaína ao longo de toda a sua vida, como observamos, oscilou entre a lutadora e a mater. Seu projeto futuro já começa a se delinear e parece que nele está contido o retorno da **lutadora consciente** a partir das possibilidades de trabalho bem delineadas, e a partir de projetos já em andamento: as traduções e as competências adquiridas como profissional de comunicação. Voltar a viver em um país estrangeiro, agora não mais sobre a identidade da mater, pois embora a filha de Janaína viva hoje na Europa, não nos pareceu que seu desejo de sair do Brasil tenha alguma relação com a personagem da mater, talvez permita a ela realizar o sonho de viver fora do Brasil. Não percebemos nenhuma possibilidade de que um novo personagem relacionado a sua atividade como esposa possa surgir, embora ela dependa do marido para obter a cidadania italiana.

CONCLUSÃO

Nosso desejo era conhecer como os programas oferecidos pela universidade corporativa de uma dada empresa, atuaram na consciência e contribuíram para a construção da identidade de um profissional, que recebeu desta universidade boa parte da sua formação. Para tanto, entrevistamos Janaína, que por meio do relato da sua história de vida nos permitiu chegar a conclusões importantes.

Em primeiro lugar, ela nos confirma aquilo que o referencial teórico já nos mostrava: as empresas buscam efetivamente moldar profissionais adequados às suas necessidades capitalistas, por meio dos programas de educação. Estes programas desenvolvem não só as habilidades para o desempenho de uma função profissional, mas buscam formar indivíduos adequados ao mundo do trabalho. Janaína estudou comunicação, redação, produção gráfica, *marketing* e francês, em cursos organizados pela empresa, porque necessitava dominar estas habilidades no exercício de sua atividade do dia-a-dia. Mas, ela aprendeu também que o conflito é ruim e que devemos fugir dele de maneira diplomática, que se deve sempre fazer certo da primeira vez, pois esta é a forma correta de agir.

Tomando-se como exemplo apenas um dos programas, a mensagem transmitida aos participantes era de que o conflito é algo ruim e que, portanto, deve ser evitado, pois discutir, debater, falar e discordar corresponde a um comportamento imaturo. Ora, estamos diante da negação de algo que é próprio da vida em sociedade: o conflito das idéias. Ao colocar o conflito na categoria de um comportamento imaturo, induzindo os profissionais a evitar ao máximo discutir por idéias divergentes, se interioriza um conceito que levado para o mundo da vida, inibe a competência dos sujeitos para chegar ao entendimento. Para Habermas (1981), somente quando compreendemos os motivos do outro e exercemos a ação comunicativa por meio de argumentos que possam ser relevantes para o outro, podemos chegar ao entendimento. No momento em que não se busca mais o entendimento por meio da argumentação, levando as pessoas a julgar como um comportamento imaturo discordar e discutir, estamos formando sujeitos passivos. Podemos sob este aspecto dizer que os cursos

contaminados de ideologia capitalista engendram indivíduos com sua capacidade comunicativa comprometida.

Ao longo da revisão teórica, ficou claro que a noção de competência para o capital pressupõe indivíduos com atitudes maduras. Ser maduro é não protestar, reivindicar, discutir. Mas há uma razão para tal influência. Ao protestar, os trabalhadores estariam colocando em risco a lógica de um sistema que em nome do imperativo da produtividade e da competitividade, exige mais e mais, e tenta reduzir aquilo que é pago como salário. Ser competente é compreender as necessidades do capital, mesmo que elas sejam contrárias aos interesses dos indivíduos. Deixar de fazer uma faculdade, adoecer, ter uma relação afetiva comprometida para trabalhar além do horário, sacrificando a família e si próprio, e reduzindo as chances de autonomia no mundo da vida, são encarados como fatos normais, como uma exigência dos profissionais competentes. Aceitar sem protestar o que for preciso, esta lógica perversa acaba por reduzir as chances de sucesso dos indivíduos fora das empresas, no mundo da vida.

Além disto, as pessoas com pouca formação crítica, tal como Janaína e outros tantos profissionais que, como ela, não puderam frequentar uma faculdade, passam a aceitar a passividade como indicador de maturidade, e se orgulham deste comportamento. A absorção desta idéia é imediata. Ao evitar sistematicamente o conflito, são excelentes profissionais para as empresas. Ora, com uma maior passividade não se perde tempo com discussões, e tempo é dinheiro. Mas são péssimos membros da sociedade solidária. As chances de estas pessoas conseguirem que o estado e o capital trabalhem a favor do bem estar da sociedade é ínfima. Temos aí um indivíduo bom para a empresa, pois, torna-se passivo, mas esta passividade impede sua emancipação como sujeito autônomo do meio onde vive.

Como educação é transformação (Vigotski 2003), a transformação resultante deste tipo de aprendizado é um indivíduo fortalecido para o capital e fragilizado para a vida. Se a empresa ensinasse o domínio das práticas argumentativas, talvez pudéssemos dizer que contribuíram com seus investimentos para a sociedade. Mas formando sujeitos passivos não se ajuda a sociedade.

Analisando os momentos em que Janaína se deparou com divergências e foi desrespeitada no mundo do trabalho, vemos que o domínio das práticas argumentativas fez muita falta. Ao invés de argumentar por melhores condições na empresa, ela comprou um computador com seus próprios recursos, usando este equipamento por três anos seguidos. Deixando de lado o problema individual do chefe, esta atitude foi excelente para a empresa, pois, pode-se economizar o que teria que ser investido na compra de um objeto necessário à realização das tarefas de Janaína. Quantas Janaínas não teriam estórias como esta para nos contar? E quando ela recorre ao nível hierárquico superior para discutir o tema, tem o reforço do quanto passividade é um comportamento adequado ao mundo do trabalho: mais uma vez ela ouve, que não se manifestasse e suportasse aquela situação, o que ela faz sem argumentar. Ao investir na negação do conflito, a empresa consegue minimizar os conflitos e economiza dinheiro, atendendo às necessidades do capital. Mas este aprendizado levado para a vida vai formar um consumidor passivo, um eleitor passivo, talvez um pai ou uma mãe passivos, o que também talvez seja excelente para o capital, mas péssimo para a sociedade.

Por outro lado, podemos ver ainda que idéias vindas do ensino voltado exclusivamente às necessidades do capital, efetivamente se incorporam à subjetividade dos profissionais. Janaína aprendeu que é importante fazer certo da primeira vez, uma das máximas das teorias da qualidade total que são, por sua vez, a base da produtividade empresarial. Janaína passa a considerar esta máxima como um desafio pessoal e como um aprendizado importante para a sua vida. Mas a vida é uma sucessão infinda de tentativas e erros, e acertar da primeira vez é um objetivo alcançado apenas de forma casual. Esperar que todos fôssemos capazes de acertar da primeira vez é negar a teoria das probabilidades e, ao mesmo tempo, tem como consequência a formação de líderes que não aceitam o erro, profissionais com baixa estima porque erram, quando, ao contrário, o erro é algo essencial no processo de aprendizagem. Como dizia Vigotski (2004), nós aprendemos quando experimentamos e a experimentação pressupõe o erro, tanto quanto o acerto.

Estas idéias têm um longo alcance, uma vez que elas são ensinadas aos líderes que aplicam estes conceitos no comando de suas equipes. Como ser um chefe formador acreditando e lutando para fazer sempre certo da primeira vez? Fazer sempre certo da

primeira vez acaba por se transformar numa busca incessante e incansável por perfeição e em frustração. Além disto é, ao mesmo tempo, uma justificativa ideológica para que o profissional trabalhe muito além dos horários de trabalho: como não acertei da primeira vez, tenho que recompensar a empresa por isto. Este é um pensamento freqüente no mundo do trabalho.

Podemos dizer que o efeito desta forma de pensar foi introduzido no processo de educação do Japão, tendo sido em grande parte responsável pelo enorme número de suicídios entre os jovens. O Japão foi um país que trouxe idéias oriundas das teorias do capitalismo para o sistema de educação oficial (Heloani 2003), com excelentes resultados para o capital e grandes dificuldades para os indivíduos. Até que ponto as dificuldades de Janaína com o marido podem estar ligadas ao ideal de perfeição que ela trazia das idéias da qualidade total e ao qual, aparentemente, o esposo não correspondia? Se nós refletimos o mundo em que vivemos, Janaína incorporou tais idéias na sua consciência, à sua subjetividade. Neste caso, foram importantes para sua vida afetiva, ou melhor, para os problemas da sua vida afetiva.

Janaína mostrou ainda que há uma intersubjetividade importante nas relações de trabalho. A necessidade de nos relacionarmos com o outro nos leva a entender os sentidos do outro e a interiorizar o sentido que o mundo tem para o outro. Janaína interiorizou o sentido da vida para o capital e, sendo assim, ela sempre agiu em benefício do capital, esquecendo-se de que era um trabalhador que tinha interesses bem distintos. Ela exigiu pouco em troca das longas horas de trabalho além do expediente normal, abdicando mesmo de cursar uma faculdade que poderia ter dado a ela maior autonomia no futuro e mais respeito no trabalho. Além disto, quando descobriu que ganhava menos que o mínimo para a função que exercia, não foi capaz de perceber que a sua situação profissional, num dado momento, tinha muito em comum com a de outras mulheres, que como ela, ganhavam menos que os homens nas mesmas posições. Ter sido formada no seio da empresa capitalista influenciou a consciência que Janaína tem a respeito dela mesma e dos outros. E ter tido apenas esta experiência profissional relevante na sua vida, e ter recebido da empresa a sua formação, limitou significativamente a sua capacidade de criticar o *status quo*.

É bem verdade que o processo de socialização primária foi decisivo para formação dos valores morais de Janaína, para a criação do sentido que ela atribui ao casamento e na sua relação com o marido, e que em grande parte parece reproduzir a relação que a sua própria mãe teve com o pai. Apesar de declarar que seu marido fôra o homem da sua vida, houve momentos em que ela se separa, mostrando que a vida em comum não era totalmente feliz ou satisfatória todo o tempo, mas ela retrocede, o que talvez se explique pela necessidade de viver o papel interiorizado a partir da socialização primária. É preciso ter um marido em casa ainda que seja um toco, dizia a sua mãe.

Quando Janaína consegue melhores condições de trabalho, e é promovida a gerente de comunicação assumindo responsabilidades importantes, certamente já deveria estar claro para seus superiores o seu comprometimento com a empresa e a sua identificação com a ideologia empresarial. Estes valores vieram sem dúvida do processo de socialização secundária advinda do trabalho de vinte e oito anos. Certamente, se ela fosse demitida, estaria despreparada para seguir numa outra organização ou traçar outro rumo para a sua vida. Mas, como ela deve ficar até a aposentadoria, legitima seu projeto de vida em uma outra direção. Neste sentido, incorpora uma outra máxima do capitalismo, agora, neoliberal. Como cada qual é responsável pela construção do seu futuro e não cabe à empresa, qualquer responsabilidade para com as pessoas, ela tem que construir seu próprio caminho. Ela está preparada para tal, o que é bom, pois implica em emancipação. Mas por outro lado é péssimo, pois são justamente as pessoas que, como ela, trabalharam muitos anos numa empresa e ascenderam na hierarquia que poderiam lutar por melhores condições para aqueles que se aposentam depois de muitos anos dedicados ao capital, ou poderiam atuar no sentido de lutar por políticas públicas mais convenientes para os aposentados.

No que diz respeito às nossas perguntas de pesquisa, podemos dizer que uma forma de educação, impregnada da ideologia capitalista, que busca o máximo de eficiência dos profissionais e é totalmente voltada a satisfazer as demandas de natureza puramente econômicas, acaba por anular a capacidade de crítica dos profissionais para a sua realidade de trabalho e também para o mundo da vida. Além disto, há a neutralização da capacidade argumentativa, uma vez que: ou se obedece às ordens de

alguém, pois se reconhece uma hierarquia, ou se foge do conflito, para não parecer imaturo. Em especial, o profissional que teve pouca educação formal e foi educado pela empresa é o mais afetado por este contexto. Embora tenhamos analisado um único caso, podemos dizer que, alguém que desconhece outras formas de interpretar a sociedade, assimila as idéias apresentadas nos cursos das empresas sem qualquer crítica, acreditando nestas idéias como se fossem verdades absolutas, seria bastante parecido com Janaína.

A identidade do profissional incorpora os valores defendidos pelo capital e suas aspirações passam a coincidir com as máximas do capital, entre elas a de que é preciso fazer certo da primeira vez. A partir do momento em que Janaína começou a trabalhar na empresa, suas personagens mais fortes estiveram relacionadas com o mundo do trabalho. A lutadora profissional é diferente da lutadora consciente. A lutadora consciente passava frio e fome, vivia no meio das “moças da noite” mas acreditava que “pobre tem que ser arrogante senão te pisam em cima”, conforme ela dizia. O que demonstrava emancipação, um espírito combativo e de auto defesa. Objetivamente, Janaína era pobre e desprovida de recursos, a “caipirinha do interior”. Mas subjetivamente ela era forte, e assim, objetivava comportamentos que permitiam que ela sobrevivesse. A lutadora profissional não é uma pobre caipirinha do interior, é uma executiva bem sucedida, mas objetiva os comportamentos que fazem com que ela adoça de tanto trabalhar, ganhe menos do mínimo da faixa salarial do mercado para a sua função, suporte um chefe preconceituoso e desinteressado, trabalhe com equipamento obsoleto, investindo o seu próprio dinheiro, para comprar um computador e poder realizar o seu trabalho. Sua auto estima é alta, mas ela não esbraveja e clama por respeito quando desrespeitada, pois afinal, este não seria um comportamento maduro, e nesse caso ela não seria um profissional competente, identidade que ela gosta que lhe seja atribuída. Pode-se perceber a importância do trabalho e das máximas da ideologia empresarial na forma como Janaína busca ser madura, ser diplomática, ocupar-se em trazer soluções para todos os problemas sem contar com ajuda da empresa, ser independente, investir em viagens para conhecer a vida em outros países, etc. Os seus valores pessoais estão permeados dos valores do capital.

Para encerrar, se a educação, como afirma Vigotski (2004), é uma forma de influência social, podemos dizer que a oferecida pelas empresas tem conseqüências importantes para as pessoas que, como Janaína, receberam da empresa a maior parte da sua formação.

Se o esforço de educação do país parte de um perfil psíquico e profissional desejado para a sociedade, e o objetivo de todos os órgãos de ensino é formar indivíduos para a sociedade, e não para apenas para o capital, fica a nossa pergunta final: se as empresas querem se juntar a este esforço, não deveriam elas submeter-se à análise e ao questionamento das autoridades de educação do país, tal como ocorre com todas as instituições de ensino, ao invés de prosseguirem atuando de forma totalmente livre, formando sujeitos limitados para a sociedade, tal como é hoje?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARCUSO, B (2005) websinder.uol.com.br/vernoticia php.
- ARIEL, M e PORTA, G M (2003). *A filosofia a partir dos seus problemas*. São Paulo: EDUC.
- BARDIN, L (2006) *Análise de Conteúdo Edições 70*, LTDA. Lisboa.
- BERGER, P T. LUCKMANN, T.A (1995). *A Construção Social da Realidade*. São Paulo: Vozes.
- CHAMPY, J e HAMMER, M (1993). *Reengenharia Revolucionando a Empresas*. Rio de Janeiro: Campus Rio de Janeiro.
- CHIAVENATO, I (2005). *Gestão de Pessoas*. Rio de Janeiro: Elsevier Campus.
- CIAMPA, A C. (2001). *A estória do Severino e a história da Severina*. São Paulo: Brasiliense.
- DRUCKER, P (2000). *Desafios Gerenciais do século XXI*. São Paulo: Pioneira.
- DUTRA, S D. (2001). *Gestão por Competências*. São Paulo: Gente.
- EBOLI, M(2004). *Mitos e Verdades nas Universidades Corporativas*. São Paulo: Atlas.
- GOECKS, R (1997). *Educação de Adultos - Uma Abordagem Andragógica*. Memórias de la Conferencia Mundial de Educacion de Adultos. Bogotá 2003-2004. São Paulo: UNESCO.
- GOLDMANN, L (1967). *Dialética e Cultura Paz e Terra*, Rio de Janeiro.
- HABERMAS, G (1981). *A Reconstrução do Materialismo Histórico*. Madri: Taurus.
- HABERMAS, G (2002). *O discurso filosófico da modernidade*. São Paulo: Martins Fontes.
- HAMEL, G; PRAHALAD, CK (1995). *Competindo para o Futuro*. Rio de Janeiro: Campus.

- HELOANI, R (2003). *Gestão e Organização no Capitalismo Globalizado* São Paulo: Atlas S.A.
- HELOANI, R e PIOLLI, E (2005). *A falácia da qualificação* - Revista da USP no 64 Dez/Fev.
- KAPLAN, R e NORTON, D (1997). *A Estratégia em Ação*. Rio de Janeiro: Campus.
- KOLYNIK, H, (2004). *Corporeidade e Dramaturgia do Cotidiano*. São Paulo: Educ.
- LANE T M S (1995). In LANE T M S e Sawaia B B. *Novas veredas em Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense.
- LANE T M S (2002). In: FURTADO, O e REY L. G. F: *Por uma epistemologia da subjetividade: um debate entre teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- LANE T M S, Codo Wanderley Organizadores (1993). *Psicologia Social: O Homem em Movimento*. São Paulo: Brasiliense.
- LEÃO B I (1999). *Os Professores Universitários: A emoção e o pensamento em um trabalho intelectual institucionalizado*. [Tese de doutorado em Psicologia Social PUC/SP].
- LEONTIEV, A (2004). *O desenvolvimento do Psiquismo*. São Paulo: Centauro.
- LUNA, S (1999). *Planejamento de Pesquisa*. São Paulo: EDUC.
- MARX, K (1998). *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes.
- MEISTER, J (1996). *Educação Corporativa*. São Paulo: Makron Books.
- RUAS, R ANTONELLO, C, L H (2005). *Aprendizagem Organizacional e Competências: Gestão por Competência, Uma Contribuição às Estratégias das Organizações*. São Paulo: Bookman.
- SCHERER, A E, MORALES, G e LECLERQ H (2003). *Palavras de intervalo no decorrer da vida ou por uma política imaginária da identidade e da linguagem*. In: Coraci M J Identidade e Discurso. Campinas: UNICAMP.
- TAPARAPANOF, K (2001). *Inteligência Organizacional e Competitiva*. Brasília: UNB.
- VIGOTSKI L S (2004). *Psicologia Pedagógica*. São Paulo: Martins Fontes.

VIGOTSKI L S (2004). *Teoria e Método em Vigotski*. São Paulo: Martins Fontes.

VIGOTSKI L S(2003). *A Formação Social da Mente*: São Paulo: Martins Fontes.

Sites Mencionados :

www.senai.org.br

webinsideruol.com.br/vernoticiaph

ANEXOS

Pesquisa de Identidade

História de Vida: Janaína

P. Quem é Janaína?

O que é a Janaína? Uma criança muito pobre e sonhadora. Muito coerente. Sonhava muito e era muito coerente, pois sabia que muitos dos seus sonhos não iriam se realizar, mas nem por isto parava de sonhar. Cantava muito. O dia inteirinho. O tempo inteirinho. Acho que quando me deram o tapa na bunda quando nasci não chorei: cantei. Não consigo lembrar de mim que não seja cantando. Minha mãe dizia para eu cantar músicas mais agitadas, pois eu trabalhava ao ritmo da música. Tinha meu lado musical. Eu sempre cantei. Cantava no coro da igreja. Ela participava de coisas de música com canto coral. Me lembro de mim sempre cantando. Hoje tenho músicas gravadas. É um lado recente. Se alguém me dissesse que um dia eu ia compor músicas não acreditaria. Pessoas que são entendidas e não só meus amigos dizem que a minha música é boa. Mas não é comercial, não vende. Faço letra e música. Então o que mais posso te dizer? Uma infância pobre, simples...

P. Quando saiu desta cidade?

Saí da minha cidade aos dez anos. Tivemos que sair por causa de rixas homéricas de cidadezinha pequena em época de eleição, que vem polícia militar para garantir as eleições, e meu pai deveria ter sido partidário de algum político e se metido em política do lado errado e nós tivemos que sair da cidade. Nunca havia saído desta cidade até os dez anos. Depois fomos para uma outra cidade, Jandaia que ficava há 100Km de lá e depois para a fazenda onde meu pai foi contratado como contador. São Pedro do Ivaí era meu útero. Era ali que tinha meus tios, avós. Eu sentia falta daquele lugar. Eu cantava na igreja. Era conhecida como a menina que cantava. Na escola quando alguém tinha que fazer um discurso eu era escolhida. Tinha um bom tom de voz e falava olhando para as pessoas. São características que não são muito naturais numa criança criada naquele ambiente. Havia uma energia interior muito em mim, né? Que felizmente era uma energia produtiva que fez as coisas acontecerem assim. Fomos para uma fazenda.

P. Seu pai ainda vive?

R. Não. Ele morreu cinco anos antes da minha mãe em 1995.

P. E como era ele?

R. Era uma pessoa muito fechada. Ausente. Com enorme dificuldade de mostrar emoções. Uma ocasião eu fiquei sabendo que ele tocava bandolim. Eu já era moça. Então perguntei: Porque nunca contou isto para a gente? E ele respondeu: “por que contar pra que? Meu pai era o “toco”.(Risos).

P. O que é isto?

R. Minha mãe dizia uma frase meio de brincadeira meio séria, que era: a gente precisa ter um marido em casa nem que seja um toco. Meu pai era o toco. Tudo em casa era resolvido pela minha mãe. Ele chegava, sentava, comia, saía e a gente mal notava a presença dele. Só quando brigava. Aí era o diabo.

P. E ele brigava muito com você?

R. Eu era respondona. Não aceitava imposições. No fundo acho que eu era como ele. Pois sabia que ele não era de levar desaforos para casa. Tanto é que tivemos que sair fugidos da cidade, de São Pedro de Ivaí. Foi muito traumático. Sair no meio da noite daquele jeito. Anos depois eu soube que saímos de noite, pois, havia um caminhão que tinha deixado uma carga na cidade e se usássemos para a mudança seria mais barato. E o motorista resolveu sair de madrugada, pois, eles viajam de madrugada. Hoje eu sei isto. Mas naquela época foi um terror. Não gosto nem de lembrar. Tudo o que nós tínhamos de bom estava naquela cidade. Eu já te contei: nós fomos para Jandaia que era a cidade vizinha. Foi muito ruim porque meu pai estava sem trabalho. Quando o dinheiro que tinha guardado acabou a gente passava fome. Até que ele arrumou o emprego na fazenda. Quem arrumou o emprego na fazenda foi um senhor que era o dono do cartório de São Pedro do Ivaí e que ele apoiava nas eleições. Quando ele foi a Jandaia falar com meu pai minha mãe pediu para ele que registrasse a todos nós. Pois até aquela data, sete crianças não haviam sido registradas.

P. E por quê?

R. Por que este era o jeito do meu pai. Era difícil? Então deixa para lá. E a cada ano nascendo um filho e ele deixando sempre para depois. Um horror. E só fomos registrados porque minha mãe pediu!

P. E como era a vida na Fazenda?

R. Tinha a parte boa. O riacho que a gente tomava banho, as meninas da colônia. Nós pescávamos lambari fazendo armadilhas para os peixes. E fugíamos do bode que ficava num barranco por onde a gente passava. Mas eu achava que nunca mais ia sair de lá. E isto me angustiava, pois eu queria voltar para a cidade útero. Onde estava tudo que era importante para mim. E eu sonhava, embora sabendo que os meus sonhos não iriam se realizar. Eu ficava sentada na porteira de onde via a estrada e os carros passavam e iam embora na curva e pensava: será que algum dia vou poder ir embora como eles? E sonhava com este dia, mas achava que nunca ia chegar. E foi nesta época que eu comecei a sonhar que um dia ia aprender francês. Nem sei por que. A minha família não tinha nenhuma influencia francesa.

P. E você se lembra de alguma passagem, algo do seu pai com você?

R. (pensando longe) Eu me lembro uma vez que minha mãe me bateu com uma vara de pesca, daquelas que são moles na ponta. Estava uma confusão geral, uma brigaiada entre os irmãos e ela pegou a vara e foi para cima daquele amontoado de filhos se batendo. E a vara passou por cima da minha cabeça e bateu logo abaixo dos olhos e me machucou. Então quando meu pai chegou e me viu com a cara inchada ele perguntou: o que aconteceu? E quando eu disse que foi a minha mãe que tinha me batido, ele foi falar com ela, e perguntou? Por que bateu na menina deste jeito? Você quase furou o olho dela! E eu tenho esta lembrança como uma das poucas manifestações de carinho vindas do meu pai. Me lembro, uma outra vez que eu tinha participado num concurso de redação na cidade. Nós já tínhamos vindo de volta para São Pedro de Ivai. Eu estava no ginásio. E eu ganhei o primeiro prêmio e a redação foi publicada no jornal da cidade.

Cidade pequena não tem muito assunto. Então publicaram o resultado do concurso e a redação. Aí ele chegou em casa com o jornal, colocou em cima da mesa e falou: eu não acreditava que você conseguisse. Mas não foi num tom agressivo, foi num tom tímido, quase um sussurro. E eu na hora fiquei triste, pois queria que ele tivesse me dado os parabéns. Mas hoje eu entendo isto como o maior gesto de carinho de que ele foi capaz! Tudo o que nós queríamos nós falávamos com minha mãe. Ele não contava.

Quando voltamos para São Pedro do Ivaí, eu dizia a minha mãe. Mãe eu não quero ficar aqui. Quero ir para uma cidade maior. Quero trabalhar. Quero estudar e aqui não tenho futuro. Se ficar aqui vou casar, ter um monte de filhos, ou virar bancária ou professora, o que não é ruim mais eu quero mais do que isto. Quero sair, mas quero ir com o seu consentimento. Naquela altura uma menina de 16, 17 anos sair de casa assim era uma coisa muito complicada. Eu dizia: quero ir para uma outra cidade, fico na casa da minha tia, faço algum trabalho. Fui fiquei na casa de uma tia. Mas ela era muito pobre. Tinha 16 anos. Foi muito duro, pois não tinha nenhuma estrutura. Tinha que trabalhar senão não sobrevivia. Trabalhei na rádio como radialista, fazia novelas com 16 anos.

P. E como era a sua vida com seus irmãos?

R. Quando pequenos, muita briga. Mas éramos unidos. Quando pequenos fazíamos tudo juntos. Os maiores ajudavam a cuidar dos pequenos e como eu era a segunda cuidei muito dos meus irmãos. Mas não havia nenhum que fosse mais chegado a mim. E depois eu saí cedo de casa. A convivência com eles foi até os quinze anos. Depois só no Natal. Quando minha mãe era viva eu ia para casa todos os natais. Depois que ela morreu eu não fui mais.

P. Que cidade que era?

R. Era em Londrina, e foi lá que conheci o que hoje é meu marido. Aos dezessete anos. A gente namorou lá uns tempos e depois eu vim para São Paulo. Fiquei morando num pensionato que ficava perto da família dele. Ele me influenciou para vir a São Paulo. São Paulo tem um mercado de trabalho maior que de qualquer outra cidade do interior.

Ele não veio porque já tinha uma fábrica em Londrina de estruturas metálicas. Vim, trabalhei em algumas empresas depois a gente se casou. E aí voltamos a morar em Londrina.

P. Quando decidiu ir para Londrina trabalhar e estudar conversou com seu pai, pediu autorização?

R. De jeito algum. Ele era o “toco” ele não contava. Conversei tudo com a minha mãe.

P. E como era o relacionamento dele com sua mãe?

R. Eu acho que não devia ser bom. Ela casou conheceu meu pai um pouco antes do casamento e casou porque meu avô mandou casar. Naquele tempo, naquela roça, era assim. E ela aceitava tudo. Muitas vezes a gente perguntava por que ela não enfrentava a ele. E ela falava a brincadeira do “toco” mas depois dizia: eu tenho que ter respeito pelo seu pai. Afinal ele é meu marido. Ela era muito religiosa e para ela o casamento era para sempre. Nem passava pela cabeça dela se separar. Então ela continuava com ele.

P. E, você achava que ela amava a ele?

R. É difícil dizer, pois, ela nem comentava qualquer coisa conosco. Mesmo com as mais velhas. Eu sou a segunda filha e ela só dizia que ele era o marido e ela não ia discutir com ele. Você sabe que nem no meu casamento ele não foi!

P. Teu marido foi pedir a tua mão para ele?

R. Foi, nós ficamos noivos, sem festa e nada, mas em casa. Ele foi e fez o pedido direitinho. Mas quando fomos em casa para levar os convites para todos da cidade, ele disse que não ia ao meu casamento. Aliás, foi minha mãe que falou: você já contou para ela que não vai ao casamento? E ele fez uma cara estranha e disse “ainda não. Mas eu

não vou ao seu casamento”. Nós nos casamos em Londrina. Quem me levou até o altar foi o padrinho de casamento.

P. E por quê?

R. De maluquice dele. Quando fomos levar os convites e mostramos para ele e eu queria combinar tudo com ele e com minha mãe, minha mãe falou: conta para ela que você não vai ao casamento dela? Eu pulei da cadeira e falei: mas por quê? O que eu fiz para o senhor? E ele respondeu: você não fez nada, mas, eu não vou. Não tenho roupas e a família dele, apontando para o meu marido, são ricos. E eu falei. Mas não tem importância, vai como quiser! E ele respondeu: Não quero! Então eu disse: por que não me deixa ajudar a resolver isto, eu quero que o senhor vá ao meu casamento. E ele disse: não vou e saiu da sala. Eu que já estava chorando desabei! Aí minha mãe falou: não adianta, eu já fiz de tudo e ele disse que não vai. Quando minha irmã casou em São Pedro ele foi e levou ela até o altar. Tremia que dava para ver, coitadinho. Acho que de emoção. No dia eu entendi, mas fiquei muito triste pela ausência dele.

P. E hoje, qual a sua relação com a religião?

R. Minha mãe era muito religiosa. Nós tínhamos que ir à missa e eu em especial cantava no coro da igreja com a minha mãe. Ia também às rezas, onde se rezava o terço e cantava. Todos os dias. Minha mãe nem permitia que algum filho agisse de forma diferente. E minha mãe ensinava a gente pelo exemplo. Ela não mandava fazer e fazia diferente. A gente percebia a presença de Deus muito forte para ela. E ficava para a gente também. Minha mãe era muito religiosa. Nós tínhamos que ir à missa e, eu em especial, cantava no coro da igreja com a minha mãe. Ia também às rezas, onde se rezava o terço e cantava. Todos os dias. Minha mãe nem permitia que algum filho agisse de forma diferente. E minha mãe ensinava a gente pelo exemplo. Ela mandava fazer e a gente fazia. A gente percebia a presença de Deus muito forte para ela. E ficava para a gente também. Ela ensinava pelo exemplo. E dizia: Deus escreve certo por linhas tortas. Não demonstrava muito o carinho que sentia pela gente. Mas a gente sabia o

quanto ela amava a todos. E todos olhávamos o que ela fazia para saber o que era certo e o que era errado.

P. E hoje, como é a sua relação com a religião?

R. Eu acredito numa força superior que rege as coisas na terra. Gostava de imaginar que nós aqui na terra éramos a imaginação desta força superior. E aí imaginava ela pensando na gente e definindo os nossos destinos. Acredito em algo maior que talvez seja Deus, mas não sei dizer se é Deus.

P. E quando estava em Londrina e depois em São Paulo e passou momentos difíceis, foi a alguma igreja rezar pedir?

R. Talvez eu até tenha ido, mas não lembro de nenhuma em especial. Lembro sim de algumas vezes eu deitada no escuro ou andando na rua e pensando o que seria de mim, se eu deveria voltar para Londrina, o que eu deveria fazer. E imaginando esta força superior brincando comigo como se fosse uma marionete.

P. E o que a sua mãe pensava disto?

R. Algumas vezes ela me perguntava se eu estava indo à igreja e eu dizia que sim, algumas vezes, o que era verdade. Mas depois que você sai de casa estas coisas vão ficando menores. É como as grandes preocupações da sua mãe com você vão ficando de ordem mais prática: tem emprego, está comendo, onde mora, está conseguindo estudar. E se fala menos das questões da religião e das crenças. Ela sempre deu para a gente uma base moral muito sólida. De valores de respeito ao próximo, às leis, a responsabilidade, aos compromissos. E eu acho que uma parte disto veio da educação religiosa. Quando eu saí de casa, em especial quando fui para São Paulo e convivia com gente de todo tipo até com prostitutas, ninguém precisava me dizer para não ficar na rua até tarde, para não me deixar levar por cantadas que tinha muitas: no trabalho, na rua e até na escola. Eu sabia por mim mesma que isto está relacionado com a educação que eu recebi.

P. E sua mãe te dizia o tipo de moça que deveria ser?

R. O tempo todo. Falava que eu estava sozinha e que se não me cuidasse ficava falada seria péssimo. Não pelos outros mais por mim mesma. E dizia que se eu ficasse grávida jamais meu pai me aceitaria em casa. Naquela época as mães falavam muito isto para as filhas. E era verdade. As poucas moças que eu conheci que engravidaram foram uma verdadeira tragédia. Mesmo aquelas que se casaram passaram o diabo com a família dos maridos. Eram desrespeitadas como se não merecessem que eles tivessem se casado com elas. Um horror. Então eu sabia que não podia vacilar. Depois Londrina não era muito diferente de tudo isto. A família do meu marido me olhava torto porque eu era sozinha. Mas eu demorei muito para ter intimidade com ele. Eu não casei virgem, mas foi muito perto do casamento.

P. E o seu marido foi o homem da sua vida?

R. Foi (sem nenhuma dúvida na voz). Foi. A gente se conheceu muito jovem e tivemos muitos problemas tanto é que eu me separei. Mas a minha bronca era porque ele tinha me traído. Então quando comecei a trabalhar nesta empresa que trabalho até hoje e comecei a viajar a chegar tarde em casa, a falar os nomes do meu chefe e do pessoal do trabalho, algumas vezes quando eu ia viajar ele me perguntava: Você esta me perguntando se eu deixo você ir viajar, não esta? E eu respondia, não eu estou te comunicando. Nós casamos muito jovens. Tivemos muitos problemas, tanto é que me separei. Mas ele foi o homem da minha vida. Eu acho que naquele tempo os homens que gostavam de uma moça até o ponto de casar com elas, queriam que elas fossem virgens. Então ele mesmo não queria ter muita intimidade comigo, pois, gostava muito de mim e desde o começo dizia que queria casar comigo. Isto era uma forma de respeito. E os homens tinham muita dificuldade de aceitar uma mulher que não fosse virgem. Se gostava, ajudava a preservar a virgindade até bem pertinho do casamento. Pois aí já estava se sentindo meio casado, faltava apenas os papéis e a igreja e acho que eles pensavam: agora pode. Eu já me sinto casada e te sinto como minha esposa. E a gente inaugurava a própria cama quando estava arrumando o apartamento quase às vésperas do casamento. (Risos).

P. Conte um pouco da chegada a São Paulo.

R. A chegada a São Paulo foi uma coisa... é... muito impressionante para mim. Eu me lembro que teve um momento na minha cabeça... Cada vez que a gente se movimentava de um bairro para o outro era uma viagem. Para mim a cidade era enorme. Não estava acostumada a estas distâncias dentro de uma cidade. Saía do pensionato e ia visitar os tios do meu namorado no Jabaquara, depois em Osasco. Chegou um momento que eu tinha uma sensação assim meio...sabe a pessoa quando está desconectada...desenraizada? Eu estava circulando muito para quem vinha do Paraná. E teve uma hora que eu tive a nítida impressão e foi uma sensação muito desconfortável que eu não tinha referência. Que estava muito pra e pra cá. E eu falei para o meu namorado: sabe o que passou pela minha cabeça...me sentia meio sem norte, sem rumo, transitando pra lá e pra cá. Falei para meu namorado: está tudo tão mudado na minha vida que eu me sinto perdida, e ele deu risada.

Eu morava num pensionato e tinha as moças que trabalhavam e batalhavam muito como eu. Contávamos as nossas histórias. Eu falava que nossa vida dava um filme. Todas chegando na rodoviária de São Paulo e cada uma contando a sua história... Tinham as que trabalhavam de dia e as que trabalhavam de noite. Foram pessoas maravilhosas e quando eu não tinha absolutamente nada muitas vezes eram elas que vieram me socorrer.

P. Trabalhavam de noite?

R. Eram prostitutas. Era muito engraçado, porque a gente chegava no pensionato e estava lá: ambiente familiar. O pensionato geralmente dirigido por portugueses e suas famílias diziam: ambiente estritamente familiar. E era. Tinha lá o marido, a mulher e os filhos geralmente portugueses que administravam aquilo. Os quartos eram geralmente

para duas pessoas ou até três pessoas, e eles procuravam colocar pessoas com os mesmos interesses. Eu nunca tive nenhuma restrição, problemas. Sempre fui muito respeitada pelas meninas. Sempre as tratei muito bem e elas a mim. Mas tinham prostitutas. Eram ótimas. Me respeitavam e eu a elas. Sabiam que não era disso, tinha meu namoradinho que vinha no fim de semana e a gente curtia o final de semana juntos. Quando meu namorado não vinha eu ficava sozinha. Cheguei em São Paulo no mês de julho. Era um frio que não havia no Paraná. O frio do Paraná era muito diferente. Fazia frio de manhã, mas depois sai o sol e fazia calor. Diziam que aqui era a terra da garoa. Era um frio daqueles. Cheguei no mês de julho e aquilo foi um baque para mim. Comecei a fazer aulas de francês em várias escolas particulares. Eu me lembro inclusive que eu fiz 5 meses em uma 5 meses, em outra. Depois aconteceu que me casei e voltei para o Paraná e parei de ter aula e fui uma das primeiras alunas da Aliança Francesa de Londrina. O professor fez um teste e me perguntou quantos anos de curso você fez? Alguns meses. Era uma coisa qualquer que existia dentro de mim de querer aprender francês. Casei. Fiquei morando em Londrina. Morava no parque Alvorada a região ficava pertinho da televisão.

P. E quando estava em Londrina e São Paulo e passou momentos difíceis, foi a alguma igreja rezar, pedir?

R. Talvez eu até tenha ido, mas não lembro de nenhuma vez em especial. Lembro sim de algumas vezes eu deitada no escuro ou andando na rua e pensando o que seria de mim, o que eu deveria fazer. E imaginando esta força superior brincando comigo como se eu fosse uma marionete. Eu acredito numa força superior que rege as coisas na terra. Gostava de imaginar que nós aqui na terra éramos a imaginação desta força superior. E aí imaginava ela pensando na gente e definindo os nossos destinos. Acredito em algo maior que talvez seja Deus, mas não sei dizer se é Deus.

P. Você trabalhava depois que casou?

R. Não nesta altura não, fiquei sem trabalhar. Quando eu me casei, meu marido tinha duas filhas que moravam com ele, era pai solteiro. E aí a idéia era que eu ia cuidar das duas crianças, e depois de dois anos tive a minha filha. Depois de 2 anos de casada tinha 3 filhas. Não trabalhava, mas, fui fazer o curso na Aliança Francesa. A gente morou em Londrina algum tempo. Quando minha filha pequena a minha menor estava com 5 anos, o mercado estava muito ruim em Londrina, meu marido estava terminando uma faculdade de matemática, depois de alguns anos concluiu que não dava mais para ficar lá porque o mercado estava muito difícil. A vida em Londrina estava muito difícil. Ele achava que deveríamos vir para São Paulo. Meu marido fazia matemática. Queria vir para São Paulo, não propriamente São Paulo, mas um lugar que pudesse fazer engenharia que já tinha feito uma época na Poli numa época. Nestas alturas eu trabalhava com ele. Fomos para Mogi das Cruzes e moramos lá alguns anos. Ele terminou a faculdade dele e a gente veio para São Paulo porque vimos um anúncio procura-se secretária com conhecimentos de francês. Foi meu marido que viu o anúncio procura-se secretária com conhecimentos de francês. Vimos o anúncio no final de semana. Mas eu vi que tinha que saber datilografia em máquina elétrica e eu era ótima datilógrafa, mas, em máquina manual. Mas eu não podia ir segunda, pois precisava comprar um vestido e treinar numa máquina elétrica. Eu falei: você tem que arrumar algum lugar que tenha uma máquina elétrica, pois eu não posso fazer o teste sem saber ligar a máquina. Era ótima datilógrafa, mas não sabia nada de máquina elétrica. Eu me lembro que o dia da entrevista era segunda feira. Mas vimos o anúncio no final de semana. Eu me lembro que o dia da entrevista era segunda feira mais eu precisava comprar um vestido e treinar na máquina. Comprei um vestido verde muito bonitinho e fui treinar na máquina. Fui na terça quando todas as candidatas já tinham sido entrevistadas. Aí provavelmente a pessoa que eu conheço hoje deve ter dito: vamos entrevistar, que diferença faz uma pessoa a mais ou uma a menos. Conhecendo a pessoa que conheço hoje, sei porque concordou em me entrevistar mesmo um dia depois da data marcada. Meu chefe me causou duas impressões muito engraçadas: falava rápido demais e ele me pareceu muito alto. E ele na verdade não é. Mas me pareceu muito alto. Hoje olhando para trás acho muito engraçado. E me lembro da história que ele contou. Em um ano da empresa, e tinha uma lista de clientes que estava no número: 559. Eu me lembro então que fiz a entrevista com ele. Expliquei meu interesse pela empresa e da

minha vontade de crescer, evoluir. Então eu falei da vontade que tinha de aprender e crescer e da minha disposição de trabalhar. Se precisasse viajar viajava. Faria o que fosse preciso. Voltei para Mogi das Cruzes. Pensei: provavelmente eu não consigo nada desta vez, pois é a primeira vez que estou saindo para procurar trabalho, é provável que eu não consiga nada desta vez. Mas eu vou aprender o caminho das pedras. Saberia como era um teste. Me deram um texto manuscrito para digitar na tal máquina elétrica, tinha que digitar um texto em francês, manuscrito, na máquina elétrica.

P. E como foi?

R. Falei que não tinha experiência com máquina elétrica, que ia fazer com base na experiência que tinha como datilógrafa em máquina manual. Minha habilidade é tal que em uma semana estou dando de mil em qualquer pessoa. E voltei com este estado de espírito. Provavelmente não será desta vez. Queria ter ido a outros anúncios mais não deu tempo. Marquei este dia no calendário: vim aqui para passar por esta entrevista no dia 13 de dezembro de 1977. Treze dias depois estava trabalhando. Não me lembro quanto tempo levou. Mas deve ter passado uma semana. Uma semana depois da entrevista minha cunhada me apreze lá em casa oito horas da noite falando: vamos embora para São Paulo porque você tem que fazer uma entrevista na empresa que deu o meu telefone. Eu não tinha telefone nem para deixar na empresa, e nem para ela me ligar. Então ela catou as crianças tomou um ônibus, e foi para lá, e foi me avisar. Pegamos o carro e voltamos para São Paulo. Fiz uma nova entrevista. Eles me perguntaram: como você pode vir para São Paulo todos os dias? Respondi: de ônibus. E quando estiver tudo certo mudamos para São Paulo. Então fiquei na casa da minha cunhada, nem voltei para Mogi. Dois dias depois comecei a trabalhar: 26 de dezembro. Eles me perguntaram se poderia trabalhar neste dia e disse que sim. Que eu quero passar este período de Natal e ano novo trabalhando.

P. E o que fez com as suas filhas?

R. Nesta altura a menor já estava com 5 anos e eu então tinha uma empregada que ficava lá em casa com as três. As filhas já estavam com 15, 13 e cinco anos para seis

anos e iam para a escola, mas, eu tinha uma empregada. Quando viemos para cá quando fechou o negócio, fui morar muito perto. Eu ia e vinha a pé todos os dias. Meia hora de caminhada de manhã e meia hora à tarde. Ficava magrinha, magrinha e comia como um leão. Andar é muito bom. Eu fiquei trabalhando na empresa. Eu era secretária do presidente, eu era secretária do diretor de vendas e era secretária da equipe de vendas. Não tinha um minuto de sossego. Foi até muito engraçado. O gerente de vendas que tinha sido contratado alguns dias depois de mim. Fiquei secretariando a todos por quase um ano e meio, dois anos. Só depois foi contratada uma outra secretária. E aí as coisas foram acontecendo. Meu registro esta marcado, dia dois de janeiro de 1977. Em maio fiz a minha viagem para França.

P. E como foi?

R. Em abril, fazia praticamente dois anos que eu estava na empresa, levei um grande susto. Fui internada quase de emergência num quadro de emergência cardíaca. Comecei a ter problema de pressão violento de cair muito, de dar taquicardia. Fui levada para o pronto socorro em situação de emergência e lá internada em UTI. As crianças estavam sozinhas, meu marido em Curitiba. Eu não queria ficar internada por causa disto. Mas me disseram: se for embora terá que assinar um termo isentando o hospital de responsabilidade, porque quem está com arritmia pode ter algo grave. E vão falar que você morreu por falta de atendimento. O coração pára e você pode morrer. Fiquei lá por seis dias.

P. Porque te deu isto?

R. O cardiologista dizia que aquilo só dava quando alguém vivia um grande susto. Eu falei: para mim foi um monte de coisinhas que me magoaram profundamente, me chocaram profundamente e contra as das quais não podia fazer nada. E eu fui me estruturando quanto podia para agüentar aquilo do jeito que fosse possível. Diversos problemas pequenos. Coisas contra as quais não podia lutar. E não um grande susto. Eu

até falei com o médico: estou num ótimo momento da minha vida. Ganho meu dinheiro. Posso ajudar minha família. A gente esta resolvendo uma série de problemas, minha mãe esta feliz sabendo que eu estava numa empresa falando francês. Eu tive muitas tristezas, coisas que me magoaram profundamente mesmo. Tanto enquanto criança, adolescente, jovem, casamento. Foram coisas que se passaram e que a gente tem que agüentar porque a vida não é só da gente. Tive muitas tristezas, coisas que me magoaram profundamente em criança, jovem, adolescente e nunca me coloquei em primeiro lugar. E eu não podia voltar para a casa e dizer a minha mãe que comeu o pão que o diabo amassou por você, e dizer que voltei para casa com meus filhos e agora ela teria que cuidar de todos nós.

P. E o que o seu marido aprontou?

R. Eu acho que você tem o direito de fazer da sua vida o que quiser. Mas não de envolver os outros. Eu não desculpo falta de respeito comigo e com as crianças. As crianças foram desrespeitadas e a minha casa foi desrespeitada. E é um negócio muito chato e eu só não voltei para casa da minha mãe, eu só não corri para a casa da minha mãe porque pensei: não sou sozinha, tenho as crianças, como minha mãe vai sustentar a todos. O que eu faço com estas crianças? E as duas que já deveriam ter vivido problemas com a pessoa com quem o pai viveu. Eu não teria coragem de deixar as meninas que não são minhas filhas. Eu não teria coragem de falar fique com as suas filhas que eu vou embora com a minha. Ao mesmo tempo, tinha outro lado, se eu me separasse não ia querer mais ver a cara desta pessoa, e como não quero ver a casa da pessoa com uma filha de dois anos? E como posso separar minha filha do pai. Não é justo para ela. Ela não vai me perdoar e ela precisa do pai. E a gente veio para cá por causa disto e isto machucou muito.

P. E quando aconteceu isto?

R. Antes da gente vir para cá. E não era só isto. Você há de convir que numa família de gente muito pobre, pode imaginar o que é ser filha de uma família de nove filhos, onde

somente a mãe se esmirilhava para sustentar nove filhos. Minha mãe era uma heroína. (Lágrimas). Era uma heroína...(muitas lágrimas).

P. Você me disse que sua mãe trabalhou sozinha para criar nove filhos, mas sei pai viveu bastante. O que aconteceu?

R. A mesma coisa que aconteceu comigo e com tantas outras mulheres. Minha mãe era professora primária e sempre tinha emprego. Teve só uma época que ela ficou sem emprego, que foi quando saímos às pressas e fomos para Jandaia e depois para a fazenda. Até na fazenda ela logo organizou as crianças da colônia, primeiro para o catecismo e depois para as aulas e o dono da fazenda autorizou que ela desce aulas e pagava para ela. E nós estudávamos com ela. E ela foi professora até se aposentar. O meu pai estava sempre no mundo da lua. Trabalhava em política. Chegou até a trabalhar na prefeitura. Mas também ficou muitas vezes desempregado e aí era o salário da minha mãe que botava a comida na mesa. Ela era uma heroína. Cuidava da casa, dava aulas no grupo escolar e ainda fazia outras coisas para ganhar dinheiro. Era prendada. Cantava na igreja. Era muito religiosa. Quando eu era pequena tinha que ir à missa com ela todos os domingos. Aliás, todos os filhos. Além disto, ela levava a gente na reza. Era oração do terço, quase todos os dias. Ninguém podia nem questionar. E eu ia porque eu gostava de cantar com a minha mãe, de ficar com ela. Mais de cantar na Igreja que de rezar e a gente cantava. Quando saí de casa e fui para Londrina, raramente fui à missa. (lágrimas)

P. Quer parar um pouco?

R. Não. Era uma coisa engraçada, porque ela nunca teve muito tempo de exteriorizar um carinho maior. Também trabalhando para sustentar nove filhos. Mas o exemplo dela, ela tinha uma coisa que ela falava que era Deus escreve certo por linhas tortas. E eu nunca contei para ela na época. Ela só soube disto que eu tinha vivido um problema

com relação ao meu marido, quando numa certa época resolvi me separar e ir embora para França.

P. Mais vamos voltar ao hospital. Você passou mal e eles te levaram para o hospital.Quanto tempo ficou lá?

R. Fiquei seis dias. No penúltimo dia fui levada para fazer um ecocardiograma e foi neste ecocardiograma que foi constatado que eu tinha um prolápsio de mitral que era uma coisa tranqüila, mas associado com arritmia, com arritmia era um problema e eles não sabiam porque eu tinha a arritmia.Eu achava que os médicos estavam escondendo coisas de mim. Porque uma sensação tão ruim como aquela deveria ser algo ruim. Um negócio que estão falando que não é nada como pode me deixar tão mal. Então foi difícil o médico me convencer que o que eu tinha não era grave.

P. Como foi esta época?

R. Fiquei 15 dias de licença. Meu chefe veio me visitar no hospital. Ele e a moça que trabalhava comigo. Fiquei grata, por esta deferência porque sabia das coisas dele, dos compromissos dele, dos horários dele, pois sabia que era alguém muito ocupado. A esposa me mandava livros que eu não conseguia ler. Uma sensação horrorosa. Lia uma frase e esquecia o que tinha lido. Saindo da minha linha de visão não me lembrava. Uma coisa horrorosa. Fiquei 15 dias de licença em casa e depois de 15 dias voltei a trabalhar como alguém que estava com uma limitação física e aos poucos foi passando. Estava nesta altura programando a minha viagem para a França. Todos achavam que eu não ia mais. Eu disse: agora é que eu vou mesmo. Tinha uma colega muito amiga e então falei: eu vou para a França você quer ir também? E ela disse: eu quero. E ela não falava nada de francês. Então meu chefe perguntou: Mas como vocês vão? A passagem nós compramos à prestação e compramos US\$ 1000 dólares cada uma. Então ele emprestou mais 1000 dólares, arrumou um amigo que tinha um apartamento vazio e foi onde ficamos. E eu tenho contato com ele até hoje. Fizemos a viagem e foi maravilhoso. A gente não se dava conta que não precisava escurecer para dormir. Ficávamos acordadas até tarde. Ficamos 15 dias em Paris, e depois alguns dias em Portugal. Lá em Paris ele

se encontrou com a gente, meu chefe, a esposa e a filha que tinha dois anos. E ele foi realmente maravilhoso. Ele estava fazendo um negócio como alguém que estava tendo prazer em mostrar algo a uma pessoa que esperou muito tempo por aquilo. Tinha o prazer de mostrar para nós. Tenho fotos da casa de fados onde nos levou. Estava enorme de gorda porque me deram muita cortisona para o coração. Isto foi em 80 e em 83 fui de novo e aí em outras circunstâncias. Já tinha meus amigos. Nunca mais me desvinculei das pessoas que foram gentis comigo. Sempre mantive em contato com as pessoas que conheci e me ajudaram.

P. E foi nesta ocasião que sua mãe acabou sabendo que você teve problemas com seu marido?

R. Não. Isto foi quando decidi morar na França. Quando tinha dez anos de casa falei para o meu chefe: e disse eu quero ir embora do Brasil. Quero ir para França. Quero que me ajude a arrumar alguma coisa lá. Pensei eu vou e quando estiver tudo arrumado venho buscar a minha filha. As meninas do meu marido já tinham saído de casa. Uma delas tem contato conosco até hoje. A outra o pai mostrou como era imatura. A outra é gente. Eu resolvi ir para lá, fui para lá com a idéia de arrumar as coisas e depois levar minha filha. Fiquei na casa de uma amiga para esperar até arrumar a autorização para poder ficar e trabalhar. Eu sabia que ia demorar. E eu fui com esta minha amiga consultar um vidente. Era tanta coisa que estava mudando na minha vida... E então ele falou: sua filha esta com sérios problemas. E eu acreditei porque ele falou uma série de coisas que eram verdades.

P. E o seu marido?

R. Já estávamos separados legalmente. Fiquei com medo que ele estivesse fazendo uma espécie de punição para a menina. Ele insistiu várias vezes para a gente retroceder e eu dizia: não tem a menor chance. Estamos separados legalmente até hoje. Mas eu voltei. Antes de voltar liguei para meu chefe e perguntei se o fato de eu voltar poderia criar

algum problema para ele, pois afinal ele havia arrumado tudo. E ele falou não. Pode voltar.

P. Quanto tempo ficou lá?

R. Fiquei na casa de uma amiga por três meses.

P. E como era sua vida lá?

R. Cheguei a trabalhar lá a ir todos os dias para o escritório, ajudava minha amiga com a casa e a cuidar do filho dela que era meu afilhado. Era uma vida como alguém que vivesse sempre lá. Eu me sentia bem. Fazendo alguma coisa que eu sempre quis. Mas quando soube da minha filha comecei a ficar muito angustiada. Então acabei voltando. Meu chefe falou quando eu fui que se não desse certo poderia voltar. E então ele falou pode voltar para cá. E o meu marido falou quando falei que ia voltar: não seja orgulhosa se não der certo pode voltar para casa. E eu voltei. Era lá que estavam todas as minhas coisas e era onde voltava para minha filha. Voltei então para meu marido. Na empresa já não podia mais voltar para meu antigo lugar. O que foi bom, pois estou há 28 anos na empresa e seria horrível ficar no mesmo lugar.

P. O trabalho que te deu maior liberdade financeira trouxe também maior liberdade afetiva?

R. Sim é claro que trouxe tanto é que eu me separei, pensei em dar uma guinada na minha vida, sair do Brasil, e fui. Mas eu gostava muito dele.

P. Nunca houve alguém nem antes nem depois dele, nem quando estava separada?

R. Houve namoradinhos de jovem antes dele e houve uma pessoa quando estava separada. Mas acho que era mais uma fuga. Quando voltei para o Brasil acabou tudo.

P. O que é para você o trabalho?

R. Tudo. O trabalho foi e representou tudo para mim. E falo do trabalho de modo geral. Este trabalho nas condições em que aconteceu foi tudo para mim.

P. Fala mais.

R. Foi tudo no aspecto de ter permitido me mostrar a minha capacidade, minha autoconfiança. Era autoconfiante como pessoa. Falava para uma professora: pobre se não for arrogante o que é? E ela ficou calada mais sei que pensou: ela tem razão. Se você não é nada e se rebaixar vão te fazer de capacho. Este meu jeito de falar com certa autoridade que parece autoritária mais é uma forma de defender minha opinião. Se você provar que estou errada eu aceito. E tem outro lado. Para meu marido e a família dele eu era a caipirinha do Paraná. Sempre agiam como se eu não estivesse à altura dele. Era uma bobagem. As pessoas não podem analisar uma pessoa desta forma. Era uma postura de pobreza de espírito, pois eu era uma pessoa que queria crescer e me desenvolver. Fazia as coisas acontecerem. Quando comecei a trabalhar foi diferente. Quando ficava sabendo que falavam de mim. Uma necessidade muito grande de me desvalorizar para fazer outras pessoas aparecerem. Havia também o problema com as meninas que era muito sério. Criança sabe que quando pode usar o pai contra mãe é fogo e neste caso era a família inteira. A família dele queria me fazer de capacho. Fui muito dura com as três meninas do mesmo jeitinho. Então este trabalho foi uma dádiva por todos estes fatores. E eu quando comecei a trabalhar, meu dinheiro era que nos sustentava. Meu marido ficou desempregado três meses. Eu não tenho dúvida do meu valor. Mas com isto ficou evidente. Ainda que eles queiram me desmerecer eu tenho valor. Eu falo francês, eu falo bem, eu sei defender minhas idéias e ficou evidente que tudo o que eles achavam que eu não tinha, eu tinha. E o trabalho permitiu que isto viesse à tona. E hoje eles me respeitam: eu já apareci na televisão, eu falo bem, eu expesso as minhas idéias eu tenho as minhas músicas, eu falo francês.

P. O que o trabalho te ensinou?

R. A ser detalhista, perfeccionista. Aquela história: faça bem feito da primeira vez. Não fazer de qualquer jeito, fazer certo da primeira vez. A empresa me ensinou que você tem caminhos a trilhar e que estes dependem de você. Quando havia qualquer situação que eu tinha que brigar pelo meu espaço, aprendi a fazer da maneira mais diplomática possível. Tive tratamentos diferenciados de pessoas que eu considerava muito próximas de mim, a partir do momento que não era mais secretária do presidente me tratavam diferente. E de pessoas inesperadas. E eu pensei: meu Deus, como pode um negócio deste. Que algumas pessoas eu posso até então. Mas para outras era um negócio impensável. Você não sabe quem esta sendo legal de gentil e porque. E isto faz parte da vida corporativa e penso da vida acadêmica, das comunidades religiosas, das favelas etc., que é avaliar a pessoa pelo cargo que ocupa. Ter um tratamento diferente de acordo com a sua posição. Aprendi que a vida tem vários caminhos e você tem que escolher aquele que te parece certo de uma forma coerente e correta. E se alguém me disser algo que não está correto vou responder na hora. Então tem isto. Tem o aprendizado de conhecer as pessoas. Havia uma pessoa que agia mal de uma forma muito crítica. E um dia foi mandado embora. Eu encontrei esta pessoa e perguntei: como vai, o que esta fazendo? Ele falou saí e montei meu negócio. E eu falei: que bom, e era sincero. Quando saiu e montou seu negócio pensei que ele não era feliz aqui e por isto agia daquela forma. Talvez agora mudasse o temperamento dele porque estava fazendo alguma coisa feliz.

P. Fale um pouco sobre seu trabalho.

R. Este ano eu completo há 28 anos de casa. Os dez primeiros anos que trabalhei aqui foram maravilhosos. Maravilhosos porque foram dez anos de aprendizado todos os dias. Eu aprendi demais. Eu tinha um mestre maravilhoso. Não só porque a gente esta sempre em processo de aprendizado, mas pela evolução da empresa que exigia que a gente estivesse se modificando e se adaptando ao que acontecia.

P. O que você aprendeu?

R. Tinha trabalhado em outras empresas que não eram do ramo de serviço ou eram familiares onde tudo se passava em slow motion. Aqui tive que apreender a me agitar senão não dava tempo. Eu considero isto um grande aprendizado. Porque? Porque o chefe era dinâmico, inovador, comercial e eu tinha que incorporar muito bem, a competência dele. Era um negócio muito bom de trabalhar. E a gente tinha uma sintonia muito grande. Durante este tempo descobri que ele tinha uma qualidade que eu admirava muito. Era a de pensar que todo mundo pode pleitear qualquer coisa. Uma postura diferente do que tinha visto até então. Tem muitos gestores que acham que eles podem pleitear qualquer coisa, mas os seus subordinados não. Mas com ele não. Provavelmente esta é a diferença de uma grande empresa e de uma empresa familiar.

P. Ele dava espaço para você colocar suas idéias?

R. Sim. Eu podia falar o que eu pensava.

P. Se lembra de alguma história?

R. Eu não estou visualizando nada muito concreto. Eu me lembro que já estávamos pensando em expandir a empresa pela América do Sul. Eu me lembro que li uma notícia pequena de que uma empresa com uma imagem muito boa, que eles estavam se implantando na Argentina. Então levei para ele e fiquei feliz de ver que ele pensava como eu: a notícia era importante. Ele chamou um diretor, e depois fizeram uma pesquisa no Chile, e eu saí do circuito. Então eu tinha esta abertura. Se eu tivesse alguma idéia podia trazer. Aliás, eu não conseguiria trabalhar com uma pessoa se não pudesse ter idéias.

P. Comparando com a menina que veio fazer entrevista e não sabia mexer na máquina elétrica o que diria que aprendeu?

R. Aprendi tudo porque a minha experiência em outras empresas era muito pequena e a experiência conta. Um dia vi a minha ficha de entrevista onde ele escreveu: precisamos investir nesta moça porque ela pode ser um ótimo elemento em termos de

relacionamento social. A minha expansão profissional foi assim: eu me dei conta que estava trabalhando numa multinacional que poderia mudar o curso do que se estava fazendo até então. Se fosse fazer uma alegoria para comparar posso dizer que cheguei um fusquinha e hoje sou um Rolls Royce sem nenhuma pretensão.

P. E como esta efervescência da empresa mexeu com tua vida pessoal?

R. Primeiro o fato de trabalhar aqui e estar a tanto tempo aconteceu uma mudança fantástica na sua vida: primeiro a minha independência financeira. Era complicado para a minha cabeça cada vez que precisa de alguma coisa depender de outra pessoa. Uma outra coisa muito importante foi obrigar as pessoas da minha família tinham que me olhar de outra forma. Eu não era nada do que eles pensavam. Eu era uma fera no meu trabalho. E isto foi muito gratificante em termos de família, relativos, mas também de marido, da minha filha. Ela cresceu com isto na cabeça: minha mãe é uma pessoa responsável, nunca se atrasa, ela cresceu com este exemplo. E esta abertura de espírito que eu já tinha com certeza de uma forma latente e que com este meio e este ambiente, viajava, falava francês, conhecia o mundo. Conhecia alguns estrangeiros. Dizem que eles são frios, mas comigo não era e diziam que fui eu que os conquistei. O meu crescimento em termos pessoais foi muito grande. Uma abertura em termos de espírito, de visão.

P. Você chegou a fazer faculdade?

R. Quando cheguei pensava em fazer jornalismo. Eu nunca comecei pelo trabalho daqui e mais pela minha filha. Saia daqui muitas vezes meia noite e tinha que tomar táxi porque não tinha mais condução. Era uma loucura. Quando alguém se queixa de excesso de trabalho eu digo: sempre foi assim. E era muito mais do que é agora. Ao menos em algumas áreas. Não fiz um curso acadêmico, mas fiz uma série de cursos voltados para marketing, comunicação e terminei meu curso de francês. Tenho o diploma da Aliança Francesa que tenho que colocar num quadro que é meu maior orgulho.

P. E como você se sentiu quando começou a falar francês de verdade?

R. Eu até já falava. Mas não tinha a prática. Quando não fala uma língua sem desenvoltura e tem que falar no telefone é uma droga.. Me lembro que os primeiros telefones que atendia da França me davam pânico. Vivi isto umas duas vezes. Mas tive que me controlar porque precisava fazer. E aí chegou aquele ponto que a gente sabe: no Brasil falando francês já era um grande mérito saber me comunicar claramente. Chegou um francês para trabalhar aqui e foi um grande professor porque não falava nada de português. E quando tentava falava espanhol. Comecei a falar francês com ele todo o tempo.

P. Você falou que num belo dia resolveu ir para França tentar a vida e resolveu voltar. Aí começa 2º período?

R. Na realidade eu me demiti e meu chefe falou que se alguma coisa não desse certo eu poderia voltar que a empresa tinha lugar para mim. Quando vi que sem estar bem particularmente, não teria energia para suportar um país estrangeiro. Voltei e fui trabalhar na área de comunicação. E aí foi o período que eu achei o mais difícil, o mais chato para mim. Antes trabalhava com uma fera e agora fui trabalhar com uma pessoa que não queria trabalhar. Durante muito tempo fui literalmente boicotada. Continuei a fazer o meu trabalho pela minha determinação. Trabalhava com uma maquininha Facit portátil. O boicote chegou a este ponto. Eu que comprei meu computador e trabalhei três anos com o meu próprio computador. Ele não queria fazer nada. Depois disto foi o período que minha filha sofreu um acidente, meu marido também não estava bem, e durou oito anos.

P. E como era o dia a dia com esta pessoa?

R. Era muito complicado. A pessoa não queria passar serviço para mim porque ele não queria fazer nada. Era uma maçã podre. Criava uma imagem errada para muita gente. Falava mal da empresa, dos gestores da empresa para agências, fornecedores, gente de

fora. Aquilo para mim era uma afronta. Para mim como pessoa, porque não era atitude de jeito nenhum, e para a empresa onde eu trabalhava há tantos anos.

P. Chegou a pensar em sair?

R. Cheguei. Mas não havia nada disponível. E a gente estava vivendo uma crise horrorosa. O mercado de trabalho nesta altura estava muito complicado. E eu não arrumei nada.

P. Chegou a falar sobre esta situação com alguém?

R. Sim. Com o presidente meu ex chefe. Eu imaginava que a pessoa estava tentando minar o meu terreno. Não adianta a gente ficar trabalhando para fazer a empresa ser conhecida como ela é, se tem uma pessoa influente em um determinado meio, diminuindo a empresa para os outros. Ele sabia que eu não era de futrica. No meu jantar de despedida ele já havia falado: se alguém tentou mandar recados para mim através dela esteja certo que eles nunca chegaram. Acho que ele acreditava, mas precisava desta pessoa. Mas acho que às vezes você pode até conhecer as deficiências de um profissional, mas ele te atende. Mas eu fiz questão de dizer porque sabia que precisava mostrar o outro lado da história. Ele disse que a minha palavra valia.

P. E por que esta pessoa falava mal da empresa lá para fora?

R. Ele falava e fala. É um negócio muito complicado de aceitar. Horrível ver que na frente é uma coisa e fala mal da empresa. O tempo todo eu não podia fazer nada. Mas eu não tenho nenhuma magoa. Vejo de uma forma neutra. Se tivesse que mentir não conseguiria.

P. E como terminou este período negro?

R. Foi quando houve uma reestruturação e esta área deixou de existir e passou a ser do departamento de assuntos corporativos. E aí nada de salário de reconhecimento. E eu tive que brigar muito para ter um certo reconhecimento. Decidi botar a boca no

trombone. Falei com o presidente. Porque se a área não é importante, Ok. E se for importante tem que haver o reconhecimento. E aí chegou um diretor e a área foi para assuntos corporativos. Aí fiz uma pesquisa de salários e peguei valores mínimos, médios e máximos e mostrei que não ganhava nem o mínimo.

P. E a que você atribui isto?

R. A displicência. A falta de gestão para defender meus interesses. A área que não era de ninguém. Aí mostrei que não era uma menininha que estava ali para datilografar. Acompanhava o presidente, falava francês e que tinha valor profissional que tinha que ser transformado em reconhecimento. E além de falar francês tinha uma conversa correta. As coisas começaram a mudar a partir daí. Aí chegou um novo diretor com uma visão completamente diferente do que era aqui e complicou a vida de muita gente. O conjunto estava comprometido. Era aquela coisa escorregadia. Não pode escrever assim, assado. Hoje tem uma visão mais clara. Aí eu fui promovida a gerente.

P. Brigou por isto?

R. Sim. Havia uma questão que só gerente podia ter uma sala. Então falei que o papel que eu exerço é de confiança de responsabilidade. Que eu falava com o diretor de comunicação da França e tinha que atender de uma sala que não era a minha, porque o assunto era confidencial. Eu tinha que fazer o trabalho mais não tinha as condições. Aí ele decidiu que eu teria que ser promovida.

P. Então você brigou pela sala e ganhou a gerência?

R. Sim.

P. E como você vê o seu o seu futuro? Qual o seu projeto para o futuro?

R. Não consigo visualizar o futuro sem estar trabalhando e trabalhando muito. Fica a pergunta. Estou aqui e faço um trabalho que eu curto. Tudo que aprendi, em comunicação, em produção de veículos internos, de texto sei que estou bem. A

linguagem, o cuidado com a forma de transmitir uma notícia, e tudo isto a gente aprende exercitando. Eu não me vejo parando de trabalhar. Mas tem uma porção de coisas que eu faço além de trabalhar. A música, eu faço shows, mas tudo no sufoco dentro do pouco tempo disponível. Eu também faço um trabalho de tradução que eu gosto muito e com isto meu vocabulário esta cada dia melhor. Então eu não sei o que vai ser. Penso as vezes que não vai dar tempo de fazer tudo o que eu quero. É uma roda vida e não vai deixar de ser uma roda viva. E ninguém sobrevive com aposentadoria. Tem que trabalhar. Mas acho que, por exemplo, tenho uma expectativa que daqui a alguns anos tenha cidadania italiana. Já estou buscando porque meu marido tem cidadania italiana. Então talvez em alguns anos eu vou para Portugal, para Itália, trabalhando com as traduções ligadas à França para o Português. Vou investir mais tempo na música, vou estudar coisas que acabei não conseguindo, quem sabe fazer uma faculdade, pós-graduação. Mas acho que o que aprendi é muito mais importante, tem mais peso que uma faculdade, mas para quem esta começando é diferente.

P. E como estão evoluindo estes planos?

R. E vou. Meu marido e minha filha já têm a cidadania italiana. E eu já tenho a permissão de trabalho na Itália. Recentemente eu tirei dois meses de férias. Peguei tudo que estavam me devendo e antecipei mais um pouco, pois precisava ficar dois meses na Itália, casada com italiano, morando toda a família lá para pedir a licença de trabalho e depois a naturalização. Alugamos uma casa num subúrbio de Milão onde esta agora morando a minha filha. Tenho endereço na Itália. Penso que talvez no final do ano que vem posso partir. Já estou aprendendo italiano que é muito parecido com o francês.

P. E como pensa viver lá?

R. A idéia é pegar o fundo de garantia, uma eventual indenização e comprar uma casa lá. Minha filha ficaria morando conosco. Aí eu tenho a minha aposentadoria. Falei para meu marido, você tem a sua, juntando com meu plano de previdência da empresa, e

fazendo alguma coisa lá acho que dá para viver. Eu posso continuar com as traduções, pois trabalho para a França e recebo em euros. Minha filha tem trabalho e pode ajudar nas despesas. Então estou muito animada.

P. Janáina, continuando a entrevista quer acrescentar alguma coisa?

R. Mas eu diria que neste momento da luta por um espaço, e luta por mais salário e que eu talvez a representação disto, através de uma disputa por um espaço físico que era uma sala, é claro que tem muito de subliminar nisto, e uma coisa que teve um peso para que eu conseguisse a promoção e a sala é que de repente as pessoas se deram conta que por profissionais do grupo fora do Brasil, eu era vista com outros olhos. Isto ficou evidente quando o diretor de comunicação interna veio até aqui, com quem eu já havia estado em outras ocasiões e em seminários, e eles viram o trânsito que eu tinha e eles estavam com uma pessoa que tinha um trânsito de igual para igual com o diretor de comunicação do grupo na França. E eles não tinham, dado conta, disto. Isto também pegou. É como o cantor que lança o disco no exterior e só depois que faz sucesso lá o disco é lançado no Brasil. E foi mais ou menos isto que aconteceu e eu gostaria de acrescentar. E foi um detalhe que eu não fiz deliberadamente por que não é meu feito, mas quando surgiu a oportunidade eu fiz questão de exibir que eu era uma profissional respeitada em um ambiente que as pessoas tem que ter valor. E que eles estavam subestimando um profissional competente. Ele esteve aqui eu exibi todo aquele trânsito e como ele dava importância ao que eu falava. Eu fiz questão de agradecer a ele a importância da passagem dele pelo Brasil. Com a sua presença as pessoas perceberam do que eu era capaz.

P. Então o que eu gostaria agora de saber de você é o seguinte: Esta empresa onde você trabalhou todos estes anos é uma empresa que tem uma estratégia de promover o desenvolvimento dos executivos, oferecendo a estes executivos oportunidades de participar de cursos, de programas. É uma empresa que tem até uma universidade corporativa. O que eu gostaria de saber é se você se lembra se no decorrer desta sua trajetória profissional, que em algum momento já tinha a

academia aí, é se você se lembra de algum curso, se algum curso te trouxe algum aprendizado importante, alguma coisa que tenha ficado marcada na sua história desde lá até agora, pois, você continua vivendo, a nossa história não acabou.

R. Eu...Claro que eu me lembro e nem tenho como esquecer, pois, é uma coisa muito importante. Eu fiz vários cursos, participei de vários workshops de formação na academia...Eu me lembro inclusive do primeiro curso de formação que eu participei na academia, que era um curso dos primórdios dos cursos que nós tínhamos aqui: formação de formadores. Mas foi um curso em que eles começaram com esta política de ter formadores da própria empresa, para treinar os colaboradores. Eu me lembro que este curso era dado por uma pessoa muito especial e no último dia o teste maior era o seguinte. Na noite anterior nós fomos dormir com a tarefa de preparar uma apresentação no dia seguinte do assunto que podia ser o assunto que fosse, desde que nos sentíssemos à vontade para falar sobre ele como, uma, um curso que nós estivéssemos dando pra aquele grupo. E eu me lembro que eu estava participando disto com a com uma gerente e aí foi ela que me deu a idéia:

-- puxa Janaína você já fez aula de canto e seria muito legal se falasse sobre aula de canto. Ficava tudo mundo trocando idéias. E você já fez aula de canto e aula de canto vai ser um negócio diferente. Então eu trabalhei no negócio da aula de canto que eu já tinha feito o básico, fiz a apresentação, e inclusive pedi no restaurante que me emprestasse umas rolhas, que nas aulas de canto a gente aprende a articular uma posição cantando com uma rolha aqui entre os dentes, e aí levei as rolhas, ensinei o pessoal a fazer exercício respiratório, ensinei a flexionar sempre os joelhos para não ficar num estado de tensão, o que permite uma posição de descanso, quase automático quando você tem que ficar muito tempo de pé faz uma ligeira flexão nos joelhos, para não sentir o peso, e fiz o pessoal fazer vocalismo com aquelas rolhas na boca, pensam que é fácil, não é, tem isto também. E uma coisa muito importante que aconteceu, foi que quando o instrutor fez a avaliação depois do curso para os participantes ele disse, gente, fiquei impressionado com a autoridade com que a Janaína fala. Eu fiquei impressionado com a autoridade que a Janaína tem para falar. Ela tem convicção, ela transmite, ela tem sabe toda uma verve para fazer todo este processo, e isto é muito importante para uma pessoa que se dispõe a fazer palestras, dar cursos que é um professor transformador. Depois ele

me falou que não tinha dito tudo o que achava para não criar ciúmes no pessoal, mas que realmente ficou impressionadíssimo. E para mim foi muito bom porque a gente não se dá conta disto, vai fazendo, de uma forma espontânea, até insegura, achando que falta algum incremento, alguma coisa.

P. E a partir daí, esta descoberta desta competência, ela te ajudou em alguma coisa, houve algum momento em que você tivesse que fazer alguma coisa, em que você se lembrasse disto que havia aprendido.

R. Sim. O curso em si e mais este retorno do ministrante do curso fizeram que eu tivesse muito mais confiança naquilo que eu estava fazendo. E daí cada vez que eu tinha que fazer um trabalho, primeiro ficou evidente que eu era capaz de colocar as minhas idéias em ordem, fazer um planejamento para organizar uma apresentação. Depois que eu tinha a competência para apresentar isto verbalmente, verbalizar bem, conseguir a atenção das pessoas, provocar atenção. E a partir daí cada vez que eu me via em situações de reuniões, onde eu tinha que expor minha opinião, e argumentar, ou criticar, eu estava muito mais segura, eu sabia que eu estava capaz de fazer aquilo. Que eu era uma pessoa coerente, e a gente até prova em contrário não tem certeza de nada. E eu sou o tipo de pessoa que eu não abro a minha boca assim, para dizer que eu participei. Eu sou capaz de ficar a reunião inteirinha de boca fechada se aquilo que eu for dizer não for alguma coisa coerente, que venha agregar valor e que tenha sentido. Só para marcar presença eu não vou fazer. Então, aquilo me deixou mais à vontade, me deu mais segurança, me deu muito mais habilidade. E a partir daí, passa a ser um exercício, né. Você tem mais confiança naquilo que faz, você não tem medo de afrontar, de discutir, de debater, e estas coisas, é uma, prática, você acaba fazendo como uma coisa do dia-a-dia, como você respira, como você anda, como você canta, dança, fica inerente a você.

P. Tem algum outro?

R. Depois eu fiz um outro curso na academia. Eu não vou lembrar de todos. Mas eu fiz um curso na academia que foi um negócio muito interessante, porque eu tinha anotado na minha agenda que tinha um negócio na academia. E aí me lembro que cheguei meio

desesperada que tinha um compromisso na academia. E aí cheguei no curso, sentei no curso, e me dei conta que o curso não era aquele. Era de intercâmbio com as pessoas, ministrado por uma professora que hoje é uma grande amiga minha. E eu cheguei e depois de um certo tempo eu disse: eu acho que estou no curso errado. E ela falou: puxa que pena, pois, você está tão bem. Daí eu falei: eu não vou sair eu vou ficar, mas você precisa saber que se o meu nome não está aí na lista é porque realmente eu estou no curso errado. E eu fiquei no curso, e no dia seguinte quando voltei, ela ficou toda contente, pois ontem estava por acaso, mas se voltou no segundo dia é por decisão própria. E eu disse, claro, fiz o primeiro dia, vou fazer o segundo. E foi uma coisa muito interessante, pois aí nesta altura eu já era capaz de perceber e avaliar que as pessoas que estavam fazendo o curso, quando elas estavam sendo muito intransigentes, nas respostas que elas davam, e com isto a minha participação acabou ajudando muito à professora, porque eu fiz espontaneamente observações que davam o gancho para o que ela ia apresentar em seguida, como desafios ou propostas de trabalho. Então foi muito, muito interessante, foi muito bom. As pessoas que estavam lá eu aprendi a ter um olhar, não digo um olhar crítico, mas um olhar capaz de avaliar as limitações das pessoas, até onde elas estão chegando, e como tentar fazer com que elas superem aquela limitação, para se tornarem parceiras mais eficazes num processo de trabalho em grupo, num trabalho em conjunto porque elas têm que aprender a eliminar certos bloqueios, certos preconceitos que fazem parte da natureza da gente, mas que no dia a dia profissional não faz sentido. Então uma pessoa que (diz) se não é para ser assim então não quero, e isto não funciona no trabalho não faz sentido. Então é como o menino que diz: eu vou levar a bola embora e ninguém joga. Num ambiente profissional não é assim. E eu achei isto muito importante porque me deu consciência de quanto eu estava amadurecida para poder ter esta visão até mais, menos crítica em relação às pessoas. A entender que as pessoas têm estas limitações não porque querem ter estas limitações. Mas porque isto faz parte da natureza dela e se quisermos mudar isto temos que mudar por um processo, e não por uma imposição. Eu aprendi isto também em relação à música. Porque eu tive que mostrar isto, para alguns músicos com quem trabalhei, com quem eu trabalho, Então um dia comentando isto com um músico, ele disse foi muito bom isto o que você me falou, porque a partir daí eu entendi que certas pessoas fazem um trabalho musical porque é o processo interior dele e se for mudar isto é uma espécie de violência. Ela vai fazer, mas

ela vai fazer como se estivesse sendo violentada porque não é o interior dela. A pessoa quando canta tem que demonstrar o que ela tem no interior dela e eu não entendia isto, eu achava que era porque a pessoa não era capaz de fazer. Não é. É o interior dela que esta sentindo de forma diferente. Então estas coisas todas fizeram parte deste aprendizado. Eu tenho ouvido palestras nos próprios eventos que a empresa organiza com âncoras de evento e que agregam muito valor seja no sentido positivo quanto negativo. Palestrantes que vêm e fazem uma palestra fantástica. Eu fui a uma palestra que fui mestre de cerimônias de um evento onde um consultor que não me lembro o sobrenome dele. O cara chega e faz a palestra toda dele sem nenhum material de apoio. Não tem flip chart, não tem transparência, não tem computador, não tem nada. É ele falando. Ele vem e domina a platéia e você fica presa naquilo que ele esta falando do começo ao fim! Sem perder o fio da meada. Eu achei isto fantástico porque penso que comunicar primeiro de tudo, a primeira expressão de comunicação que a gente tem é poder se comunicar verbalmente. E quem sabe fazer isto bem feito não vai ter problema. Vai saber escrever bem, analisar bem, e o que falta de complemento disto vai ser muito fácil. E quem não comunica bem falando, não vai conseguir escrever, não vai conseguir analisar outros, não vai saber fazer complementos de comunicação.

P. Conta uma coisa mais recente.

R. E a gente tem um exemplo negativo. Nós tivemos um consultor que eu achava que ele tinha um assunto fabuloso. Ele era uma pessoa indicada para falar sobre aquilo, pois era um médico que acompanhou uma equipe que fez uma excursão no Himalaia, que se preparou para ir para lá, ele e o filho, que fizeram um negócio fabuloso. E o cara chegou no nosso evento e falou com uma presença (fraca) e falou como se estivesse falando de abobrinha, e aí eu fiquei inconformada de saber que o assunto era tão palpitante e a pessoa tinha a competência técnica para falar daquele assunto de uma forma que todo mundo ficasse assim, loucas para no dia seguinte embarcar para o Himalaia e fazer a viagem que ele fez, e todo mundo estava louco para ver o homem pelas costas. Risos. Então foi uma pena tudo aquilo. Este foi um evento negativo. Uma pessoa que tem um enorme conhecimento e fez um negócio fabuloso e não tem a menor habilidade para transmitir. Ele deveria ter vindo vestido de atleta, entrar no palco, começar a pedalar, e

de repente começar a resfolegar e dizer: eu vou fazer uma palestra para vocês, mas eu não sou um atleta. Sou como vocês, mas a gente tem formas de se preparar com o planejamento, com os equipamentos organizados, com as informações necessárias, com o pessoal local que te dá dicas. A coisa mais importante que ele falou ao longo da palestra, é que apesar dele ter levado remédios para isto, e para aquilo, chegou lá, e nada disto funcionava e o que realmente funcionava era o que ouviu de um indiozinho, que começou a dar as dicas de que se sentir isto, faz assim, faz assado, porque o ar é rarefeito, e tem o frio, que a gente houve falar, mas na hora do vamos ver, acontecem coisas que não estão escritas em lugar nenhum, e você não sabe o que vai acontecer. Né, então a sua pele começa a gretar e ninguém diz que começa a sangrar, a infeccionar e que acontece uma porção de coisas, então os filmes e os livros que falam disto de forma técnica falam disto muito superficialmente.

P E ele falou sobre isto?

R. Não, sou eu que estou contando.

P. Mas ele viveu isto?

R. Sim, mas ele não falou nada, nada na palestra. Eu fiquei com vontade, mas eu não poderia porque não tinha o contato com a pessoa, mas a pessoa que o contratou deveria ter dito: o que você fez é uma coisa fantástica, mas vamos ver aqui como podemos fazer para que a sua apresentação reflita o que você viveu, porque senão você esta jogando fora, uma experiência, um conhecimento técnico, e que te permite falar, explicar coisas fantásticas e você não esta fazendo. Está jogando fora um conhecimento maravilhoso.

P. E alguma coisa mais recente, dos últimos dois anos, houve algum programa, alguma palestra que tivesse deixado alguma coisa boa da qual você se lembre?

R. Não me lembro. Não me lembro de uma palestra de um curso mais não significa que não tenha havido. Agora posso te dizer o seguinte, que independente de um curso ou palestra, o processo de aprendizado que a gente tem nesta empresa é sempre um negócio

fabuloso. Eu tenho tido a oportunidade de fazer coisas aqui que fazem com que eu tenha cada vez mais a consciência de que eu acho que a vida só tem sentido se você estiver o tempo todo aprendendo. E o aprendendo é de modo geral, não é também ficar atrás de um curso e de outro e chega um momento que a pessoa não faz mais nada e fica somente atrás de cursos. No ano passado eu fui coordenar a participação do Brasil num evento na França. Dois anos seguidos. São vários países que participam e os países fazem alguma coisa, ou um atelier de negócios, um atelier de apresentação de produtos, ou como neste último ano que eu fui, uma soiré com comidas típicas e chefe do Brasil, etc. Por exemplo, o ano passado nós tivemos que produzir material aqui, e levar para lá, banners, vídeos, imagens para decorar, etc. E chegamos lá, começaram a dificultar um pouco aquilo que nós tínhamos previsto fazer em termos de decoração. Então eu simplesmente disse para o pessoal: Olha, antes de simplesmente vir para cá e trazer todo este material, a gente mandou E Mail, falou ao telefone, eu perguntei como poderia pregar e em nenhum momento me disseram que não podia. Disseram que com cola, com fita crepe, com tachinha, com qualquer coisa. Então eu não aceito que agora este banner lindo maravilhoso que eu queria pregar na porta do local onde será o espaço brasileiro, não pode ser colocado. Pois nós gastamos dinheiro para produzir, para transportar, e eu quero colocar. Senão não teria feito. Se dissessem que não poderia ser colocado não teríamos feito.

P. E eles?

R. Eu falei como um desabafo. Se tiver que dizer alguma coisa eu digo. Alguns minutos depois, vieram o diretor disto, o diretor daquilo, olharam e disseram: amanhã cedo a gente coloca. Então aprendi que às vezes você dizer o que você pensa leva as pessoas te respeitarem um pouco mais. Eu disse aquilo mais numa forma de, realmente de desabafo. Ora, se eu soubesse que isto não poderia ser colocado aqui nós não teríamos perdido tempo, energia, dinheiro para trazer isto aqui. Então acabaram colocando. Então é ainda aquele aprendizado da vida.

P.É este o meu ponto, eu queria te perguntar isto. Você tem uma vida super rica, em termos profissionais. Você ocupou posições diferentes, teve uma ascensão

profissional, coisa que nem todo mundo tem, esta oportunidade e ao mesmo tempo viveu numa organização que se propõe a educar as pessoas. Se você tivesse que dar um conselho para estas organizações no sentido de: proporcione experiências, como você esta dizendo, a viagem, o projeto, ou financie cursos, só dá para fazer um, o que você escolheria para recomendar às empresas?

R. Experiência ou curso?

P. Proporcionar experiências diversificadas ou cursos como você teve.

R. Eu diria que a experiência neste caso é mais importante com o curso.

P. Por quê?

R. Porque se a pessoa fizer somente o curso ela vai ficar no curso. Agora se tiver a experiência pode até vir a fazer o curso futuramente. É fazer aquilo que eu fiz. Eu falo francês fluentemente há muito tempo. Mas eu fiz um curso na Aliança Francesa, superior, faculdade de Nancy, porque eu fiz este curso, assim, pois tudo que acontecia lá eu sabia. Fui para ter uma espécie de endosso daquilo que eu já fazia.

P. Me explica este processo para eu entender melhor. Quando você disse que foi buscar o endosso daquilo que você já sabia.

R. Que eu já sabia. Eu fui buscar o reconhecimento escolar que é uma coisa que eu já sabia.

P. Já falava francês?

R. Já escrevia e já falava. E é uma coisa que já te falei. Acho que é uma coisa de vida anterior. Desde que eu me entendo por gente já queria falar francês. Eu dizia para as coleguinhas: eu não quero fazer curso normal, eu quero fazer o ginásio.

P.O colegial?

R É o colegial porque tem inglês e francês. E eu quero fazer francês. E aí aproximava que tinha aproximando consoantes e vogais para formar sílabas e sílabas para formar palavras, e provavelmente, deveria haver consoante e vogais que eu iria aproximar para aprender outras línguas. Eu nem sabia que eram as mesmas consoantes e vogais da nossa língua. Mas meu raciocínio, de uma forma infantil era este. Vou aprender o a é i o u, misturar com consoantes para formar palavras. E toda vez que eu pude fiz cursos de francês. Fazia 3 meses e tinha que parar. 2 meses e tinha que parar. Estava numa fase de trabalho muito principiante e mudava de lugar. Eu sei que um total de poucos meses, três aqui, dois ali, eu estava capaz de falar. Fui fazer o teste e eu falava. E aí fiz curso na Aliança Francesa, mas fiz de conversação. E quando vim trabalhar aqui, vim porque o anúncio dizia: procura-se secretária com conhecimentos de francês. Eu vim, fiz o teste. Expliquei que os meus conhecimentos de francês, era limitado, mas tinha muita vontade de evoluir e para evoluir eu achava que trabalhando numa empresa, que aplicasse seria muito mais fácil. E desde então estou aqui até hoje. E realmente evolui, então pensei: se eu falo, escrevo, então vou fazer um curso para ter o reconhecimento oficial. Então fui na Aliança e falei para a diretora. Ela me disse você fala? Eu sugeri fazer um teste. E ela começou a falar francês comigo. Quando terminou ela falou: Você poderia começar agora, mas acho que poderia entrar no último estágio que começa em alguns meses, mas se quiser você entra neste que esta na fase final e a partir do ano que vem entra no curso superior de francês, já tendo o convívio aqui na escola. Se quiser, senão deixa para se matricular no ano que vem. Eu disse que queria começar. Então comecei a fazer, fiz durante 3 anos e meio, porque meio ano foi este que não tinha curso. Me lembro do primeiro exame que nós fizemos. O exame é feito por professores que vem da França e ainda estava todo mundo num estresse, falando: porque eu não vou passar...exame oral. E quando chegou minha vez eu fui. E no dia seguinte quando cheguei para a aula a minha professora falou: as alunas me falaram que não sabem o que você fez que o professor estava uma seda quando elas foram fazer o exame(risos). Eu só conversei com ele de igual para igual, e toda aquela imagem horrorosa, que elas tinham da pessoa, do professor que era um bicho de sete cabeças, o bicho papão, não era nada daquilo, tudo paranóia da pessoa que esta insegura. Então eu fiz este curso não digo com facilidade

porque o programa era pesado. A gente tinha literatura, e tinha que fazer uma avaliação desta literatura, análise, etc. E fazer isto numa língua estrangeira não é para qualquer um. Mas eu não tive muita dificuldade porque eu me comunicava bem, escrevia bem, entendia bem, meu problema maior era só o fator tempo. Eu sempre passei muito bem e o único ano que não passei com anota máxima foi o ano que a minha mãe morreu, porque eu não consegui dar o mesmo pique. Então tive: assez bien e não três bien.

P. Quantos anos o curso?

R. Três anos. Mas acho que é um curso muito, muito bom. Ao mesmo tempo que esta fazendo um aprendizado da língua, que não é um aprendizado mais um aperfeiçoamento, pois todas as pessoas que estão lá já sabem falar a língua, as pessoas podiam até comunicar com menos facilidade que eu, mas todos eram capazes de se comunicar. E tínhamos uma série de avaliações de períodos de guerra. Me lembro que estávamos analisando o período da guerra e analisando o problema dos maquis. Os maquis eram os que queriam colocar para fora os invasores. Mas estávamos analisando os outros que até aparentemente colaboravam com os invasores, e ela perguntou o que a gente faria. Então eu falei: tem dois lados aí. Primeiro a gente esta aprendendo francês porque o Hitler perdeu a guerra, senão a gente estaria aprendendo alemão e não francês. Segundo precisa avaliar como a pessoa esta naquele momento. Se eu estivesse lá sozinha seria uma das maquis. Mas se eu estivesse lá, com filhos, com marido escondido, eu ia ficar quietinha e fazer de conta que estava tudo bem. Podia fazer por trás, dar apoio e fazer alguma coisa. Mas na frente ia parecer aceitação. Então eu acho que todas as análises que a gente possa fazer, pois as pessoas tinham situações que nós nunca pudemos avaliar porque nunca vivenciamos antes. Sabe, é a velha história. Na primeira vez que fui ao México falei: me expliquem o que a gente tem fazer se tiver um terremoto, porque na minha terra não tem terremoto. Na minha terra não tem terremotos e a gente não tem a menor cultura de terremotos. Então eu ainda posso criar um grande problema para vocês se não me explicarem o que a gente tem que fazer.

P. Eu não tenho mais nada para te perguntar. Você tem mais alguma coisa para declarar, alguma coisa que você queira me falar sobre o trabalho, o aprendizado no trabalho...

R. A gente já disse isto, mas se é para reforçar, eu acredito piamente que quando as pessoas são engajadas elas aprendem através de cursos ou não. E a gente tem tido oportunidade de confirmar isto nesta empresa. Tem muita gente aí fazendo o seu caminho na maior garra, tendo feito cursos ou não. Eu acho que fazer o curso muitas vezes é a chavinha que dá o clique na cabeça de algumas pessoas e que faz com que eles tenham a percepção de quão importante é aprender. Mas o aprendizado na teoria para mim não tem muito valor. O aprendizado tem que ser na prática e entre fazer o curso e aprender na prática, eu prefiro aprender na prática. Eu vejo muito isto quando mexo em computador, o pessoal tem mania de falar: você tem que ler o manual! E você pega um computador deste tamanho e um manual grandão, né, parece um cofre forte! Eu não vou ler isto. Faço como as crianças fazem. Vou mexendo em tudo e vou descobrir e vou fazer. Tempo é um negócio muito sério. Não dá tempo para ler o manual. Hoje eu posso fazer um curso. Já me matriculei na academia para fazer um curso de Excel. Mas hoje tenho uma vivência que vai me permitir entender muito mais rapidamente as instruções que o instrutor vai passar para mim, e até poder me antecipar em alguma coisa, dar menos trabalho para ele nas aulas, e aproveitar muito mais porque já tenho uma vivência maior.

P. E porque você resolveu fazer um curso de Excel?

R. Porque a gente trabalha com planilhas. E a gente tem uma ferramenta fantástica nas mãos e que a gente não aproveita todas as possibilidades dela. E não adianta ficar trabalhando em Excel como se trabalha com Word que não tem nada a ver.

P. E o que você faz com Excel?

R. Trabalho com planilhas de controle de orçamento. E este projeto compartilhar que existe aqui que o professor é alguém que se dispõe a ensinar algo que sabe. Dar aula

como voluntária de alguma coisa que faz bem, eu me dispus a dar aulas de francês. Desde que seja no horário das 18.00h às 19.00h, pois, na hora do almoço dificilmente estou livre. Estão procurando professor de francês eu me dispus. Eu já dei aulas de francês em casa, mas sempre para gente que já sabia se comunicar. Então vai ser um novo aprendizado para mim. Então eu sempre parto do princípio que a gente sempre aprende quando está ensinando alguém. A melhor forma de aprender é ensinando alguém. Então eu vou aprender a dar aula de francês para as pessoas de nível inicial. Eu acho isto fabuloso e muito importante.

P. Agradeço muito. Segue o mesmo termo de consentimento que diz que não posso revelar nem a sua identidade e nem o nome da empresa, e o material fica comigo à disposição da banca, caso eles não considerem suficiente o que consta das transcrições. Mas não pode ser revelado o seu nome.

R. OK. E se precisar de mais alguma coisa pode me procurar. FIM.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)